

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

DENISE GISELE SILVA COSTA

**MENTALIDADES: DESAFIO PARA O SERVIÇO SOCIAL E PARA O SAPATO
FRANCANO.**

FRANCA

2007

DENISE GISELE SILVA COSTA

**MENTALIDADES: DESAFIO PARA O SERVIÇO SOCIAL E PARA O SAPATO
FRANCANO.**

**Dissertação para obtenção do Título de
Mestre em Serviço Social, apresentada à
Faculdade de História, Direito e Serviço
Social, da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Área
de concentração: Serviço Social:
Trabalho e Sociedade.**

**Orientadora: Profa. Dra. HELEN
BARBOSA RAIZ ENGLER**

FRANCA

2007

DENISE GISELE SILVA COSTA

**MENTALIDADES: DESAFIO PARA O SERVIÇO SOCIAL E PARA O SAPATO
FRANCANO.**

**Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Serviço Social,
à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Área de concentração: Serviço Social e
Sociedade.**

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Profa. Dra. Helen Barbosa Raiz Engler

1º. Examinador: _____

2º. Examinador: _____

Franca, ____ de _____ de _____

Dedico este trabalho ao meu grande amor, Rimenez, sempre presente, incentivando e compreendendo a todo momento. Te amo.

Aos meus lindos e amados filhos, Maria Antônia, João Paulo e a Clara, este bebê que ainda carrego em meu ventre, a Luz da Vida vem de Vocês.

Aos meus queridos pais Bela e Ditinho, por toda simplicidade que faz da vida o dom maior, obrigado por estarem sempre comigo.

Aos meus sogros, D. Cida e Sr. Paulo pelas palavras de incentivo e confiança em mim.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me ilumina, me protege e me compreende em todos os instantes da minha existência.

À minha orientadora e amiga Profa. Dra. Helen Engler, pela compreensão, incentivo e amizade, a mim despendidos nessa trajetória. Muito obrigada por tudo.

Ao Prof. Dr. Agnaldo de Sousa Barbosa pela atenção e auxílio para a efetivação deste estudo.

Aos sujeitos colaboradores, micros e pequenos empresários do setor produtivo de Sapato, pela atenção e colaboração. Sem vocês este estudo não seria possível.

**“Bom mesmo é ir à luta com determinação,
abraçar a vida com paixão,
perder com classe e vencer com ousadia,
pois o triunfo pertence a quem se atreve ...
E a vida é muito para ser insignificante”**

Charles Chaplin

RESUMO

Essa pesquisa tem o propósito de fazer uma intersecção entre os atores sociais, micro e pequenos empresários do setor produtivo de Sapato e a atuação do Serviço Social neste ramo. Para tanto abordou-se questões referentes ao mundo do trabalho, as mudanças sofridas com o processo de intensificação da globalização, entre elas, a reestruturação produtiva e seus impactos na realidade, e em específico no setor produtivo de Sapato de Franca-SP. Realizou-se uma análise sobre a questão das mentalidades com o intuito de obter subsídios para uma análise mais contundente da mentalidade deste ator social com a finalidade de conhecer as suas especificidades, concomitantemente evidenciou-se os traços de mentalidade mais prementes no perfil do profissional de Serviço Social para entender a sua atuação neste setor. Verificou-se uma realidade ainda pouco conhecida onde os empresários mostraram-se com fortes traços de operários, cem por cento dos sujeitos colaboradores são ex-funcionários de outras empresas, e possuem ainda estruturas industriais mais simples, com ênfase no objetivo de sobrevivência, deles e dos núcleos familiares que deles dependem. Quanto ao Serviço Social foi possível aperceber-nos de que pelo fato da atuação mostrar-se limitada muitas vezes por questões de cunho ideológico não foi possível uma expansão da atuação neste campo, pelo contrário a redução é extremamente evidente. Sendo assim, o principal objetivo foi o conhecimento destas realidades em estudo com o intuito de propor novas possibilidades de atuação do assistente social, que venham de encontro às expectativas e necessidades dos atores sociais em questão. Para isso usamos a pesquisa qualitativa através do método da história oral temática e concomitantemente o método quantitativo através de formulários para uma melhor apreensão desta realidade. As narrações de nossos sujeitos colaboradores nos permitiram identificar uma realidade ímpar, onde há a existência de seres “híbridos” nem operários, nem empresários, talvez empreendedores, sobreviventes ou mesmo artistas, apenas Homens-do-Sapato. Para haver uma atuação efetiva do Serviço Social é necessário empenho em questões metodológicas e práticas com uma mudança no perfil apresentado até então, o campo mostra-se carente da atuação do Serviço Social, mas um “novo” Serviço Social, mais aberto e contemporâneo, que possa propor “novas” possibilidades para a realidade em questão.

Palavras-chave: trabalho; micro e pequena empresa; Franca - São Paulo; Serviço Social; mentalidade.

RESUMEN

Esa pesquisa tiene el propósito de hacer una intersección entre los actores sociales, micro y pequeños empresarios del sector productivo de zapato y la actuación del Trabajo Social en esta rama. Con esto, fue hecho el abordaje de las cuestiones tocantes al mundo del trabajo, los cambios sufridos con el proceso de intensificación de la globalización, entre ellos, la reestructuración productiva y sus impactos en la realidad, y en específico en el sector productivo de zapatos de Franca-SP. Fue realizado un análisis a respecto de la cuestión de las mentalidades con el desígnio de obtener subvención para un análisis más contundente de la mentalidad de este actor social a fin de que se conozca sus especificidades, concomitante se evidenció los rasgos de la mentalidad que más se destacan en el perfil del profesional de Trabajo Social para entender su actuación en este sector. Notamos una realidad aún poco conocida donde los empresarios se pusieron con fuertes rasgos de operarios, cien por ciento de los sujetos colaboradores son antiguos empleados de otras empresas, y poseen todavía estructuras industriales más sencillas, con énfasis en el objetivo de sobrevivencia de ellos y de los núcleos familiares que de ellos dependen. Cuanto al Trabajo Social fue posible notar que por la actuación presentarse limitada, muchas veces por cuestión de cuño ideológico no fue posible una expansión de la actuación en esta esfera, en contrario la reducción es extremadamente evidente. Así, el principal objetivo es que a través del conocimiento de estas realidades en estudio se puede proponer nuevas posibilidades de actuación del Trabajo Social, que vengan de encuentro a las expectativas y necesidades de los actores sociales en cuestión. Para eso, utilizamos la pesquisa cualitativa a través del método de la historia oral temática para una mejor aprehensión de esta realidad. Las narraciones de nuestros sujetos colaboradores nos permitieron identificar una realidad impar, donde existen seres “híbridos” ni operarios, ni empresarios, quizá emprendedores sobrevivientes o aun artistas, sólo “hombres del zapato”. Para que haya una actuación efectiva del Trabajo Social es necesario empeño en las cuestiones metodológicas con un cambio en el perfil presentado hasta ahora, el campo carece de la actuación del trabajo social, pero un “nuevo” Trabajo Social que pueda proponer nuevas posibilidades para la realidad en cuestión.

Palabras claves: trabajo; micro y pequeña empresa; Franca – São Paulo; Trabajo Social; mentalidad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO Iniciando a reflexão	10
2 A TRAVESSIA DO SAPATO DE FRANCA	21
2.1 Sapato Francano: do local ao global	25
2.2 Reestruturação Produtiva: mudando rotas no Sapato francano	37
3 A MENTALIDADE DOS “HOMENS-DO-SAPATO”	55
3.1 A mentalidade tradicional: sujeitos da história do Sapato	59
3.2 A mentalidade empreendedora: empreendedores, sobreviventes ou artistas.....	78
4 O DESAFIO DAS MENTALIDADES: SERVIÇO SOCIAL E SAPATO FRANCANO	86
4.1 Serviço Social e Sapato: a história dessa área de trabalho	87
4.2 Serviço Social e Mentalidade: o ponto de intersecção para o desbravamento do novo	100
5 CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES:	128
APÊNDICE A- Roteiro de entrevista	129
APÊNDICE B – Formulário	130

1 INTRODUÇÃO

Iniciando a reflexão ...

Este trabalho tem como ponto central a análise da mentalidade dos atores sociais, micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapato e uma possível atuação do Serviço Social nesta realidade.

Entendemos ser bastante significativo pensar a respeito destes atores sociais, que representam 90% das indústrias do setor produtivo de sapato de Franca. Pouco se sabe sobre suas peculiaridades, suas características, dos traços constitutivos de sua mentalidade, pois comumente estão sujeitos a análises generalizantes, onde perde-se muito do real.

Estes atores sociais mostram-se como seres híbridos, ex-operários que por força das circunstâncias tornaram-se empresários, mas que permanecem com características muito próximas do operariado e distantes do empresário, enquanto detentor do capital, poder e *status quo*.

O processo de globalização afetou profundamente a dinâmica de acumulação de capital e as formas de organização do trabalho. Porém em alguns setores as mudanças tiveram pouca intensidade. Como por exemplo a indústria de fabricação de sapatos que segundo Barbosa (2006a) neste setor a habilidade manual ainda apresenta elevado grau de importância pois pode significar um acesso para o meio empresarial e a capacidade criativa um aspecto relevante a explicar a emergência de empresários do setor, uma vez que o capital não é fator decisivo para se iniciar um negócio.

Historicamente este empresariado apresenta traços de mentalidade tradicional, baixo nível de cooperação, frágeis relações de confiança no interior da cadeia produtiva, ostentação social e utilização de modelos obsoletos de gestão. No estudo aqui proposto pode-se averiguar que há um processo de alteração – reconstrução deste perfil, levando-se em consideração que trata-se de um processo lento e progressivo, mas que já apresenta alguns avanços.

As reflexões aqui propostas situam-se tanto na pesquisa qualitativa quanto na quantitativa, com ênfase na qualitativa utilizando-se o método da história oral temática, pois este possibilita que a atividade de pesquisa reúna condições de apreender os aspectos ocultos dos episódios que marcam e/ou marcaram a mentalidade dos sujeitos em questão. Verifica-se nesse método férteis possibilidades em trabalhar com a pluralidade, com o diálogo que não traga em si as nuances já pré-determinadas pelo objeto do pesquisador e da própria pesquisa.

Nesse sentido esse método é democrático, pois evidencia “abrir as portas” das pesquisas para os sujeitos ocultos pela história oficial.

Uma vez que:

[...] traz à discussão temáticas, questões, indagações e dimensões do social e da história que extrapolam os cânones e preocupações convencionais de algumas tradições das Ciências Humanas e Sociais. Rompendo fronteiras ela inaugura caminhos, modalidades, temáticas e formas de pesquisa, abrindo-se ao tempo, aos sujeitos, aos lugares. Numa arquitetura plural, ela se abre à diversidade, mostrando sua face ‘transformista’, ‘argilosa’ e ‘nômade’.
(TEIXEIRA, 2004,p. 156, destaque do autor)

Assume-se desta forma uma postura aberta e reflexiva, sendo esta a proposta deste estudo, trazer à tona aspectos novos, um novo olhar sobre esta realidade, tendo o sujeito uma significância extrema, ele enquanto ator social, humano, que apresenta uma gama de particularidades. Sendo assim tentamos evidenciar também os sentimentos, as lágrimas, os risos, os sonhos, as decepções, seu modo de vida muitas vezes simples e provinciano mas carregado de valor, considerado aqui como fator principal do estudo.

Nesta metodologia os entrevistados, são tidos como colaboradores¹, o cerne de todo o estudo, sendo de extrema importância o respeito na condução de todo o processo, desde o contato inicial até a finalização da coleta de dados. Daí a opção de tratá-los durante todo o percurso deste trabalho como sujeitos colaboradores.

Diante desta postura, o caminho percorrido foi de primeiramente entrarmos em contato com o Sindicato Patronal das Indústrias Calçadistas de Franca o qual nos forneceu uma lista contendo todos os associados já devidamente caracterizados por seu porte. Cabe aqui ressaltar que o critério utilizado para a classificação de porte das empresas é o utilizado pelo Sebrae, sendo o de números de pessoas ocupadas, micro empresa – de 1 a 19 funcionários; pequena empresa – de 20 a 99, sendo este o universo escolhido.

O número de empresas de fabricação de sapato enquadrados neste porte é expressivo sendo 552 micro e 132 pequenas, selecionamos para amostra 4 micro e 4 pequenas empresas, tal número mostra-se viável considerando que trabalharemos com o método da história oral temática que proporciona inúmeros fatores relevantes,

¹ [...] usa-se deliberadamente a palavra ‘colaborador’ para o narrador, pois afinal, o trabalho com a entrevista é algo que demanda dois lados pessoais e humanos. ‘Colaborador’ é um termo importante na definição do relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado. É sobretudo fundamental porque estabelece uma relação de compromisso entre as partes. (MEIHY, 2002, p. 108, destaque do autor)

uma vez que um número superior seria inviável para a efetivação do que se propõe, uma análise profunda que traga traços de mentalidade. Usamos também como critério de seleção o espaço geográfico da cidade, englobando todas as regiões, a fim de se comprovar que esta realidade é comum por toda a cidade e não somente em determinadas regiões.

Após a seleção desta amostra entramos em contato telefônico com os sujeitos colaboradores e neste primeiro contato já explicitamos do que se tratava o estudo, nossos objetivos e a metodologia a ser utilizada. Marcamos a data, local e horário com antecedência de acordo com a disponibilidade de cada sujeito. Interessante notar que neste processo de contatos apenas um micro empresário não pôde nos atender, desta forma entramos em contato com outro o qual se prontificou de imediato, ficando patente a disponibilidade de todos.

Em relação à coleta de dados, no início da entrevista esclareceu-se novamente do que se tratava o estudo, solicitando-se aos sujeitos colaboradores que assinassem um termo de consentimento para que houvesse as entrevistas. A identidade destes foi preservada mediante a utilização de nomes fictícios, sendo este procedimento também a eles explicitado, a fim de cumprirmos os preceitos éticos da ciência, uma vez que seus relatos é que nos interessa e não sua identidade. Tais relatos foram gravados e posteriormente transcritos.

Nossos sujeitos colaboradores foram interpelados a partir de um roteiro de perguntas que nortearam nossas indagações, uma vez que o método da história oral temática assim permite.

Por partir de um assunto específico e previamente estabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido. [...] Nesse ramo da história oral, a hipótese de trabalho é testada com insistência e o recorte do tema deve ficar de tal maneira explícito que conste de perguntas a serem feitas ao colaborador. (MEIHY, 2002, p. 145-146)

A outra modalidade de pesquisa utilizada, a quantitativa, teve sua expressão em formulários aplicados junto aos sujeitos colaboradores a fim de se levantar dados quantificáveis, como há quanto tempo possuem suas empresas estabelecidas, números de funcionários na data de fundação e atualmente, número de funcionários com grau de parentesco, produção diária e existência ou não de benefícios, todos

esses dados no início da empresa e atualmente, para se entender as condições iniciais destes empreendimentos e sua evolução durante os anos.

Tal postura em assimilar dados qualitativos e quantitativos é aceito pelo método da história oral temática rompendo assim antinomias.

[...] entre elas antinomias: indivíduo/sociedade. objetividade/subjetividade; parte/todo; macro/micro; ação/estrutura. Rompendo-se a dualidade quantitativo e qualitativo, uma vez que em pesquisas com História Oral devemos combinar, se necessário não somente o que colhemos nas entrevistas, nas observações de campo, nas fontes documentais, também o que se obtém por questionários, procedimento usual nos estudos quantitativos, ao lado de outros encaminhamentos investigativos pelos quais podemos e levamos à consideração e análise aspectos quantitativos e qualitativos dos objetos de estudos. (TEIXEIRA, 2004, p. 157)

Para Engler (2006) cabe observar que a controvérsia entre a complementariedade ou a dissociabilidade na realização da abordagem quantitativa e qualitativa continua e, por isso, a tolerância e o pluralismo epistemológico justificam a não utilização de uma única abordagem de pesquisa.

Através dos dados obtidos foi possível verificar que nesta amostra em específico, a maioria das empresas iniciaram suas atividades na década de 1990, este período apresentou acentuada expansão das estruturas fabris de confecção de sapato em todo o pólo.

Década	Número de empresas
1970	1
1980	2
1990	5

Quadro-1 Fundação das empresas

Fonte: Pesquisa empírica.

Das empresas caracterizadas como de pequeno porte, apenas 1 teve sua fundação na década de 1990, as restantes iniciaram suas atividades em décadas anteriores, 1970 e 1980. Todas as micro empresas iniciaram suas as atividades na década de 1990.

Quase todas as empresas apresentaram uma significativa evolução em relação a suas estruturas, número de funcionários e de pares produzidos, algumas apresentaram oscilações, que naturalmente acontecem no setor.

Sujeito colaborador	Nº funcionários		Produção / pares	
	início	atual	início	atual
João	2	75	12	600
Paulo	2	18	4	200
Maria	5	80	50	820
Antônio	2	83	10	1000
Carlos	1	3	5	60
Manoel	3	18	30	200
Cida	4	4	70	100
José	2	44	15	400

Quadro -2: Evolução das empresas

Fonte: Pesquisa empírica.

Tais dados quantitativos têm a função de complementar e auxiliar na visualização de alguns fatores. A combinação entre abordagens distintas, qualitativas e quantitativas contribuem para uma melhor análise da questão posta.

Mas ressalta-se que o cerne principal deste estudo está nas falas de nossos sujeitos colaboradores, suas experiências de vida e visões de mundo são essenciais para se traçar seu perfil, e a partir daí verificar possibilidades e propor formas de intervenção nesta realidade.

Estes dados muitas vezes não se encontram em documentos oficiais, foram por nós buscados em suas narrações e versões expostas, considerando seus destaques, omissões, distorções e silêncios que nos permitiram penetrar e entender a realidade vivenciada.

Esperamos trazer a tona aspectos relevantes sobre esta realidade e poder contribuir de alguma forma com outros estudos, que apresentarão outros enfoques e olhares, essa é nossa intenção enquanto pesquisadores.

Dentro desta perspectiva de trazer as especificidades, as particularidades, singularidades e expressões de nossos sujeitos colaboradores optou-se por adotar a palavra *sapato* e não *calçados*, da mesma forma setor produtivo de sapato e não setor calçadista, com a intenção de trazer um aspecto mais próximo da realidade vivenciada, um “ar” provinciano, traz a conotação de artesanal, nos remota ao trabalho realizado nas oficinas, nas pequenas estruturas produtivas. O sapato feito com arte, o sapato como um diferencial em suas vidas, com um valor único não necessariamente monetário, mas um valor pessoal, significativo, tendo no ofício de fabricá-lo vários sentidos. Ao contrário, setor calçadista e calçados traz a conotação de grandes empresas, de produção em grande escala, o calçado como mais um produto e não àquele composto por valores pessoais e sentimentais.

O trabalho aqui apresentado foi dividido em 3 capítulos que se decompõem em 2 subcapítulos cada, esta formatação objetiva trazer os aspectos relevantes do estudo em questão com clareza, objetivando uma leitura reflexiva com a intenção de proporcionar um progressivo entendimento sobre o tema apresentado.

Dentre os objetivos propostos tem-se a intenção de compreender as mudanças e implicações no mundo do trabalho. Com a intensificação do processo de globalização a reestruturação produtiva tomou um vulto surpreendente afetando todo o globo. Ressalta-se que apesar de haver um processo de dimensões globais as reações no âmbito local e seus efeitos variam de realidade para realidade.

No capítulo 1, intitulado: “A TRAVESSIA DO SAPATO DE FRANCA”, fizemos um levantamento dos pontos que foram determinantes para o início da fabricação do sapato na cidade de Franca, desde seus primórdios, entendemos que tais fatores influenciaram diretamente a condição atual do setor produtivo de sapato. Recorremos à aspectos históricos que foram de suma importância para uma base conceitual que permitisse o pleno entendimento de tal questão, compreendendo um período desde a formação da cidade, passando pelo início da fabricação de artigos de couro, a incipiente confecção do sapato até o início da manufatura. Seguidamente levantamos aspectos preponderantes para a consolidação do pólo produtivo de sapato, trazendo algumas características de seus pioneiros, que já forjavam uma mentalidade empresarial no meio, evidenciando os avanços e retrocessos neste percurso de maturação da mentalidade. A questão do auxílio governamental que por muito tempo mostrou-se ausente, e o momento em que houve uma reversão desse quadro, no período militar em que os incentivos aos grandes e médios empresários passaram a ser constantes. Este período mostrou-se extremamente fértil para a consolidação e ampliação do setor, no entanto, no que diz respeito a questão da mentalidade provocou um certo retrocesso, uma vez que ocasionou uma acomodação dos empresários dos setor, que passaram a apresentar traços de dependência à esfera governamental, não utilizando características como autonomia e dinamismo para o seu fortalecimento.

Ao final do governo militar, os incentivos foram suspensos, fazendo com que o empresariado sentisse dificuldades para se manter no mercado. Tal situação agravou-se com a abrupta abertura de mercado e posterior alteração na taxa de câmbio, prejudicando sobremaneira a sobrevivência do setor.

Neste capítulo objetivou-se também suscitar aspectos relevantes para a reflexão e entendimento do processo de intensificação da globalização tendo na reestruturação produtiva um de seus eixos centrais. Para tal, discorreu-se sobre a temática utilizando autores importantes que trouxeram a tona aspectos que possibilitassem olhares diferenciados, contribuindo assim para a ampliação de perspectivas a respeito de tal temática, amplamente difundida.

Importante ressaltar que na década de 1990 se intensifica o processo de reestruturação produtiva do capital no Brasil, este processo vem se efetivando de formas diferenciadas de acordo com o ramo produtivo e a realidade regional, comportando elementos de continuidade e descontinuidade em relação às fases anteriores, marcadamente pela mescla de sistemas de produção que coexistem em um mesmo espaço.

Os reflexos da reestruturação produtiva na estrutura fabril local ao mesmo tempo em que “expulsou” um grande número de trabalhadores das indústrias, também contribuiu para disseminar uma cultura empreendedora entre estes mesmos trabalhadores. Sendo possível graças às reduzidas barreiras impostas pelo setor à entrada de novos estabelecimentos, o “saber fazer” é a chave de transposição da condição operária ao patronato. A dinâmica da reestruturação produtiva, intensificou o trabalho domiciliar mas ao mesmo tempo contribuiu para disseminar o *know-how* de fabricação do sapato por amplas camadas da classe trabalhadora, ao facilitar o acesso à concepção de modelos, design e materiais num ambiente propício ao estabelecimento por conta própria, o “turbilhão da reestruturação” também gerou uma multidão de novos empreendedores, não sendo por acaso que quase dois terços dos empresários surgidos a partir de 1990 tem origem operária.

Todo este contexto incide diretamente na formação de traços de mentalidade que refletem diretamente na realidade vivenciada.

No capítulo 2: A MENTALIDADE DOS “HOMENS-DO-SAPATO”, propusemos uma reflexão acerca da mentalidade dos atores sociais, micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapatos de Franca. Para tanto levantamos aspectos conceituais referentes á mentalidade, citando autores que se mostraram relevantes neste tema, tal levantamento teve a intenção de nortear o leitor em relação a esse aspecto considerado fundamental para o entendimento do que se propõe.

Posteriormente realizamos uma análise a partir das falas de nossos sujeitos colaboradores com o intuito de juntamente com a bibliografia específica, inclusive com o uso de reportagens de um jornal local, evidenciar fatores preponderantes para o entendimento da mentalidade tradicional dos atores sociais, e vislumbramos a possibilidade de levantar aspectos que caracterizassem uma alteração no quadro posto. A necessidade de levar em conta fatores específicos da indústria de sapatos francana, o acesso ou não aos mecanismos de amparo disponibilizados pelo Estado, o espaço geográfico onde está inserida e aspectos peculiares de sua formação, mostraram-se elementos essenciais para o entendimento da realidade atual destes atores sociais

Em seguida propusemos a análise do empreendedorismo presente em conceitos comuns, com base na bibliografia consultada, para a identificação de tal fator nas falas analisadas. Sendo possível identificá-lo mesmo que de forma parcial em atitudes comuns no cotidiano daqueles que se propõe a ter uma fábrica de sapato. Diante do exposto foi possível constatamos traços empreendedores como criatividade e superação, mesmo que limitados pelo próprio contexto o qual a realidade está inserida. Sendo assim levantaram termos como artistas e sobreviventes, para caracterizar os empreendedores frente às dificuldades causadas no enfrentamento constante do mercado.

No terceiro e último capítulo : O DESAFIO DAS MENTALIDADES: SERVIÇO SOCIAL E SAPATO FRANCANO, propusemos inicialmente uma análise acerca do processo histórico do Serviço Social objetivando caracterizar fatores relevantes para a construção da mentalidade profissional. Buscamos aspectos preponderantes que se manifestaram no “berço” do que viria a ser o Serviço Social, a forte influência religiosa, em especial do Catolicismo, com foco no assistencialismo enquanto ajuda aos necessitados, sendo estes percebidos não como sujeitos de direito mas sim “pobres coitados” tais ranços ainda são percebidos na atuação profissional. Tentou-se trazer aspectos primordiais para a evolução da profissão, em especial o movimento de “Reconceituação” e sua colaboração para uma mudança em sua prática e na forma de ver o usuário, deixando de ser apenas um usuário para transformar-se em sujeito.

Tal movimento trouxe modificações de suma importância para o amadurecimento do Serviço Social enquanto profissão interventiva e propositiva. No entanto alguns traços de cunho ideológico foram incorporados de forma radical pelos

assistentes sociais, prejudicando a sua prática em determinados campos, em especial àqueles que se colocavam diretamente no embate capital X trabalho, dentre eles a empresa.

Em Franca houve um período em que havia uma prática efetiva em um relevante número de empresas, mas devido há inúmeros fatores este campo foi se extinguindo, atualmente há poucos assistentes sociais atuando nas empresas deste setor.

Dentro dos fatores principais pode-se dizer que o de cunho ideopolítico é o principal deles, causando incompatibilidade de mentalidades entre empresários e profissionais de Serviço Social, inviabilizando assim uma prática efetiva e extensiva em tal realidade.

Realizamos a análise dos principais traços de mentalidade tanto dos atores sociais sujeitos deste estudo quanto do Serviço Social, a fim de vislumbrar alguns fatores que caracterizem determinado grau de evolução e alteração nestas mentalidades objetivando detectar possibilidades de atuação do Serviço Social dentro da realidade em questão.

Sendo assim acreditamos haver possibilidade de efetivação da atuação profissional neste setor em específico trabalhando-se com mais abertura e menos radicalidade.

Enfim, temos as considerações finais, que têm a finalidade de não concluir e sim trazer aspectos que auxiliem a vislumbrar novas possibilidades, e que incite novas indagações, novos olhares sobre a realidade. Visto que nem a realidade nem o conhecimento são imóveis, e sim suscetíveis a constantes mudanças, é um construir, desconstruir e reconstruir constante.

2 A TRAVESSIA DO SAPATO DE FRANCA

Tem-se o intuito de discorrer sobre a formação e consolidação do empresariado do sapato de Franca, levantando aspectos históricos relevantes, e ao mesmo tempo objetivos, a fim de haver uma correta caracterização do universo a ser pesquisado. Realizando uma explanação sobre os efeitos da intensificação do processo de globalização no trabalho, chegando ao setor produtivo de sapato em específico.

Em relação a este setor, Costa (2002) afirma que esse ramo industrial apresenta uma face “nômade” por se deslocar no espaço geográfico em busca de oferta de mão-de-obra abundante e barata. Ao final da década de 1960, países como Brasil, Coréia do Sul e Taiwan ingressaram no mercado de exportação de sapatos, por possuírem força de trabalho disponível e barata. Este movimento torna-

se ainda mais nítido nos anos de 1990, com o acirramento do processo de produção, o que configura numa divisão internacional do trabalho na produção de calçados que permite que um sapato tenha um *design* elaborado na França ou nos Estados Unidos, que sua matéria-prima, o couro, seja italiana e o seu cabedal (que incorpora mais trabalho vivo) seja confeccionado no Brasil ou na China.

Na década de 1980, esta geografia sofreu uma nova alteração com o ingresso no mercado de um novo grupo de países asiáticos, capitaneados pela China, graças à farta mão-de-obra e baixos salários. (COSTA, 2002, p.3-4). De acordo com Batista (1996) a entrada da China no comércio internacional de sapatos, causou efeitos negativos aos tradicionais países exportadores, no Brasil levou o país a perder a fatia de mercado de sapatos de baixo custo afetando os exportadores brasileiros com práticas desleais. E afirma ainda, que quando a China passar, a dominar a fabricação de sapatos de couro, pois ainda não o faz, concorrerá ainda mais fortemente com o Brasil.

Outra característica dos pólos produtores de sapatos é que eles se apresentam em aglomerações, determinadas regiões dominam este segmento, no Brasil a região do Vale dos Sinos no Rio Grande do Sul, e a de Franca, Birigui, e Jaú no Estado de São Paulo.

A indústria de calçados é internacionalmente reconhecida por sua capacidade de grande absorção de força de trabalho. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2000, apud COSTA, 2002, p. 5) afirmam que em 1998 os vinte maiores empregadores da indústria de sapatos empregavam aproximadamente 2,3 milhões de trabalhadores, sendo que China, Indonésia, Brasil e Índia concentravam cerca de 64% deste total.

A indústria do sapato no Brasil, é um dos ramos mais antigos da indústria nacional, teria se iniciado a partir da década de 1870, e em relação à inovação tecnológica incorporada pelo setor calçadista ao longo de sua história pode-se afirmar (SUZIGAN, 1986) que a confecção do sapato em especial o de couro, permanece intensiva em trabalho vivo e é extremamente artesanal. É um ramo de baixo índice de concentração de capital e heterogêneo no que diz respeito ao porte das fábricas, à tecnologia empregada, ao tipo e à qualidade do produto, é característica também o fato de a força de trabalho ser barata e, em boa medida, especializada.

Atualmente, a indústria de sapato brasileira é um importante setor da economia por sua grande capacidade de geração de empregos, por seu volume de produção, e por sua expressiva participação na pauta de exportações do país. (NAVARRO, 2006a, p. 393)

O pólo calçadista de Franca conta com toda estrutura para a fabricação do sapato, as indústrias curtumeiras, de calçados, de máquinas e equipamentos para sua fabricação, de componentes, de solado, serviços especializados como o Serviço Social da Indústria (SENAI) e o Instituto de Pesquisas tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) especializado no ramo de novas tecnologias para a fabricação do sapato. Apresenta também várias empresas de portes variados – micros, pequenas, médias e grandes - além de uma extensa rede de estabelecimentos voltados para a terceirização de determinados processos do sapato.

A produção é mais intensa no ramo de sapatos masculinos de couro, e atende tanto o consumidor de menor poder aquisitivo, quanto aos mais exigentes, com poder aquisitivo maior; abrangendo uma grande fatia do mercado de sapatos masculinos.

Sapatos Masculinos	84%
Sapatos Femininos	14%
Sapatos infantis	2%

Quadro 3 Produção de Sapatos de Franca.

Fonte: Sindifranca Outubro 2007

A fabricação desses sapatos, que, em linhas gerais não demandam de tecnologias sofisticadas e absorve uma quantidade significativa de mão de obra barata e especializada, detentora de conhecimentos, habilidades e destrezas manuais ainda imprescindíveis para o seu feito.

O processo de intensificação da globalização tem afetado profundamente a dinâmica da acumulação de capital e as formas de organização do trabalho. Porém em alguns setores as mudanças apresentaram pouca intensidade. Como por exemplo a indústria de calçados que segundo Barbosa (2006.a) neste setor a

habilidade manual ainda representa elevado grau de importância pois pode significar um acesso para o meio empresarial e a capacidade criativa um aspecto relevante a explicar a emergência de empresários do setor, uma vez que o capital não é fator decisivo para se iniciar um negócio. Outro fator preponderante para a análise deste universo são as características predominantes neste empresariado, entre elas mentalidade tradicional, utilização de modelos obsoletos de gestão, baixo nível de cooperação e frágeis relações de confiança no interior da cadeia produtiva.

[...] se por um lado houve realmente nas duas últimas décadas um processo de precarização das relações de trabalho, materializado sobre tudo na intensificação do trabalho domiciliar, por outro a reacolocação de parte da estrutura produtiva para um ambiente extra-muros das fábricas criou terreno fértil ao surgimento de novos empreendedores. Num segmento no qual predomina ainda o trabalho essencialmente manufatureiro, e por vezes artesanal, o “saber-fazer” teve peso decisivo na decisão de trabalhadores se estabelecerem como empresários.(BARBOSA, 2006a, p.331, destaque do autor)

Segundo dados oficiais do Sindicato das Indústrias Calçadista de Franca, cerca de 90% das empresas cadastradas na instituição são micro e pequenas, demonstrando a força econômica, a relevância no desenvolvimento e na geração de empregos/renda que elas representam. Estas micro e pequenas empresas são formadas com um investimento financeiro relativamente baixo e se mostram extremamente relevantes não só econômica mas principalmente socialmente, pela geração de empregos que oferece.

Tais especificidades podem desvelar um “ser híbrido” um empresariado com características operárias, uma vez, que são ex-funcionários de outras empresas calçadistas que se extinguiram ou ainda permanecem no mercado, mas por motivos financeiros tiveram seus quadros reduzidos, o que contribui para multiplicação das plantas industriais. Segundo Mello (2004), a decisão de montar uma pequena empresa é motivada por aspectos relacionados à sobrevivência, considera-se a atividade industrial como um emprego, assim a formação desta estrutura permite a sua sobrevivência individual e a dos núcleos familiares que dele dependem.

Muitos operários, sem alternativas diante do fechamento de seus locais de trabalho, se vêem forçados a se estabelecer como fabricantes, não raro os parques capitais e, por conseguinte, o

obsoletismo tecnológico os empurram para espaços marginais do mercado, distantes dos nichos mais rentáveis e caracterizados pela concorrência draconiana. (BARBOSA; MENDES; BRAGA FILHO, 2005, p.340)

De acordo com o que foi exposto, este estudo propõe-se a analisar à realidade em questão.

2.1 Sapato francano: do local ao global

Para uma leitura mais abrangente, faz-se necessário levantar alguns aspectos preponderantes para o entendimento do cenário estudado. Ressalta-se que tal exposição não objetiva trazer fatos novos ao leitor e a academia, mas sim traçar aspectos históricos relevantes que contribuam para uma melhor compreensão do que foi proposto.

A cidade de Franca situa-se na região nordeste do estado de São Paulo, sendo sede administrativa da 14^a região paulista, com um quadro populacional de 328.121 habitantes². É o maior Pólo Produtor de Sapatos masculinos do Brasil, seu parque industrial apresenta 760 indústrias cadastradas no Sindicato das Industrias Calçadistas de Franca, sendo 552 micro, 130 pequenas, 65 médias e 13 grandes³.

Tais dados mostram-se extremamente relevantes uma vez que o universo de pesquisa – micro e pequenas empresas de sapato – representam quase 90% deste parque industrial. É necessário ressaltar que para o estudo em questão serão utilizados estes dados que são os oficiais do Sindicato das Indústrias Calçadistas de Franca, mas segundo dados RAIS/MTE de 2003 o número de empresas chega a 1171, sendo 998 micro, 139 pequenas, 30 médias e 4 grandes.

O número de trabalhadores formais chega a 27.409⁴ sendo este somente o das empresas filiadas ao Sindicato Patronal, havendo provavelmente um contingente bem maior de funcionários na indústria calçadista.

A fim de traçar um perfil destes trabalhadores a escolaridade apresentada é em sua maioria 53% o ensino fundamental (completo/incompleto), sendo seguido

² Dados IBGE (Agosto 2006)

³ Critérios utilizados pelo SEBRAE, número de pessoas ocupadas – micro até 19, pequena de 20 a 99, média de 100 a 499 e grande acima de 500 funcionários.

⁴ Sindifranca – Jul/07

pelo ensino médio com 44% (completo/incompleto) e com uma presença menos expressiva com formação universitária cerca de 3%, o percentual de analfabetos é de 0,13%. Esta caracterização reflete diretamente em nossos sujeitos colaboradores, os micro e pequenos empresários deste setor, que com unanimidade se encontram na posição de ex-trabalhadores da indústria do sapato, sendo um subsídio para a compreensão do seu perfil.

Analfabetos	0,13 %
Ensino Fundamental incompleto	25,10%
Ensino Fundamental Completo	27,42%
Ensino Médio Incompleto	18,44%
Ensino Médio Completo	25,48%
Ensino Superior Incompleto	1,62%
Ensino Superior Completo	1,81%

Quadro 4 -Grau de instrução dos funcionários das indústrias de calçados
Fonte: Sindifranca Outubro 2007

A região compreendida entre os rios Pardo e Grande foi desbravada no início do século XVII por bandeirantes paulistas. O povoamento em Franca se deu principalmente devido a criação da “Estrada dos Goiaes” que ligava a capital da província de São Paulo aos sertões de Goiás e Mato Grosso, por esta estrada escoava-se gado, couro salgado, cereais, produtos manufaturados e principalmente o sal, sendo a “Estrada dos Goiaes” conhecida também como a “Estrada do Sal” este comércio dá a Franca a posição de importante entreposto comercial.

No início do século XIX a região passa a ser efetivamente povoada, recebendo um significativo fluxo populacional, são, principalmente mineiros que vêm do sul de Minas criar gado e plantar suas lavouras. Explica-se esse fluxo principalmente pela decadência da mineração.

[...] Somente com a chegada dos mineiros, liderados por Hipólito Antônio Pinheiro, é que ela torna-se realidade. Não foi fazenda nem pouso. Franca já nasceu freguesia graças ao grande afluxo de “intranses” mineiros que, em pouco tempo, se espalharam por todo o “Certão do Rio Pardo Caminho dos Guayazes. (CHIACHIRI FILHO, 1973, p.69, destaque do autor)

Em 1805 é criada a “Freguesia de Senhora da Conceição da Franca, Sertão do Rio Pardo”. Criada a Freguesia a região passa a ter propriamente o seu primeiro núcleo urbano em torno da igreja. Em 1824 ocorreu a emancipação política e neste mesmo ano tem-se a criação do município e a instauração da Vila Franca do

Imperador. Já no ano de 1839 é criada a Comarca de Franca e, em 1856 esta se transforma em cidade de Franca.

Segundo Chiachiri Filho (1973), o nome de Franca foi dado em homenagem ao Capitão José da Franca Horta, cujos esforços em prol da nova freguesia e futura Vila foram decisivos.

A prática da pecuária nesta região era intensa e contava com fatores favoráveis como a vegetação propícia, marcada pelos cerrados. A pecuária proporcionou condições favoráveis ao curtimento do couro e ao artesanato de selarias, sapatões e sandálias, produtos este que eram oferecidos aos tropeiros e mercadores que transitavam pela afamada “Estrada dos Goiazes”.

Barbosa (2006b, p. 40) afirma:

Além da facilidade de obtenção regular de couros, outros dois motivos podem ter contribuído para a instalação dos curtumes de Franca: a existência de água em abundância em virtude dos diversos rios e córregos que circundam a região e a forte presença de madeiras ricas em tanino, substância utilizada para o curtimento do couro.

De acordo com Tomazini (2003), o primeiro curtume da cidade foi instalado em 1885, Curtume Cubatão, criado pelo padre Alonso Ferreira de Carvalho, este mesmo funda outro curtume em 1906, o curtume Progresso.

Em 1903, Elias Mota instalou em Franca o que viria a ser o segundo curtume mecanizado do Estado de São Paulo. Tais empreendimentos contribuíram para o aparecimento do artesanato e manufatura do couro.

A partir de então:

Os artigos de couro para uso próprio e, eventualmente comercializados ou mesmo trocados, elaborados em couro cru por trabalhadores qualificados, que raramente realizavam esse trabalho com exclusividade, começam a ser produzidos com couros curtidos, de vários tipos, e como mercadoria, por trabalhadores que tendem a se especializar no ofício e a exercê-lo no âmbito urbano. (NAVARRO, 2006b, p.54)

Quanto às origens das empresas de fabricação de sapato Barbosa (2006.b) chama a atenção para o fato de que os empreendimentos eram modestos, iniciados por artesãos e pequenos comerciantes. Em Franca o grande capital esteve ausente da formação da indústria do sapato, somente se fazendo presente a partir dos anos de 1960, quando o setor já se encontrava plenamente consolidado no município.

Com exceção do “Calçados Jaguar” fundado em 1921, sendo responsável por introduzir uma fabricação moderna de sapatos no município, possuindo uma considerável estrutura mecanizada e um número significativo de funcionários, foi a primeira indústria a ultrapassar os limites da produção artesanal, mas teve pouco tempo de funcionamento, tendo sua falência em 1926.

Mesmo se considerarmos os setenta anos entre 1900 e 1969, ou seja todo o período de origem, evolução e consolidação da indústria do calçado de Franca, chegando até a época em que se iniciou a fase exportadora, ainda assim não encontraremos uma presença significativa de empreendimentos iniciando seus negócios já como médias empresas, pelo contrário, sua presença é insignificante. Analisando o capital inicial de 562 fábricas de calçados registradas em Franca nas sete primeiras décadas do século XX, constatamos o evidente predomínio das empresas que iniciaram sua atividades de maneira bastante modesta. (BARBOSA, 2006b, p.71)

Navarro (2006) afirma que a produção era realizada em diminutas fábricas de calçados e selarias, predominavam as oficinas artesanais, freqüentemente conjugadas as moradias, o trabalho era todo manual com uso de prego e banqueta, além das selas, arreios e outros objetos de montaria, faziam chinelos, sapatões, botas e outros tipo de sapatos feitos por encomenda. O trabalho familiar, sem remuneração individual dos membros da família, era o mais freqüente nas pequenas oficinas.

Característica esta, que pode ser vista ainda nos dias atuais, o entrelaçamento da vida doméstica com a produção do sapato, membros da família trabalhando todos juntos dependendo única e exclusivamente do ofício de fazer sapato.

Confirma ainda que mesmo com a implantação de produção de sapatos em grande escala e com o uso de máquinas, não se extinguiu a produção realizada em moldes artesanais, mas coexistiu com ela.

Reafirmando a categoria na qual tais empresas podem se enquadrar Barbosa (2006.b,p. 75) afirma:

[...] não resta dúvida que em 1930 alguns fabricantes locais quando muito se enquadrariam na categoria da manufatura. Por outro lado, se considerarmos o nível de mecanização destas empresas na década de 1920, quando foram fundadas, temos a confirmação de que elas constituíam unidades artesanais que foram evoluindo gradativamente com os anos.

Barbosa (2006b) alega que o fato de antigos artesãos/sapateiros estarem à frente das primeiras unidades manufatureiras de sucesso expressa nitidamente a evolução por fases da indústria local; de igual modo, o fato de os mesmo sujeitos, seguirem participando do processo de produção em suas empresas depois de suplantada a etapa artesanal, confirma a concepção marxiana de que a habilidade profissional do artesão continua sendo o fundamento da dinâmica produtiva na fase da manufatura. O início artesanal e o pequeno investimento financeiro que deram origem às empresas locais não significou a inviabilidade do progresso do negócio.

É necessário salientar que o baixo nível tecnológico empregado na confecção do sapato, refletiu-se em uma mão-de-obra intensiva, na qual as exigências financeiras para se montar uma fábrica, eram relativamente baixas, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, daí a possibilidade do predomínio de artesãos e ex-operários em seus primórdios em Franca, tal característica é predominante ainda nos dias atuais.

Ainda no final da década de 1920 “[...] Franca era a cidade do interior paulista com o maior número de estabelecimentos que produziam calçados”. (TOSI, 1998, p.204)

Neste período (1930) o Brasil vivenciava um intenso processo de urbanização e industrialização, com uma forte política de incentivo às indústrias implementada por Getúlio Vargas, tal política refletia-se positivamente no progresso das pequenas empresas, pois:

É certo que um mercado em expansão de demanda crescente, favoreceu o progresso das pequenas empresas iniciadas com parques capitais no interior de São Paulo. O duplo processo de industrialização e urbanização crescente do país a partir de 1930, assim como a instituição da legislação social que beneficiou os trabalhadores dos centros urbanos, trouxe em seu rastro a ampliação do poder de compra das classes populares e por conseguinte, a expansão do mercado consumidor, projetando

promissoras oportunidades à indústria de bens de consumo.
(BARBOSA, 2006b, p. 80)

Outro fator que refletiu positivamente para o impulso industrial francano foi a transferência das grandes indústrias produtoras de sapato dos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, em busca de localidades onde existisse mão-de-obra abundante e com salários menores. Encontrando ambiente propício no interior do estado de São Paulo e do Rio Grande do Sul, pois contavam com farta mão-de-obra de trabalhadores imigrantes principalmente italianos e alemães, sendo que, segundo Reis (1994, p. 35) parte desses imigrantes “[...] tendo como qualificação o ofício de sapateiro, empregou-se como mão-de-obra nas novas fábricas que foram surgindo nesses novos centros”.

Barbosa (2006b) também pondera sobre a relevância dos imigrantes para a evolução da indústria do sapato, afirmando que a participação do imigrante foi decisiva, das principais empresas que marcaram a consolidação do pólo calçadista a grande maioria foi iniciada por italianos ou filhos de italianos, que com poucos investimentos, iniciaram os empreendimentos que se firmaram ao longo de algumas décadas.

Quanto às relações de trabalho Navarro (2006b) afirma que elas pouco se alteraram, as pequenas unidades familiares, onde a família predominava como trabalhador coletivo, como unidade produtiva, coexistiam com outras formas de trabalho realizado em domicílio.

Reafirmando o visível progresso do parque industrial local, em um período extremamente favorável, onde inúmeras empresas foram criadas, Barbosa (2006) afirma que na década de 1930, 10 fábricas foram abertas, na década de 1940 o número subiu para 71 fábricas, na década de 1950 foram 59 empresas que iniciaram suas atividades e na década de 1960 quando o governo militar passou a acenar com incentivos ao setor e as possibilidades do mercado externo começam a se concretizar são abertas 399 empresas.

Navarro (2006b), sobre esta expansão das plantas industriais comenta que nas décadas de 1940, 1950 e 1960, expandiu-se muito o número de fábricas, a maioria delas com dimensões pequenas e médias, muitas com característica de unidade produtiva familiar, onde o trabalho, realizado pela família enquanto produtor coletivo, raramente contava com o auxílio de máquinas. A maioria dessas novas

empresas, fabricavam botas e sapatos de baixo custo, usando muitas vezes materiais alternativos ao couro como lona, borracha e tecidos.

Dentre as novas empresas temos verdadeiros ícones deste parque industrial, como o Calçados Agabê, que surge em 1945 como uma empresa de médio porte, a Amazonas Produtos para Calçados, instalada em 1947, voltada para a produção de solados para calçados, e em especial o Calçados Samello que teve sua fundação em 1935, é válido aprofundarmos o conhecimento sobre a história desta indústria que servia e serve de modelo e motivação para todos os empreendedores locais.

Na pesquisa de Barbosa (2006b) pode-se apreender a trajetória de Miguel Sábio de Melo fundador da Samello, de origem simples começou sua vida profissional trabalhando em cafezais, onde permaneceu até os seus dezoito anos, em 1922 se mudou para Franca e empregou-se como aprendiz de sapateiro, permanecendo ali por dois anos, depois trabalhou em outras oficinas e usava o seu tempo livre para fabricar artesanalmente chinelos e sandálias com tiras de couro, sobra de outras empresas. Em 1926 abriu sua própria oficina, foi se alfabetizar quando já estava casado e com filhos, trabalhava exaustivamente, mas matriculou-se em uma escola noturna, a fim de aprender a ler e escrever corretamente e melhor, vencendo assim suas limitações para enfrentar novas etapas na vida.

No ano de 1947 Miguel Sábio de Mello e seu filho, vão aos Estados Unidos visando conhecer os avanços tecnológicos da produção de calçado naquele país, para depois aplicarem o que haviam aprendido na sua empresa. O saber fazer aliado às tecnologias existentes, asseguraram a empresa uma boa competitividade no mercado calçadista, além de proporcionar intensas mudanças na esfera técnica e estética da indústria coureiro-calçadista do Brasil. Introduziu um novo estilo de sapato, o mocassim, sapato moderno, flexível, macio e de baixo custo, mostrando a característica empreendedora, desbravando novos caminhos.

Tais trajetórias são de certa forma comuns na cidade de Franca, os irmãos Jacometti são outro exemplo, filhos de imigrantes italianos que vieram para o Brasil para também trabalhar nas lavouras de café, chegaram a ter seu próprio sítio mas por problemas climáticos perderam sua modesta plantação de café, mudaram-se para Franca na década de 1950 e se empregaram como sapateiros, em 1969 estabeleceram-se com sua pequena empresa, em 1980 a sociedade foi desfeita e surgiram duas novas empresas que se consolidaram no mercado produzindo seus sapatos para grifes européias e tendo como público consumidor a elite brasileira e

até mesmo o atual presidente da república. Um dos irmãos, Élcio Jacometti chegou a ser o presidente da Associação Brasileira da de Indústria de Calçados, tamanha sua representatividade.

Barbosa (2006b) constata em seus estudos, que de acordo com a amostra analisada todos os empresários no período de 1945 sem exceção exerceram ocupação manual, como operários ou artesãos, e a maioria era filho de trabalhadores rurais.

Afirma ainda:

No que diz respeito a essa época, a inadvertida associação do empresariado do calçado a homens de negócios envolvidos em complexos mecanismos de mercado é uma abstração sem nenhum fundamento empírico. (BARBOSA, 2006b, p. 101)

Ao se analisar as diferentes realidades é prudente estar aberto às diversidades e evitar generalizações, pois um mesmo acontecimento apresenta diferentes reações, assim o é na indústria do sapato.

É questionável o estudo da indústria do calçado nos mesmos parâmetros de análise elaborados pelas teorias que generalizam a discussão do tema da industrialização e do surgimento da burguesia industrial no Brasil; tais generalizações se basearam no exemplo da indústria moderna, que apresentava significativa mecanização e complexidade no processo produtivo, como era o caso da indústria têxtil à época da emergência de uma estrutura fabril no País. (BARBOSA, 2006b, p. 104)

A evolução no processo de fabricação do sapato se deu de forma muito lenta, poucas foram as tecnologias empregadas, a confecção do sapato depende ainda fundamentalmente da habilidade manual. Esta realidade é presente em setores produtores de sapato em todo o mundo e não somente no Brasil.

A persistência da fabricação predominantemente manufatureira na indústria do calçado possibilitou a sobrevivência do “saber” e da “habilidade” como fatores importantes no universo da produção, não fazendo da subsunção plena do trabalho à maquinaria uma realidade incondicional. Tudo indica que, nessa atividade, o trabalho manual não apenas se manteve como fator determinante na estrutura produtiva, como até mesmo foi – e talvez ainda seja – o elemento de ligação na gênese de inúmeras trajetórias empresariais. (BARBOSA, 2006b, p. 105, destaque do autor)

TABELA 1 – Produção de calçados em Franca (1950 – 1967).

***em milhões de pares**

Ano	Nº de pares *	Ano	Nº de pares*
1950	1,11	1959	2,39
1951	1,15	1960	2,46
1952	1,51	1961	2,92
1953	1,52	1962	3,33
1954	1,66	1963	3,34
1955	1,95	1964	3,38
1956	1,96	1965	4,30
1957	2,03	1966	4,30
1958	2,32	1967	7,20

Fonte:apud Braga Filho (2000, p.94)

Assim o ‘saber fazer’ apresenta maior relevância do que o fator financeiro, uma vez que para se montar uma indústria de sapatos é necessário um baixo investimento, e a habilidade manual, a prática do ofício apresenta uma via de acesso ao “mundo empresarial” que muitas vezes é apenas a possibilidade de uma vida melhor, muito distante do glamour dos grandes capitais. Além do mais, os ínfimos investimentos não são, necessariamente, sinal de que a empresa não sobreviverá, através dos exemplos é possível perceber as possibilidades de sucesso e progresso, variando sim, em maior ou menor grau.

O conjunto das operações necessárias para a produção do sapato montado tendia a ser mecanizado nas empresas maiores, mas essas mesmas operações continuavam e muitas vezes ainda continuam a serem realizadas manualmente ou com pequena presença das máquinas nas pequenas empresas.

Segundo estudo de Navarro (2006b), quanto aos modelos dos sapatos, as pequenas e médias empresas copiavam os modelos de maior aceitação no mercado das empresas maiores e adaptava-os à suas condições de produção.

Interessante notar que esta atitude é muito comum ainda nos dias atuais, pelo pouco capital disponível às micro e pequenas empresas, estas não desenvolvem modelos próprios, utilizam sim os já existentes, desenvolvidos por empresa maiores e produzem o seu sapato encontrando espaços para comercialização no mercado.

Navarro (2006) afirma que na década de 1970 a indústria de sapatos de Franca se consolidou, a demanda crescente do mercado interno estimulada pelo processo de industrialização e urbanização vivida no país, somou-se a crescente produção destinada a exportação, provocando incremento no volume da produção, na ampliação das unidades produtivas e no número de mão-de-obra empregada. O

governo proporcionou um pacote de benefícios para a exportação com isenção de alguns impostos, e administração da taxa de câmbio, mantendo-o favorável às exportações mediante compra e venda de divisas pelo Banco Central do Brasil e, principalmente, do mecanismo de minidesvalorizações cambiais.

Concomitantemente aos incentivos governamentais a empresas francanas começaram a apresentar condições de elaborar produtos em conformidade com as especificações do mercado internacional, em especial o norte-americano, embora o volume de vendas internas na maioria das vezes ter se apresentado maior que o consumo externo. Ressalta-se que o mercado interno apresenta uma maior sazonalidade de consumo, concentrando as vendas no último trimestre do ano.

A comercialização dos calçados exportados para o Estado Unidos contava com o intermédio de agentes exportadores, que representavam no Brasil os grandes compradores norte-americanos, e estes agentes determinavam que, “As exigências impostas pelos importadores permitiam que apenas as empresas calçadistas francanas de maior porte participassem do mercado internacional.” (NAVARRO, 2006b, p.153)

O que não deixou de favorecer as micro e pequenas empresas, que multiplicavam suas plantas industriais passando a ter mais espaço de comercialização de seus sapatos no mercado interno, muitas confeccionando sapatos mais simples de qualidade inferior destinado ao trabalhador de baixa renda, grande parte dessas empresas dedicavam-se a produção do sapato tipo mocassim, que envolve pequeno uso de máquinas e muito trabalho manual.

Quanto aos incentivos governamentais ao setor, Barbosa (2006b, p. 121) chama a atenção para o fato de que :

Por mais que a bibliografia especializada enfatize o apoio estatal à indústria, dentro das perspectivas desenvolvimentistas, o auxílio do Estado vinculou-se, notadamente, ao grande capital, representado pelas indústrias metalúrgica, automobilística, químico-farmacêutica e de bens de consumo duráveis, entre outras. A indústria do couro não aparece, por exemplo, entre os setores considerados prioritários na classificação das atividades industriais e dos grupos preferenciais de produção do País, elaborada em 1952 pela Subcomissão de Planejamento da Comissão de Desenvolvimento Industrial; os setores prioritários foram, energia, metalurgia, química, mecânica e borracha.

Para Barbosa (2006b), até os fins da década de 1960 havia a predominância do pequeno capital e dificuldades em se obter créditos oficiais, tal obstáculo atingia a todos independente do porte da empresa, um incentivo que deve ser considerado foi o da empresa norte americana de máquinas para calçados, *United Shoe Machinery Company* (USMC) que financiava de forma acessível suas máquinas para o descapitalizado empresário francano, oferecendo-o novas tecnologias. Outra fonte de recursos muito utilizada no financiamento da produção do sapato era o crédito informal, obtido de particulares e que advinha de fontes diversas, cumprindo a função de substituir as deficiências do sistema bancário. Em meados da década de 1960 o governo militar passa a incentivar a produção de sapatos, a partir do Programa de Ação Econômica do Governo (Paeg), um dos pilares desse plano foi a busca da ampliação do fluxo de entrada no País de divisas em dólar, a fim de atingir o equilíbrio na balança de pagamentos, propondo a diversificação dos produtos exportados, deixando de ser apenas os produtos agrícolas e minerais, mas também de bens manufaturados de baixo valor agregado, esta tendência de estímulo a indústria do sapato foi mantida até o final do regime militar.

A partir de então a indústria do sapato passou a viver um período extremamente favorável no que tange às facilidades de crédito através de órgãos oficiais ou a eles credenciados, mesmo que ainda restrito aos grandes e médios empresários. Segundo Barbosa (2006b), apenas 113 empresas foram beneficiadas com financiamento entre 1967 – 1980, sendo que Franca em meados da década de 1970 já contava com 500 indústrias de sapatos.

“Ao que tudo indica, os pequenos industriais continuaram sujeitos às intempéries do mercado, alheios a concessão de créditos oficiais e, em larga medida, aos préstimos do sistema bancário convencional”. (BARBOSA, 2006b ,p. 136)

Ressalta-se que aumentou na cidade de Franca a quantidade de empresas dedicadas ao aluguel, venda e consertos de máquinas novas e usadas para o atendimento das micro e pequenas empresas, além do aumento também de empresas especializadas em componentes para calçados, como couro, materiais sintéticos, palmilhas, colas, graxas, tintas, vernizes, fivelas, cadarços, fios, agulha, etc. Formando-se toda uma rede fornecedora para a fabricação do sapato incrementando ainda mais o pólo calçadista.

Este quadro, de aumento da produção e procura por mão-de-obra especializada levou a instalação em Franca em meados da década de 1970 de duas instituições de suporte à cadeia produtiva calçadista, o Serviço de Aprendizagem Industrial (SENAI) atuando na área de capacitação de mão-de-obra, e o Núcleo Tecnológico de Couros, Calçados e Afins, do IPT destinado à pesquisa, desenvolvimento de produtos e tecnologia e na formação de técnicos especializados em controle de qualidade.

Além das políticas oficiais de incentivo às exportações de manufaturados e de uma relativa melhoria do padrão tecnológico do processo produtivo, o baixo custo da força de trabalho – tanto daquela empregada diretamente na produção de calçados, quanto daquela absorvida pela indústria de processamento de matérias-primas e de componentes destinados ao setor – teve fundamental importância para a inserção do calçado brasileiro no mercado internacional e para a ampliação do setor calçadista do país, a partir dos anos de 1970. (NAVARRO, 2006b, p.160-161)

Na década de 1970, em um momento extremamente favorável à produção do sapato, que uma antiga tendência é retomada, agora de forma mais intensa, a prática de se retirar da fábrica e transferir para as bancas ou para o domicílio dos trabalhadores a realização de algumas operações demandadas pela produção. Esse movimento contrasta com a tendência observada nas décadas anteriores, onde as indústrias procuraram concentrar a sua produção no mesmo espaço físico. A partir desse período ampliou-se o trabalho realizado em domicílio pelas costuradeiras manuais, bancas de pesponto, blaqueação e ponteação, voltadas para o atendimento de indústrias calçadistas de diversos portes.

Na década de 1980 permaneceu a expansão das fábricas, a demanda de mão-de-obra continuava a crescer, tal realidade contrastava com a crise econômica vivenciada pelo país, atraindo assim para a cidade milhares de pessoas em busca de emprego, oriundas de cidades vizinhas, da capital do estado e de outros estados como Minas Gerais e Paraná, em grande medida absorvida pelo mercado de trabalho atual. (NAVARRO, 2006, p.185)

Mas será a partir da década de 1980 que se incrementa a transferência para fora da indústria de um número ainda maior de operações necessárias para fabricar o sapato. A partir dos anos de 1990, essa prática passa a ser denominada como “terceirização”.

2.2 Reestruturação produtiva: mudando rotas no sapato de Franca

Afim de uma melhor compreensão, merece menção à análise dos modelos de produção taylorista e fordista que vigoraram na grande indústria no decorrer do século XX. O Taylorismo⁵ consistia em um sistema de organização do trabalho, onde havia uma rígida divisão hierárquica do trabalho, havendo uma separação extremamente intensa entre o pensar e o fazer, ou seja, os cargos de gerência, supervisão e planejamento, eram responsáveis pelo pensar, pelo como se deveria efetuar determinadas atividades para se alcançar a maior produção possível, e os trabalhadores, incumbidos da execução, do trabalho vivo, de dar forma e resultado ao que foi planejado. A fragmentação das tarefas é outro ponto muito aplicado neste sistema, o trabalhador não possuía visão do conjunto, mas somente daquela parte da produção que lhe cabia produzir, uma tarefa específica do processo.

O Fordismo⁶ é caracterizado pela produção padronizada em grande escala, o processo de produção passa a ser controlado pelo ritmo da linha de montagem e pelo movimento das máquinas, o trabalhador passa a ser uma peça desta grande engrenagem.

Estes dois modelos foram usados por décadas concomitantemente a fim de se ter uma produção cada vez maior, caracterizando-se pela produção em série e em massa, pela fragmentação das tarefas, padronização, rígida hierarquização, presença de grandes conglomerados industriais, altos estoques de matéria-prima, e pelo pleno emprego.

Entre os anos de 1960 e 1970 houve uma redução na taxa de lucro devido ao custo onerado da mão-de-obra e redução no padrão de produtividade frente à intensificação das lutas sociais na época. Ocorre também em 1973 uma profunda recessão com o choque do petróleo, verifica-se uma acentuada queda no consumo diante do desemprego que ganha aspecto estrutural - caracteriza-se pela expulsão dos indivíduos da cadeia produtiva sem possibilidade de reinserção no mercado de trabalho – além da incapacidade do padrão produtivo de base taylorista-fordista que não consegue mais dar respostas satisfatórias às necessidades de um mercado em

⁵ Modelo de produção que teve como idealizador Frederick Winslow Taylor (1856-1915) engenheiro norte-americano tido por “Pai da Organização Científica do Trabalho” (HARVEY,1998)

⁶ Sistema de produção desenvolvido por Henry Ford (1863-1947) inicialmente na indústria automobilística de produção em massa. Em 1914, introduziu sua linha de montagem em Michigan, obtendo consideráveis ganhos de produtividade (HARVEY,1998).

plena expansão. A crise econômica se instaura num profundo quadro de recessão, elevadas taxas inflacionárias e redução do crescimento

Com o intuito de superar tal crise, vários países buscam no modelo japonês de produção uma fórmula capaz de solucionar os problemas que abalam o sistema capitalista. O Toyotismo⁷ ganha assim força e se dissemina pelo mundo, passa a existir a empresa “enxuta” com o mínimo de trabalhadores necessários, o trabalhador polivalente, multifuncional, a hierarquia passa a ser horizontal com trabalho de células de produção, onde todos gerenciam a produção, cobrando uns aos outros os resultados esperados, produção específica e em menor número, pequenas unidades produtivas e estoque mínimo (*just-in-time*).

Importante ressaltar que a substituição do modelo taylorista-fordista pelo toyotismo, é gradual, um processo ainda em desenvolvimento sendo assim é possível constatar que em certos espaços tais modelos coexistem.

A evolução da economia mundial tem assistido a um processo de grandes transformações tecnológicas e organizacionais na produção de bens e serviços, regra geral em direção ao aumento do grau de flexibilidade das empresas, tendo como finalidade torná-las mais competitivas para enfrentar as mudanças do cenário externo.

O mundo do trabalho passa atualmente por intensas transformações, sendo estas extremamente velozes e de forte impacto. As empresas passam a ter como meta constante a produção com qualidade e com baixo custo, pois o livre mercado abriu a concorrência de forma abrupta, e para sobreviver é necessário adotar esta postura.

Investimentos em tecnologia mostram-se imprescindíveis, pois os maquinários são capazes de produzir em menor tempo, com melhor qualidade e baixo custo, neste contexto, vários postos de trabalho são eliminados freqüentemente.

Este cenário vem se acentuando principalmente a partir da década de 1970, marcado por mudanças extremamente expressivas em todas as dimensões, seja na forma de produzir, organizar e acumular riquezas, tal fenômeno é identificado como o processo de globalização, muito em evidência nos dias atuais.

⁷ Sistema de produção japonês, criado após a segunda Guerra Mundial pelo engenheiro Taiichi Ohno, tal modelo rompe com a produção padronizada e passa a produzir artigos que sejam capazes de atender aos diversos tipos de consumidores que exigem produtos cada vez mais diversificados. (ANTUNES, 1995)

Para Campanhol (2000), o fenômeno da globalização deve ser entendido como um processo constante de integração econômica entre os povos, desencadeado no século XVI, a partir da transição do feudalismo para o capitalismo na Europa ocidental, e não necessariamente como um fenômeno recente e novo, mas se apresenta sim, como um novo ciclo na evolução do capitalismo.

Segundo Morrow e Torres (2004, p.27-44) existem três posições básicas em relação à origem da globalização; a primeira afirma que suas origens encontram-se justamente com as da civilização humana, um processo que já corre há mais de cinco séculos, nessa formulação problemática da globalização origina-se no surgimento das religiões universalistas que estabelecem a dicotomia universal-particular que culmina na questão contemporânea da globalização; uma segunda e mais influente abordagem – a teoria dos sistemas mundiais – conecta a globalização com as origens do capitalismo, culminando no surgimento de uma economia global no século XVI; e a terceira perspectiva é a que explodiu na década de 1990 como a forma mais típica da “teoria da globalização” – considera-se que este fenômeno é recente, datando no máximo da metade do século XX, ou talvez das últimas duas décadas.

Para Schumpeter (1997) o desenvolvimento das economias capitalistas está vinculado necessariamente à instabilidade, assumindo uma forma cíclica, as inovações são os marcos de constantes rupturas, desequilíbrios e descontinuidades destes ciclos.

Otávio Ianni (1997) afirma que trata-se de uma fase do capitalismo marcada pela internacionalização da economia, onde há a interconexão dos mercados cambiais, financeiros, de valores e títulos, que provoca fluxos maciços e continuados de capitais entre os principais centros financeiros do mundo.

Campanhol (2000, p. 45) afirma que:

[...] a globalização não deve ser encarada somente como um fenômeno contemporâneo, mas sim como um estágio avançado do desenvolvimento do capitalismo, alicerçado historicamente em vários séculos.

Este período de intensificação das transformações (à partir de 1970) atingiu não só o modelo de produção, mas àqueles que estão ligados aos processos produtivos, este padrão que se estabelece entendido como a terceira revolução

industrial altera a cadeia produtiva devido os avanços tecnológicos que eliminam postos de trabalho e afetam profundamente a subjetividade e representatividade do trabalhador. Praticamente todo o mundo passou a se defrontar com o fenômeno do desemprego de natureza estrutural e de longo prazo, bem como com a incapacidade do sistema produtivo em gerar empregos na velocidade requerida pela internacionalização da economia, o número de desempregados aumenta até mesmo nos países que atravessam uma fase de crescimento econômico, pela primeira vez há indícios de que a economia mundial começa a eliminar postos de trabalho num ritmo mais intenso que é capaz de criar, o desemprego parece ter estabelecido uma relação amigável com o desenvolvimento, causando um dos mais sérios problemas sociais da humanidade.

O trabalho formal e remunerado deixou de ser acessível há muitos que o querem exercer, estar desempregado acarreta estigma social, as pessoas ficam sem perspectivas e possibilidades, perdem o respeito próprio e principalmente social, soando como uma dificuldade e ou incapacidade pessoal.

Há provas abundantes de que o desemprego tem efeitos abrangentes além da perda de renda, como danos psicológicos, perda de motivação para o trabalho, perda de habilidade e autoconfiança, aumento de doenças e morbidez (e até mesmo das taxas de mortalidade), perturbação das relações familiares e da vida social e acentuação de tensões raciais e de assimetrias entre os sexos. (SEN, 2000,p.117, destaque do autor)

Um dos efeitos mais devastadores dessa fase da globalização é o que concerne ao desemprego, o fenômeno chamado de precarização, onde todos os direitos e conquistas trabalhistas obtidos até então, passam a sofrer alterações prejudiciais à classe-que-vive-do-trabalho⁸, a flexibilização, a desregulamentação dos direitos sociais, e a terceirização substituem o pleno emprego não sendo mais o padrão estabelecido de trabalho, mas sim uma série de medidas “à combinar” – contratos de trabalho temporários, remuneração variável, carga horária indefinida- o trabalhador passa a viver uma insegurança constante correndo sempre o risco de ser excluído do mercado de trabalho.

Para Castel (1998) a precarização pode também ser encontrada no desemprego dos trabalhadores qualificados e “estabilizados” (aqueles que ainda são

⁸ Conceito criado por Ricardo Antunes (1999, p. 101) afim de “dar contemporaneidade e amplitude ao ser que trabalha, à classe trabalhadora hoje, apreender sua efetividade, sua processualidade e concretude”.

jovens para se aposentar e velhos para conseguir outra vaga de emprego), a alternância de desemprego – trabalho temporário – “bicos”, e a constituição de um exército de “excedentes” – indivíduos que não encontram trabalho algum e não conseguem se inserir na sociedade. O reforço da hegemonia do capital financeiro internacional e a acentuação dos avanços tecnológicos, são fatores que contribuem de forma extremamente relevante para o agravamento deste quadro.

Passa a se desenvolver um segundo mercado de trabalho, o mercado informal onde os trabalhadores estão totalmente desamparados quanto aos seus direitos trabalhistas.

Nas duas últimas décadas a relação com o trabalho vem se alterando, mas este não perdeu sua centralidade na sociedade contemporânea, “deixar de fazer o trabalho uma questão central é inclinar-se diante do mercado e deixar-lhe o campo livre”. (CASTEL, 1998, p.158)

Ainda de acordo com Castel (1998) o antagonismo entre mercado e trabalho é justamente o fato de que o trabalho é capaz de criar um elo social, produzir uma sociedade, proporcionar melhores condições de vida e formas de inclusão, e o mercado torna-se mais destrutivo, a-social, acentuando a exclusão e as desigualdades.

Pochmann (2006) afirma que o Brasil vive a mais grave crise do emprego de sua história, não sendo superada nem por momentos considerados extremamente relevantes, tais como a transição do trabalho escravo para o assalariado no final do século XIX, nem a depressão econômica de 1929, nem mesmo as graves recessões produtivas nos períodos de 1981-1983 e 1990-1992 foram capazes de atingir a tão expressiva quantidade de desempregados e generalizada transformação na mão-de-obra nacional quanto à dos dias atuais.

O autor completa ainda:

Atualmente, transformou-se num fenômeno complexo e heterogêneo pois atinge de forma generalizada praticamente todos os segmentos sociais, inclusive camadas de maior escolaridade, profissionais com experiência em níveis hierárquicos superiores e em altos escalões de remuneração. Pode-se concluir portanto que não há mais estratos sociais imunes ao desemprego no Brasil. (POCHMANN, 2006, p.62)

Discorre também, para o fato de que o desemprego no Brasil apresenta natureza distinta das causas do desemprego verificadas nas economias avançadas, por apresentar uma realidade particular, não podendo haver generalizações excessivas. Advoga que as diversas formas de manifestação do desemprego exigem políticas públicas que levem em conta as especificidades dos vários grupos sociais e da sua relação com a dinâmica do mercado de trabalho. Como as atuais políticas de emprego não seguem essa linha, sua revisão mostra-se urgente e inadiável, assim como as causas do desemprego estrutural no país.

Campanhol (2000) esclarece que a reestruturação tecnológica exigiu a reestruturação das condições sóciopolíticas próprias do antigo padrão de acumulação, com o reaparecimento do trabalho doméstico, artesanal e familiar. Em substituição ao modelo taylorista-fordista as empresas implementaram novos métodos e filosofias de trabalho, tal mutação economiza tempo de trabalho, permitindo produzir mais e melhor com menor custo.

Dentro da questão da globalização é interessante analisar qual a postura apresentada pelos Estados-nações onde Génèreux (1998, p.12), pondera:

Agora a globalização parece tirar dos Estados qualquer margem de manobra política; os governos parecem incapazes de orientar o destino das nações a partir de uma visão voltada para o interesse coletivo. As estratégias políticas, hesitantes, oscilam entre três opções pouco atraentes: a impotência e o imobilismo; o combate na retaguarda, que consiste apenas em atenuar, dentro do possível, a miséria crescente, com uma magra distribuição de renda; e a adesão deliberada ao dogma ultraliberal, que considera a competição individual e a guerra econômica mundial como as únicas vias para o progresso.

Com a adesão ao projeto neoliberal onde o Estado interfere minimamente em questões econômicas essenciais, havendo a extinção de regras para o mercado, recuando também nas questões sociais estimulando a concorrência individual.

Para Campanhol (2000) com a vigência do modelo neoliberal as questões sociais ganham novas dimensões, a forte influência dos mercados e a perda de poder do Estado, causa uma insegurança constante nos indivíduos, o cotidiano passa a ser regido cada vez mais pelas atitudes econômicas, influenciadas pelas

transformações tecnológicas, modificando sensivelmente o mercado de trabalho e as relações sociais.

A autora chama atenção ainda para o fato de que as discussões sobre globalização tendem a generalizar as conseqüências da mesma para todos os espaços, como algo inexorável e catastrófico. Mas as pessoas vivem em países, estados e cidades diferentes, sendo assim é necessário entender as especificidades do universo a ser estudado, ao mesmo tempo em que se pressupõe o conhecimento de uma realidade maior, para um bom entendimento do processo de globalização no Brasil é essencial analisar sua inserção na economia mundial.

Alega que o entendimento da forma na qual a economia brasileira se inseriu no desenvolvimento do capitalismo mundial na fase industrial, é importante na medida em que isso reflete na sua posição atual diante do fenômeno da globalização.

Expressa ainda, que a economia atual do Brasil tem seus antecedentes nos experimentos de comércio internacional, datados, desde sua inclusão na geografia mundial do século XVI, quando houve uma grande expansão comercial dos países europeus, criando as condições institucionais para a constituição de uma economia mundial e a base econômica para o desenvolvimento do capitalismo industrial.

[...] a colonização brasileira se iniciou no século XVI, mas foi somente após a segunda metade do século XIX que a indústria manufatureira foi iniciada, ganhando expressão na segunda metade do século XX. No final do século XIX o país era ainda, preponderantemente, composto de uma sociedade agrícola baseada no trabalho escravo, fornecendo produtos agrícolas e matérias-primas para a exportação. A passagem do trabalho escravo para o trabalho livre foi uma das mais importantes condições para o desenvolvimento da indústria no Brasil. (CAMPANHOL,2000, p. 64)

A inserção do Brasil ao mundo industrial ocorreu de forma retardatária permitindo-lhe queimar etapas, além disso o Brasil tinha como principal característica ser agrário-exportador, sendo que em 1920 a população brasileira no setor primário representava cerca de 69,7%, de acordo com Campanhol (2000)

Antunes (2006) pontua que o capitalismo brasileiro, de desenvolvimento hipertardio quanto ao seu modo de ser, vivenciou, ao longo do século XX, um verdadeiro processo de acumulação industrial, especialmente a partir do getulismo.

Assim deu seu primeiro salto verdadeiramente industrializante, uma vez que as formas anteriores de indústria eram prisioneiras de um processo de acumulação que se realizava dentro dos marcos da exportação do café, no qual a indústria tinha o papel de apêndice.

A industrialização brasileira em seus primórdios apresentou uma característica estatal e nacionalista, com Getúlio Vargas a industrialização nacional desenvolveu de forma rápida, em seguida deu seu segundo salto com Juscelino Kubitschek em meados da década de 1950, o terceiro salto foi a partir do golpe de 1964 quando se aceleraram fortemente a industrialização e a internacionalização do Brasil, é o que afirma Antunes (2006, p.16).

Campanhol (2000) completa que a industrialização enquanto processo capaz de constituir forças produtivas capitalistas, de transparecer o capital industrial com predominância no processo global de acumulação, só começou mesmo na década de 1950, quando o Estado e as empresas internacionais passaram a participar efetivamente no desenvolvimento das indústrias pesada de bens de produção e de bens de consumo capitalista.

Em meados da década de 1980 ao fim da ditadura militar que começou a esboçar mesmo que de forma muito lenta em relação aos países centrais, que já viviam intensamente a reestruturação produtiva de capital, o início das mutações organizacionais e tecnológicas no interior do processo produtivo e de serviços no Brasil, surgiam os primeiros influxos da nova divisão internacional do trabalho.

A nossa singularidade começava a ser afetada pelos emergentes traços universais do sistema global do capital, redesenhando uma particularidade brasileira que pouco a pouco foi se diferenciando da anterior, inicialmente em alguns aspectos e, posteriormente em muitos de seus traços essenciais. (ANTUNES, 2006, p.17)

Antunes (2006) aponta como principais determinantes do incipiente processo de reengenharia industrial e organizacional no Brasil:

- ✓ as imposições das empresas, que levaram à adoção, por parte de suas subsidiárias no Brasil, de novos padrões organizacionais e tecnológicos, em maior ou menor medida, inspirados no toyotismo e nas formas flexíveis de acumulação;

- ✓ a necessidade, no âmbito dos capitais e de seus novos mecanismos de concorrência, de as empresas brasileiras prepararem-se para a nova fase, marcada por forte “competitividade internacional”;
- ✓ a necessidade das empresas nacionais responderem ao avanço do novo sindicalismo e das formas de confronto e de rebeldia dos trabalhadores que procuravam estruturar-se mais fortemente nos locais de trabalho, desde as históricas greves do ABC paulista, no pós-1978, e também em São Paulo, onde era significativa a experiência de organização de base nas empresas.

A reestruturação produtiva na década de 1980 foi pautada pela retração dos custos mediante a redução da força de trabalho, a elevação da produção ocorreu por meio de sua reorganização, com a implantação parcial de algumas características do sistema japonês de produção o toyotismo, coexistindo com o fordismo, predominando assim a heterogeneidade que foi uma marca particular da reestruturação produtiva no Brasil recente.

Na década de 1990 se intensifica o processo de reestruturação produtiva do capital no Brasil, este processo vem se efetivando de formas diferenciadas de acordo com o ramo produtivo e a realidade regional, comportando elementos de continuidade e descontinuidade em relação às fases anteriores, marcadamente pela mescla de sistemas de produção que coexistem em um mesmo espaço.

Neste mesmo período observa-se um nítido crescimento de relações de trabalho mais desregulamentadas, criando uma massa de trabalhadores que passam do pleno emprego, com carteira assinada, carga horária definida, um trabalhador formal, para um trabalhador informal, sem direitos trabalhistas e sem contrato em carteira. O número de empresas de terceirização, locadoras de força de trabalho temporário deu um salto significativo para atender à grande demanda por trabalhadores temporários, sem vínculo empregatício, sem registro formalizado.

Essas mutações, portanto, inseridas na lógica da racionalidade instrumental do mundo empresarial, estão intimamente relacionadas ao processo de reestruturação produtiva do capital, no qual as grandes empresas, por meio da flexibilização dos regimes de trabalho, da subcontratação, da terceirização, procuram aumentar sua competitividade fraturando e fragmentando ainda mais a classe que vive do trabalho.(ANTUNES, 2006,p.25)

Antunes (2006) afirma ainda que em plena era da informatização do trabalho, na era da acumulação digital, presencia-se de forma densa a informalização do trabalho, caracterizada pela ampliação dos terceirizados, subcontratados e flexibilizados.

Em relação a precarização do trabalho no âmbito da informalidade Campanhol (2000) pondera, que a economia informal ocorre onde o custo da formalização é muito alto, tanto do ponto de vista burocrático quanto tributário, é uma economia subterrânea, invisível, alternativa, ilícita, mas que sustenta grande parcela da população servindo como um amortecedor das questões sociais. As atividades econômicas desenvolvidas informalmente não mostram-se como uma solução concreta para as crises cíclicas que atingem a cidade de Franca, mas ressalta-se que a economia informal movimenta e reproduz uma parcela considerável dos capitais disponíveis.

Pochmann (2006) pontua que a maior parte das vagas e trabalho disponíveis no mercado atualmente não tem sido de assalariados, mas de ocupações sem remuneração fixa, por conta própria, autônomo, trabalho independente, de cooperativa, entre outros.

Mas faz menção ao fato de nas décadas de 1980 e 1990, somente as micro e pequenas empresas (com menos de cem funcionários) conseguiram aumentar a participação relativa no total de empregos formais, pois os demais estabelecimentos adotaram de maneira generalizada os processos de terceirização e desregulamentação, um ponto extremamente positivo para o nosso estudo que visa analisar as micro e pequenas empresas do setor calçadista.

Para Campanhol (2000) o Brasil não conseguiu internalizar as condições básicas para tornar o capitalismo dinâmico, aquele capaz de financiamento e inovação autônomos. Sob o ponto de vista social somente uma mínima parcela da população tem condições de vida similares às populações dos países centrais. O capitalismo semi-periférico do qual o Brasil é parte foi incapaz de suprir as necessidades básicas da população. O que se observa é a inserção ao centro sob forma de desemprego estrutural, heterogeneidade social, dualidade no mercado de trabalho, decadência de regiões e desintegração de parques industriais. Existe um aprofundamento das desigualdades e da exclusão social.

No que concerne às reações apresentadas pelo setor calçadista de Franca é possível afirmar segundo Navarro (2006b) que apesar da produção alternar momentos de crescimento com períodos de refluxo, apresentou também na década de 1980, no início do processo de reestruturação produtiva, um desempenho positivo, mantendo um volume médio de produção em torno dos 30 milhões de pares/ano, crescendo tanto a produção destinada ao mercado interno quanto ao externo. A crise vivida pelo mercado internacional desde o início da década de 1980 teve um efeito positivo para as indústrias de Franca, pois estas forneceram sapatos de couro com qualidade ligeiramente inferior aos fabricados na Itália e Espanha, e com preço menor, tal situação possibilitou a indústria de sapatos de Franca um impulso no que tange às exportações.

Campanhol (2000, p. 118) confirma este salto na produção do sapato de Franca e completa:

Na década de 1980, quando a indústria francana deslança, inclusive destinando parte de seus produtos para a exportação, a porcentagem da população urbana cresceu demasiadamente, ficando acima do índice nacional. O IBGE indicava 65,21% para o Brasil e, em Franca, o índice de urbanização era de 96,7%.

Em 1986 as indústrias calçadistas apresentavam um saldo positivo nas exportações mas tinham sua base no mercado interno, neste período alcançaram um recorde no número de assalariados formais contratados chegando a 37.328, com 74% da produção destinada ao mercado interno, mas em 1987 com a falência do plano de estabilização econômica e a conseqüente redução do poder aquisitivo de grande parte da população, fez com que o mercado interno apresentasse uma queda brusca, dos 35 milhões de pares produzidos em 1986, no ano seguinte este número caiu para 17 milhões de pares, os seus reflexos foram sentidos por toda a economia local, nos primeiros seis meses do ano as indústrias demitiram cerca de 6 mil trabalhadores e até dezembro de 1987 este número atingiu cerca de 10 mil trabalhadores. A retração do mercado interno causou uma forte crise no setor provocando a falência e o fechamento de várias empresas.

Campanhol (2000) advoga que a indústria de calçados e componentes de Franca tem sido o centro dinâmico das atividades econômicas do município, sendo assim os abalos sofridos neste setor provocam crises, o funcionamento das indústrias de sapato sempre estiveram ligados a políticas governamentais, não

ficando imune às medidas de caráter neoliberal, muito presente no atual processo de globalização.

Já em 1988 e 1989 o volume da produção continuou em queda, embora houvesse tido uma ligeira melhora de 24 milhões de pares em 1988 para 27 milhões de pares em 1989, mas a oferta de trabalho não acompanhou o aumento da produção. A redução proporcional do número de vagas oferecidas pela indústria calçadista aponta para uma nova tendência que se intensificou na década de 1990, a ampliação do volume de produção com a retração do número de trabalhadores empregados diretamente pelas empresas, resultado da adoção de estratégias de reestruturação do processo produtivo, e pouco da inovação tecnológica. O setor calçadista apresenta-se com preponderância do trabalho artesanal e poucas técnicas são introduzidas no que tange a inovação da maquinaria.

TABELA 2 – Produção de calçados em Franca: 1980-1989
(*em milhões de pares)

Ano	Mercado Interno *	Mercado Interno%	Mercado Externo *	Mercado Externo%	Total
1980	8,9	71,8	3,5	28,2	12,4
1981	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1982	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1983	7,5	49,7	7,6	50,3	15,1
1984	15,2	47,5	16,8	52,5	32,0
1985	19,2	64,0	10,8	36,0	30,0
1986	25,9	74,0	9,1	26,0	35,0
1987	9,0	52,9	8,0	47,1	17,0
1988	14,9	62,1	9,1	37,9	24,0
1989	17,5	64,8	9,5	35,2	27,0

Fontes: Sindicato da Indústria de Calçados de Franca. Informações Gerais sobre o setor Calçadista. Franca, s.d.p., mimeo. (apud NAVARRO, 2006b, p. 187)

TABELA 3 – Produção de calçados em Franca: 1990-1996
(*em milhões de pares)

Ano	Mercado Interno *	Mercado Interno%	Mercado Externo *	Mercado Externo%	Total
1990	18,1	67,0	8,9	33,0	27,0
1991	16,7	69,6	7,3	30,4	24,0
1992	15,0	58,4	10,7	41,6	25,7
1993	17,0	54,0	14,5	46,0	31,5
1994	19,8	62,9	11,7	37,1	31,5

1995	14,6	66,4	7,4	33,6	22,0
1996	19,4	78,2	5,4	21,8	24,8

Fonte: Sindicato da Indústria de Calçados de Franca. Informações Gerais sobre o setor Calçadista: Franca.s.d.p.mimeo. (apud NAVARRO, 2006b, p. 203)

De acordo com a tabela é possível constatar períodos de elevação e decréscimo no volume da produção calçadista de Franca durante a década de 1990, tais oscilações foram influenciadas por políticas econômicas internas e políticas de câmbio.

Em 1995 pode-se verificar o declínio da produção calçadista, 22 milhões de pares, embora houvesse um aquecimento na economia nacional as vendas voltaram-se para bens de consumo duráveis, penalizando o setor produtos de produtos não duráveis.

No mercado externo, a sobrevalorização cambial da moeda brasileira foi simultânea à desvalorização cambial praticada pela Espanha e, principalmente pela Itália, país que passou a reestruturar sua produção enviando parte das operações de confecção do calçado para ser realizada fora de suas fronteiras. A desvalorização cambial praticada por esses países acabou reduzindo a competitividade, no exterior, dos calçados masculinos de couro produzidos em Franca. (NAVARRO, 2006b, p. 209-210)

Agravando-se assim, a situação da indústria de sapato de Franca, tanto no âmbito do mercado externo quanto no interno, com os europeus perdeu-se competitividade nos sapatos de maior valor agregado e no mercado nacional passou a competir com os calçados produzidos nos países asiáticos de baixo preço e qualidade.

Tais fatores ocasionaram a retração da produção calçadista incidindo diretamente na redução da força de trabalho empregada e nas várias falências e concordatas ocorridas novamente na cidade.

Campanhol (2000) afirma que o setor calçadista adaptou-se constantemente nas últimas décadas a fim de encontrar alternativas para a superação de momentos adversos, atendendo as exigências do mercado. As estratégias mostraram-se de forma variável, ora buscando subsídios de governos estaduais e federais, visando o enfrentamento da competitividade internacional, ora voltando-se para o mercado interno, em tempos desfavoráveis à exportação, ou ainda reformulando e dinamizando o processo produtivo via terceirização.

Navarro (2006b) afirma que independente das variações ascendentes e decrescentes do volume da produção ao longo da década de 1986-1996, a indústria calçadista francana extinguiu cerca de 16,5 mil postos de trabalho neste período e passou por fortes crises tendo que se reorganizar para sobreviverem. Das mudanças que foram efetivadas nas indústrias calçadistas nota-se a redução do número de postos de trabalho principalmente com a eliminação dos cargos de auxiliar nos vários setores da empresa, a utilização do trabalho em grupo ou células de produção que com o reagrupamento de tarefas deu lugar ao trabalhador multifuncional e polivalente. A estratégia de redução de custos mais difundida entre as empresas foi à terceirização de atividades de setores da produção.

Barbosa (2007) afirma que o processo de reestruturação produtiva em Franca não ocorre por meio do uso de novas tecnologias, nem pela difusão efetiva do toyotismo, mas sim na expressão mais visível dessa reestruturação do capitalismo, através da terceirização, ou seja, na re colocação de parte do processo produtivo por meio da subcontratação de empresas e/ou pessoas especializadas na realização dos mais diversos processos necessários à confecção do sapato como: pesponto, chanfração, corte, entre outros, corroborando assim neste sentido com Navarro (2006b), mas advoga:

Com efeito, o que tenho observado é que, se por um lado, houve realmente nas duas últimas décadas um processo de precarização das relações de trabalho, materializado sobretudo na intensificação do trabalho domiciliar, por outro, a re colocação de parte da estrutura produtiva para um ambiente extra muros das fábricas criou terreno fértil ao surgimento de novos empreendedores. Num segmento no qual predomina ainda o trabalho essencialmente artesanal, o “saber-fazer” teve peso decisivo na decisão de trabalhadores se estabelecerem como empresários. (BARBOSA, 2007, p.2, destaque do autor)

O autor ressalta ainda, que houve uma elevação de 550% nos últimos 20 anos no número de microempresas do setor, passando de 204 em 1985 para 1326 em 2005, e tal salto ocorre exatamente no período que corresponde à reestruturação produtiva capitalista. Estes dados demonstram que parte significativa das pessoas que perderam seus empregos nas fábricas tornaram-se microempresários calçadistas.

TABELA 4 – Produção de calçados em Franca: 2000 - 2006

(*em milhões de pares)

Ano	Mercado Interno *	Mercado Interno%	Mercado Externo *	Mercado Externo%	Total
2000	27,0	83,0	5,5	17,0	32,5
2001	26,3	81,0	6,2	19,0	32,5
2002	24,0	80,0	6,0	20,0	30,0
2003	24,9	77,6	7,1	22,4	32,1
2004	25,3	71,5	10,1	28,5	35,4
2005	19,6	70,3	8,3	29,7	27,9
2006	18,9	74,1	6,6	25,9	25,5

Fonte: Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca

Diante desta acentuada expansão do número de micro e pequenas empresas, Barbosa (2007) afirma que há criação de um círculo vicioso prejudicial a todo o ambiente local, com características de um cluster de sobrevivência:

[...] todas as empresas produzem mais ou menos a mesma coisa, somado ao hábito de copiarem os sucessos lançados pelo concorrentes, de modo que no final todas estão novamente oferecendo o mesmo produto. E mais: além de operarem precariamente, essas empresas apresentam competências técnicas e comerciais insuficientes. (STAMER, 2001, p.9 apud BARBOSA, 2007, p.7)

Neste contexto são extremamente necessárias medidas que auxiliem estes atores sociais a fim de que seus empreendimentos sobrevivam e se desenvolvam, para isso conhecimentos em preceitos contábeis, marketing, processos de informação, logística, entre outras habilidades para uma gestão bem sucedida fazem-se de suma importância.

Navarro (2006a, p.414) define o processo de reestruturação produtiva em Franca:

A readequação das empresas do setor calçadista francano à nova lógica do mercado, principalmente a partir dos anos 1990, que passou a exigir maior qualidade dos produtos, maior variedade de

modelos, maior produtividade e competitividade, implicou na extinção de postos de trabalho, exigência de maior qualificação da força de trabalho, surgimento do trabalhador polivalente multifuncional, substituição do trabalho em linha pelo trabalho em grupo ou células de produção, aumento do trabalho terceirizado, subcontratado por meio de “bancas” e do trabalho em domicílio, aviltamento salarial e aumento da exploração do trabalho infantil.

Barbosa (2007) demonstra uma outra visão a respeito desta afirmativa de Navarro (2006), afirmando que os reflexos da reestruturação produtiva na estrutura fabril local ao mesmo tempo em que “expulsou” um grande número de trabalhadores das indústrias, também contribuiu para disseminar uma cultura empreendedora entre estes mesmos trabalhadores. Sendo possível graças às reduzidas barreiras impostas pelo setor à entrada de novos estabelecimentos, o “saber fazer” é a chave de transposição da condição operária ao patronato. A dinâmica da reestruturação produtiva, intensificou o trabalho domiciliar mas ao mesmo tempo contribuiu para disseminar o *know-how* de fabricação do sapato por amplas camadas da classe trabalhadora, ao facilitar o acesso à concepção de modelos, design e materiais num ambiente propício ao estabelecimento por conta própria, o “turbilhão da reestruturação” também gerou uma multidão de novos competidores, não sendo por acaso que quase dois terços dos empresários surgidos a partir de 1990 tem origem operária.

De acordo com Campanhol (2000, p. 139)

Em Franca a falência de uma indústria de calçado provoca a abertura de outras, via aproveitamento do *know-how* de pessoal desempregado e de equipamentos da falida, foi assim desde a primeira falência, na década de 20, no dizer de Chiachiri⁹: Calçado é como tiritica.

Para Barbosa (2007) no que tange à reestruturação produtiva, na indústria do sapato, de forma nenhuma pode-se falar da expansão do trabalho intelectual e da redução e desvalorização do trabalho manual, pois este último é fator fundamental não apenas na dinâmica da produção, mas também como elemento de ligação para a formação de inúmeras trajetórias empresariais. Alega também que não existem

⁹ Ver Chiachiri Filho 1967.

traços de difusão do toyotismo nessa aglomeração industrial, contrariando premissas de outros pesquisadores deste espaço produtivo, ao invés disso, a produção mostra-se artesanal, no caso das microempresas, e nas demais configurações ainda é baseada no fordismo (esteiras mecânicas).

No universo de pesquisa em questão, destaca-se que 78,5%¹⁰ dos empregos dependem atualmente da microempresa, e longe de provocar saudades do fordismo ou de um retorno à linha de produção, tal situação necessita de políticas públicas de amparo ao microindustrial, fornecendo-lhe informação e capacitação para que se mantenha no mercado. Sendo necessária uma solução de caráter público e não privado. Evidentemente que os pequenos empreendedores não pretendem retornar aos seus antigos empregos mas sim continuar seus negócios em condições adequadas. Assim é possível constatar que o perfil deste empresariado nada tem haver com o perfil predominante do empresário no cenário do capitalismo atual, é o que pondera Barbosa (2007, p. 6)

É nesta linha de raciocínio que se baseia o estudo aqui proposto, à compreensão de um ator social híbrido, cujas características e hábitos da condição operária permanecem, coexistindo com a nova condição de empresário, pois acredita-se que a compreensão deste empresário certamente se constitui em importante instrumento para a elaboração de políticas públicas que venham ao seu auxílio, procurando assim colaborar com o desenvolvimento de todo o parque industrial, em especial os micro e pequenos empresários do setor produtivo de calçados de Franca, refletindo diretamente na questão social local.

¹⁰ Dados Sindifranca/2007

3 A MENTALIDADE DOS “HOMENS-DO-SAPATO”

Para analisarmos a mentalidade dos sujeitos colaboradores da pesquisa em questão é prudente discorrermos sobre o assunto mentalidade em si, tentando evidenciar traços relevantes para uma melhor compreensão.

A história das mentalidades nasceu logo após a Primeira Guerra Mundial, um grupo de historiadores como os franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, o belga Henri Pirenne, geógrafos como A. Demangeon, sociólogos como L. Lévy-Bruhl, M. Halbwachs, entre outros criando a partir de 1929 a “escola dos Annales”.

É importante ressaltar que no início, a história das mentalidades era uma faceta de uma história mais ampla denominada história social ou ainda história econômica e social. Interessante notar que segundo Áries (1990) a história tradicional tinha seu foco de interesse em grandes personalidades, camadas superiores, elites, estadistas, pelos acontecimentos (guerras, revoluções) ou pelas instituições (políticas, econômicas, religiosas) que eram dominadas por estas elites. Já a história social, interessava-se pela massa da sociedade, que permanecia distante dos poderes, por aqueles que lhes eram submetidos.

Este autor afirma ainda, que houveram fases importantes para a evolução da história das mentalidades, destacando a importância da história econômica, sendo esta a primeira história científica coletiva.

À história descontínua dos indivíduos, dos acontecimentos que eles provocam, das instituições que controlavam, opunha-se uma história ao mesmo tempo coletiva e contínua, estabelecida sem hiato na longa duração, a de uma humanidade anônima, com a qual, porém, cada um de nós podia se identificar. (ARIES, 1990, p.157)

Outra fase importante segundo este autor foi a história demográfica que permitia através de dados estatísticos trazer a tona realidades ocultas.

Dessas realidades das atitudes diante da vida, da idade, da doença, da morte, os homens de outrora não gostavam de falar e, na maior parte dos casos, sequer estavam conscientes delas. Séries numéricas na longa duração revelaram modelos de comportamento de outro modo inacessíveis e clandestinos. Assim, as mentalidades surgiam ao cabo de uma análise das estatísticas demográficas. (ARIES, 1990, p.159)

Uma terceira fase é também citada pelo autor, nos anos de 1970 observa-se um declínio dos temas socioeconômicos, um desinteresse coletivo em relação aos

temas demográficos da década precedente e, em compensação uma invasão de temas até então desconhecidos e raros como a família, a sexualidade, a sociabilidade, a criminalidade entre outros. Tais temas são considerados o primeiro domínio conquistado pela história das mentalidades.

A história das mentalidades segue as confluências e as divergências ao mesmo tempo orais e escritas, proporcionando assim a compreensão de antigas oralidades reprimidas, de modo oculto, não consciente, seja sob a forma de sobrevivências camufladas, seja sob a forma de vazios, de enormes lacunas em nossa cultura atual, em que triunfam a racionalidade da escrita.

Le Goff (1976) afirma que a história das mentalidades deve estar estreitamente ligada à história dos sistemas culturais, sistemas de crenças, de valores, de equipamento intelectual no seio dos quais a mentalidades são elaboradas, viveram e evoluíram.

Ariès (1990, p.174) ressalta a importância do inconsciente coletivo ou melhor dizendo não- consciente coletivo sendo, coletivo: o que é comum a toda uma sociedade em determinado momento e não-consciente: mal percebido, ou totalmente despercebido pelos contemporâneos, porque, é obvio, faz parte dos dados imutáveis da natureza, idéias recebidas ou idéias no ar, lugares-comuns, códigos de conveniência e de moral, conformismos ou proibições, expressões admitidas, impostas ou excluídas dos sentimentos e dos fantasmas. Denomina-se também “estrutura-mental”, de “visão de mundo”, para designar traços coerentes e rigorosos de uma totalidade psíquica que se impõe aos contemporâneos sem que eles saibam.

Pode-se afirmar que é no sujeito coletivo que as diferenças individuais se diluem e possibilitam a emergência e o desenvolvimento de uma visão de mundo que vai sendo renovada, dotada de significação peculiar.

Para Jacques Le Goff (1976, p.71)

[...] a história das mentalidades situa-se no ponto de junção do individual e do coletivo, do longo tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral.

Este autor afirma ainda:

[...] o nível da história das mentalidades é aquele do quotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento, é o que César e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum” e acrescenta: “assim o que parece desprovido de raízes, nascido da improvisação e do reflexo, gestos maquinais, palavras irrefletidas, vem de longe e testemunha em favor da extensa repercussão dos sistemas de pensamento.

Sendo assim a mentalidade é capaz de trazer um conteúdo impessoal do pensamento dos sujeitos individuais, resulta do cotidiano, do dia-a-dia, mas que vem carregado de significação, de fatores provocados por sistemas de pensamentos .

Neste sentido Halbwachs (1990, p. 14) acrescenta:

[...] que a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. [...] A consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica.

Pode-se afirmar que mentalidade é um conjunto de valores, morais, espirituais, sociais e materiais criados em um determinado contexto, cultural, socioeconômico, histórico e demográfico. A formação desta mentalidade advém de processos sociais constantes de interação, competição, conflito, solidariedade entre outros, expresso em costumes, idéias e no modo de vida como um todo. Sendo uma construção socialmente herdada contínua e lógica, podendo ser alterada e mesmo superada de acordo com os avanços e recuos vivenciados.

A compreensão da mentalidade, só é possível a partir da análise do homem dentro de um grupo social ao qual ele está inserido, levando-se em conta que o homem não vive só, e sim, em sociedade em constante interação com os demais. Esta interação se dá também na inter-relação de comunidades geograficamente diferentes, fazendo com que a mentalidade produza um aspecto social conduzindo a uma reorganização do espaço geográfico.

A mentalidade é a manifestação do processo histórico resultante de diversos processos sociais, em virtude de múltiplas e complexas inter-relações, incluindo aspectos econômicos, políticos, culturais, religiosos e ideológicos.

Os mecanismos da mentalidade mostram-se essenciais na compreensão do universo sócio-histórico, pois consta de um domínio temporal, utilizando-se não somente de documentos oficiais, mas sim por muitas vezes os fatores que determinam a sua consciência auto-reflexiva, como a arte, costumes, crenças e ritos, assim cada manifestação particular pode aparentemente ser insignificante, porém esta é capaz de revelar o que não está formulado, ou seja o que está encoberto pelas emoções, atitudes, comportamentos, representações como atos inconscientes, uma vez que se remete à memória, às lembranças.

Os atores sociais agem de acordo com os traços de mentalidade que apresentam, este capítulo propõe a realização de uma análise que traga à tona tais características e como elas influenciam a realidade vivenciada.

3.1 A Mentalidade Tradicional: sujeitos da história do sapato

De acordo com Engler (1995) as organizações empresariais de Franca, apresentam caráter predominante familiar e tradicionalista, nesta linha o poder é estabelecido pela tradição, por aquilo que vem sendo feito há anos da mesma maneira, desconsiderando todo o avanço organizacional estratégico para se alcançar metas e manter-se no mercado. A figura do poder centralizado no fundador da empresa, sendo este, referência e muitas vezes ídolo dentro da organização, também é comum nestas empresas, tais homens geralmente tiveram uma origem humilde e conseguiram uma mobilidade social devido a sua iniciativa. Na questão da empresa familiar é comum toda a família trabalhar na empresa sendo os cargos de direção e gerência ocupados pelos parentes, independente da capacidade apresentada.

Segundo Mello (2004) a ausência de oportunidades de trabalho em outros setores e a atuação contingencial favorecem a reprodução de valores construídos e cristalizados no setor, o fato da grande maioria destes micro e pequenos empresários terem sido funcionários de outras empresas também favorece a reprodução do processo de gerenciamento, havendo a permanência dos vícios administrativos.

Contudo, este perfil essencialmente tradicionalista impede que essas organizações empresariais assimilarem e incorporem as novas descobertas feitas pela administração moderna, visto que somente as organizações empresariais que adotarem essa filosofia empresarial terão oportunidade de se perpetuarem ao longo da história. (ENGLER, 1995, p. 29)

Pautados na pesquisa de Barbosa (2006) é necessário ressaltar a necessidade de levar em conta fatores específicos da indústria calçadista francana, o acesso ou não aos mecanismos de amparo disponibilizados pelo Estado, o espaço geográfico onde está inserida e aspectos peculiares de sua formação, são elementos essenciais para o entendimento da realidade atual destes atores sociais.

A fim de se apresentar uma maior coerência faz-se necessário a caracterização de traços de mentalidade do empresariado francano formados no início da industrialização do calçado em Franca, sendo que tais traços mostram-se recorrentes ainda hoje.

Uma das questões relevantes a serem levantadas é a forma com que gerenciavam a vida financeira da empresa e a suas próprias, segundo Barbosa (2006b) os pioneiros revelavam sintonia com os preceitos de racionalidade weberiana¹¹, não havia extravagância quanto ao uso do dinheiro, nem ostentação, mostrando um estilo de vida sóbrio e adequado às economias.

Tal postura foi alterada à medida em que as empresas e empresários foram se estruturando e tendo êxito na atividade calçadista, tal alteração foi proveniente também pelo fato dos pioneiros não serem mais os responsáveis pela administração das empresas e sim seus sucessores, desta forma passa a chamar a atenção a forte mudança ocorrida no padrão de conduta econômica apresentada.

Se até meados dos anos de 1960 predominou entre os industriais um *ethos* econômico bastante próximo do 'ascetismo' secular descrito por Weber como 'sóbrio capitalismo burguês, com sua organização racional do trabalho' (1967, p.9), no momento posterior pode-se observar a prevalência de comportamento notadamente oposto a este. (BARBOSA, 2006b, p.205, destaque do autor)

¹¹ Para Max Weber (1967, p. 122 apud BARBOSA, 2006b, p.162) o tipo de conduta racional, própria do capitalismo, aparece associado ao puritanismo protestante que emergia com a Reforma. Na abordagem weberiana, "acetismo secular do protestantismo [...] opunha-se assim, poderosamente, ao espontâneo usufruir das riquezas, e restringia o consumo do luxo".

Após 1964 os sinais de ostentação desses empresários eram surpreendentes, a aquisição de propriedades rurais, de imóveis de altíssimo nível, carros de última geração e até mesmo helicópteros mostram claramente a maneira inadequada de utilização dos recursos financeiros.

[...] fica claro que acabou por emergir no cenário local uma cultura empresarial baseada predominantemente na imobilização dos capitais acumulados, **assim como na exposição de sinais exteriores da riqueza, atitudes próprias de um grupo social que estaria mais preocupado com a questão do *status*, com sua classificação social superior, que propriamente com a produtividade de seus empreendimentos.** (BARBOSA, 2006b, p.207, grifo nosso)

O autor ressalta ainda que devido à abundância de recursos de financiamento, até então incomum no cenário local, aliada à grande acumulação gerada pelos benefícios oficiais, desestimularam a ética capitalista que caracterizou os pioneiros¹² do setor calçadista. Sendo deste modo, neste ponto de vista, negativo, pois ofereceu benefícios além do necessário deixando o empresariado “mal acostumado”, acomodado em receber benesses do Estado e não agir com a racionalidade esperada. Ressalta-se que tais benefícios atendiam apenas os grandes empresários, não tendo acesso os micro e pequenos empresários, mas mesmo assim, a conduta que fora alterada, transformou-se em um traço de mentalidade de todo o setor.

Esta realidade era própria dos grandes industriais que foram beneficiados pelos incentivos governamentais e realizavam grandes exportações de seus sapatos, mas foi assimilada por todo o setor local, sendo assim nos primeiros e mesmo que modestos lucros a postura assumida pelos micro e pequenos empresários é a de exposição de melhoria em seu *status*, mostrando que houve uma mobilidade social mesmo que pequena, através da compra de carros, imóveis e gastos desnecessários.

Quanto a esta mentalidade de ostentação um sujeito colaborador de nossa pesquisa diz o seguinte:

¹² Traz-se o exemplo de Miguel Sábio de Melo, que sempre que voltava dos Estados Unidos trazia em sua bagagem produtos como talheres em inox e uniformes do exército norte-americano, que vendia para auxiliar no custeio dos estudos de seu filho em Boston, caracterizando assim uma racionalidade financeira.(BARBOSA, 2006b, p. 206)

[...] porque a gente não consegue a gente vai vivendo, é uma indústria de subsistência tanto do dono quanto do funcionário, eu aqui sou uma pessoa que tem o meu carrinho e tal, mas eu olho muito para dentro da fábrica eu procuro investir em maquinário, minhas máquinas são máquinas novas, e quanto mais eu tiver mais eu ou investir, porque aqui é a galinha dos ovos de ouro, se ela tá bem eu tô bem, se ela tá mal eu tô mal, então tudo isso faz parte do conceito de cada um, **tem gente que o que puder tirar vai tirando, dane-se a empresa, você chega lá as máquinas estão todas sucateadas, e ele tem caminhonete do ano.** (Manoel – micro empresário, grifo nosso)

Diante desta ponderação é possível aperceber-nos de duas situações interessantes, a primeira é que de acordo com a fala, o sujeito colaborador acredita estar agindo corretamente e diferentemente do usual além de demonstrar uma impressão extremamente ponderada, classificando a indústria calçadista como uma indústria de subsistência e também apresenta a conduta mais comum no setor que é retirar da empresa para fins de ostentação aquilo que deveria ser reinvestido. Mostrando assim traços de mentalidade que permanecem há décadas.

Mesmo com todo o fascínio causado pela grande indústria do sapato, e por tudo que ela representa, como um grande poder de aquisição, ascensão quanto a mobilidade social e mesmo exposição do *status quo*, é interessante notar na realidade local uma alteração na conduta do micro e pequeno empresário. Se o comum é crescer cada vez mais, ter sucesso no empreendimento e vislumbrar novos caminhos, e, isto sempre foi seguido ao ‘pé-da-letra’ pelo empresariado local, com muito entusiasmo porém com pouca capacidade técnica administrativa, assumia-se riscos inusitados e o índice de falências era enorme,

[...] não seria impeciente aventar a hipótese de que, em boa medida, a negligência do empresariado em canalizar recursos para modernizar suas fábricas teve como contrapartida o ‘desvio’ de seus lucros para os investimentos imobiliários. (BARBOSA, 2006b, p.209, destaque do autor)

Há uma certa apreensão, um certo cuidado em relação ao crescimento da empresa, isto foi constatado em diversas falas de pequenos empresários, deixando claro que já conheciam bem o desfecho de atitudes impensadas e pouco planejadas.

Quanto à produção do sapato:

[...] **hoje nós estamos com 400 e eu quero 399 e não 401**, já estamos com 400 pares há mais ou menos seis anos, a meta nossa foi atingida e eu não tenho pretensão nenhuma de aumentar isso, porque eu amo o que eu faço, faço bem graças a Deus, hoje nosso produto tá nas melhores lojas do Brasil, faço também com marcas de terceiros, então eu acredito que eu achei um ponto de equilíbrio que dá pra mim viver legal, dá pra mim curtir a minha família também, curtir meu lazer. (José – pequeno empresário, grifo nosso)

E acrescenta ainda:

[...] então consumir, consumi, e quanto maior a produção mais eu vou ganhar, mas, mais problemas eu vou ter, então pra mim sair de onde eu saí e chegar onde eu cheguei eu só tenho que agradecer e quero ficar assim sei lá até quando, eu penso assim. (José – pequeno empresário)

Há muita prudência nas assertivas dos pequenos empresários do sapato, eles percebem até aonde devem ir, planejam e agem de acordo com suas metas, talvez, tal postura advenha de anos de experiência pois os pequenos empresários sem exceção estão há mais de 15 anos com suas empresas montadas, iniciaram suas atividades como micro empresários em estruturas simples sem grandes perspectivas, além da experiência acumulada por cada um, houve um grande aprendizado com os acontecimentos no setor produtivo de sapato em Franca, causados por grandes crises e “quebradeira generalizada” daí uma perspectiva de indícios de mudança nos traços de mentalidade do universo estudado.

[...] **faço 820 pares, e para mim era o que eu queria, eu não quero fazer 3.000, 4.000 pares eu quero é fazer o que eu faço com qualidade, melhorar a qualidade, cliente, serviço e não quantidade, que esses 820 eu acho assim dá muito serviço, mas eu vivo também**, quando eu saio da fábrica, eu saio daqui, eu tenho inúmeras coisas que eu gosto de fazer, sem ser trabalhar, adoro trabalhar, mas tem coisa que eu gosto também além do serviço e com essa produção que a fábrica tá eu tenho condição de fazer as outras coisas. Então eu fico aí vendo gente que faz 6000 pares, 10000 pares, assim eu até admiro muito, mas assim, não é o meu objetivo não, meu objetivo é essa produção que eu sempre oscilo de 800 a 1000 pares , já tem o que, deve ter uns 12, 14 anos que eu estou com essa produção nem abaixo, nem acima, to aí, 20% a mais ou a menos, mas estou conseguindo, mas melhorei muito o nível do meu sapato, hoje eu faço um produto mais para a classe A, um sapato bom que é o que eu queria[...]. (Maria – pequena empresária, grifo nosso)

O problema é que cresce demais, e o que acontece, você perde a visão, seus olhos não enxergam mais, enquanto seus olhos estão enxergando tudo você administra melhor, você entendeu? Aí já começa a complicar, aí você já perde o controle, e é aí que mora o perigo. (João – pequeno empresário, grifo nosso)

E completa:

O que está acontecendo aí, talvez com as indústrias grandes, hoje os pequenos estão engolindo os grandes, você entendeu? Porque os pequenos hoje produz calçado talvez até melhor que o grande e com a metade do preço, um preço bem mais acessível e o grande como ele tem uma despesa muito alto ele não consegue acompanhar os pequenos, tá acontecendo esse problema aí. (João –pequeno empresário, grifo nosso)

Nos anos de 2006 e 2007 o setor produtivo de sapatos de Franca sofreu uma forte crise que culminou com o fechamento de grandes empresas, ícones do setor no Brasil, Samello¹³, Pé-de- Ferro e Sândalo, todas segundo o Jornal Comércio da Franca (12/04/2007), já apresentavam problemas desde de 2004 e tiveram suas situações agravadas a ponto de terem fechado suas portas, o que contribuiu para a redução no número de pares produzidos em Franca, só em 2006 3,25 milhões de pares deixaram de ser produzidos na cidade. O calçados Agabê também tem sofrido os efeitos da crise reduzindo drasticamente o número de funcionários e sua produção.

Apesar da perda do setor produtivo de sapato e dos danos sofridos por toda a cidade é possível que tais fatos tragam uma reflexão maior sobre o setor, uma vez que se os grandes tiveram a ponto de fechar suas portas todo o setor está suscetível ao mesmo, ao menos que se repense e coloque em prática, novas condutas para gerir de forma adequada as empresas.

Em entrevista ao jornal Comércio da Franca de 15 de Julho de 2007, o consultor Zdeneck Pracuch¹⁴ chamou a atenção para a necessidade de mudança de mentalidade dos produtores de sapato de Franca , **“os calçadistas francanos que não mudarem suas mentalidades, não ouvirem o que quer o consumidor e não organizarem suas empresas terão morte certa, poucos irão sobreviver”**. Para ele o sapato chinês já ganhou a concorrência com o brasileiro, quando se trata de sapato barato de sintético, já o sapato de couro, que é produzido em Franca de

¹³A Calçados Samello no ápice de sua trajetória chegou a produzir 12 mil pares de sapatos por dia e gerar 3,5 mil empregos diretos, com clientes em mais de 40 países, além de ter sido responsável no transcorrer de sua história por inovações que afetaram todo o setor produtivo de sapatos do Brasil.

¹⁴ Zdeneck Pracuch é um dos maiores especialistas em sapatos do mundo, foi executivo do Grupo Samello, Bata, Nike, entre outros.

altíssima qualidade e confortável é o caminho para a superação, é necessário investir em qualidade, conforto e preço competitivo, e acentua

[..]nosso calçado hoje pode ser comparado aos melhores do mundo, sem nenhum demérito, mas na gestão empresarial como um verdadeiro desastre. **A gestão de empresas entre os calçadistas é catastrófica e calamitosa. Os francanos são ótimos sapateiros, mas não sabem gerir as empresas**” e completa: “**não adianta querer deixar Franca em busca de incentivos de outros estados e municípios se levar os mesmos vícios francanos, senão mudar a mentalidade.** (grifo nosso)

O Jornal Comércio da Franca em 15 de Novembro de 2006, na coluna Objetiva chama a atenção para a questão dos gastos excessivos do empresariado:

Especialistas insistem, que é preciso acordar para o fato de que foi-se o tempo em que os lucros vinham com fartura para o bolso do empresariado, não só do setor calçadista, mas também de outras atividades da indústria e do comércio. **O tempo passou e parte do empresariado francano manteve a antiga mania de primeiro gastar o que ganhou esquecendo-se de investir na empresa, calçando-a com lastro financeiro.** Resultado: em geral, o castelo de areia desaba, quando não acontece o fenômeno das quebras em série, nas quais os empresários fecham a fábrica e não pagam os direitos trabalhistas dos funcionários e abrem uma empresa com outro nome, na esquina do outro quarteirão. (Grifo nosso)

O mesmo Jornal chama a atenção para a questão da necessidade de união no setor e mesmo em toda a cidade:

E para vencer essa crise é preciso que as pessoas de uma comunidade redescubram o que elas têm em comum. É necessário que cada cidadão enxergue a cidade como algo que lhes pertence e à qual pertencem. **É preciso união.** [...] todas as coisas boas e más de Franca devem ser encaradas como (e devem ser de fato) de todos. Só assim se torna possível encontrar saídas para as dificuldades pelas quais passa o setor calçadista, que atinge a todos sem distinção. (Comércio da Franca, coluna Objetiva, 07/11/2006, grifo nosso)

A questão da união ou da falta dela, é outro traço de mentalidade extremamente forte na localidade, sendo um imperativo para a inviabilidade de possibilidades passíveis de evolução e melhoria no setor.

Em seus primórdios (1937-1945) segundo Barbosa (2006b, p.212) a indústria produtora de sapatos mostrou forte interesse na união do setor a fim de fortalecer a classe:

[...] em que pese sua recente formação, a atuação do empresariado nesse período demonstrou preocupação com a construção de uma ideologia *industrialista*, imbuída da defesa de sua atividade e da difusão de seus valores para o conjunto da sociedade.

Mas a partir do período militar:

A partir de 1964 assistiu-se, contudo uma dupla inflexão na trajetória do empresariado calçadista de Franca, tornando-o protagonista de um processo que chama a atenção por sua ambivalência. Por um lado, esse empresariado deixou de ser um grupo social marginalizado pelo poder e passou a participar de modo gradativo das decisões políticas que afetavam seus interesses. Por outro, de uma postura tradicionalmente 'autônoma', traduzida no empenho de 'abrir caminho com as próprias mãos', essa fração burguesa passou a manifestar crescente dependência em relação à esfera política, perdendo a aura liberal que a caracterizou no período anterior.(BARBOSA,2006b, p.244)

Ao que nos parece, a classe produtiva de calçados de Franca, perdeu seu interesse pela união no campo político prejudicando sobremaneira a sua organização institucional, e após a vivência de várias crises no setor, com uma competição predatória tal postura mostrou-se ainda mais eminente, formando uma mentalidade extremamente avessa à cooperação.

Segundo Barbosa (2006a) a dinâmica econômica local apresenta características do chamado *cluster de sobrevivência*, caracterizado por um capital social modesto, grande desconfiança entre as empresas, concorrência ruinosa e mínima capacidade de inovação, persistência da prática de concorrência nociva, tanto por venda a baixo do valor de mercado, quanto pela depreciação do produto, causando uma tendência geral ao rebaixamento dos níveis de preço, reduzido nível de cooperação, com baixa falta de confiança entre os empresários e fornecedores, baixa capacidade de inovação, pouca inclinação à inovação e utilização de plágio como expediente recorrente na criação de novos produtos.

Nossos sujeitos colaboradores colocam da seguinte forma sua visão de cooperação do setor:

Os fabricantes, eu acho assim que é um setor muito desunido, **assim se eles puder furar o olho do outro eles furam**, eu acho assim, eles é muito desunido, se você precisar assim de um fabricante alguma coisa, isso aí eles viram às costas, perdem amizade, faz qualquer coisa, não conta a amizade não, eles põe o negócio na frente não tá nem aí não, inclusive já aconteceu esse negócio aí comigo. (Carlos – micro empresário, grifo nosso)

Aqui em Franca é o seguinte os empresários são muito assim, cada um por si, não procuram te ajudar de hipótese alguma, se você for em outra fábrica eles não deixam você entrar, entendeu, eu quando estava passando por dificuldades, tenho muitos amigos que tem fábrica e nada, te passar uma mensagem de otimismo nada, não fazem isso, então aqui é meio mercenário, **aqui o que puder enfiar o dedo no olho do outro ele enfia**, não ajuda muito não, aqui eu vejo muito isso[...] (Manoel – micro empresário, grifo nosso)

Bom, primeiramente ele não se preocupa em telefonar prá você e pedir uma orientação sobre alguma coisa que ele está desenvolvendo, não, **ele quer é furar seu olho**, então é aquilo que eu digo, hoje eu sou o sapato mais pirateado no Brasil, então isso, existe [...] (Antônio – pequeno empresário, grifo nosso)

[...] que Deus me perdoe, mas eu não acredito, assim eu não tenho, eu sou filiado do sindicato mas eu não boto fé nessa nossa classe não, **aqui pra te falar a verdade é um furando o olho do outro**, você pode ter certeza, que eu já senti isso na pele, de amigo que você abre as portas e na hora que você vai olhar é o produto do cara, aqui em Franca esse profissionalismo aí existe, mas como eu te falei por muito poucos, o mais comum aqui é um querendo ‘ferrar’ o outro, você pode ter certeza disso[...] em Franca se for fazer um filme de *Bang Bang* não tem jeito, quem é que vai fazer o papel de mocinho (risos) aqui só tem bandido. (José – pequeno empresário, grifo nosso)

Não existe assim, união nenhuma mesmo, é um campo minado, você tem que ter um cuidado muito grande, porque é assim [...]”(Maria – pequena empresária)

Mas ao mesmo tempo em que levantam a questão destes traços extremamente frágeis de cooperação entendem que com o seu fortalecimento, com o estabelecimento de uma rede de confiança é possível superar a crise vivenciada atualmente pelo setor.

Olha acontece o seguinte a coisa que a gente tem mais necessidade é essa união, então isso aí vai ajudar demais a gente, entendeu, acho que vai ajudar a todos, prá ver se diminui os problemas um pouco. (João – pequeno empresário)

Eu acho que precisa (união), há essa necessidade, nós estamos atravessando este momento difícil, eu acho que se tem uma união prá tá levando esses problemas pra Brasília, levando pra não sei onde, igual isso da exportação do *blue*, do couro, de estar evitando, tem que ter esta união maior, não só prá Franca, mas com o Sul, com Jaú, com todos os outros pólos calçadistas, é uma falha mesmo do setor [...] (Maria – pequena empresária)

Eu acho assim, eu acho que é o que deveria se unir mais, porque todos têm passado por dificuldades né, todos estão passando por dificuldades, eu acho que o pessoal deveria se unir mais em relação a isso e procurar uma melhora, eu acho que se os empresários se unissem eu acho que teria um bom resultado. (Cida – micro empresária)

A consciência de si, da classe como um todo já se mostra como um diferencial, um ponto de partida para novas condutas no meio produtivo do sapato, já é possível vislumbrar novos caminhos que possam ser percorridos para um traço de confiança maior.

Eu acho o setor muito desunido, eu acho que se nós empresários estivéssemos comprometidos com nós mesmos, talvez nós não enfrentaríamos tanta dificuldade com concorrência lá fora, nós temos a entidade nossa que é o sindicato da indústria, mas você percebe que quando é convocado pra reunião vai meia dúzia, eu já participei da diretoria do sindicato e tive muita dificuldade com a integração e o comprometimento da classe como um todo, geralmente o pessoal fica muito preocupado é na época de resolver salário, essas coisas, mas eu acho que vai chegar lá um dia, eu acho que isso é possível, acho que tá entrando muitos novos empreendedores com idéias novas, com outra formação, porque até então o pessoal antes, isso aí é um mito que o cara ali era primário mas ele sabia produzir, vamos dizer ele tomava a iniciativa e montava seu próprio negócio e se saía bem, porque o mercado era outro, eram outros momentos, a exigência era outra, o produto era único, era um única cor, então as dificuldades eram menores, então eu acredito que aquela pessoa daquela época, ele não consegue ter sucesso nos dias de hoje da mesma forma, eu acho que ele tem que ter informação, ele tem que buscar se não ele não consegue. (Paulo – micro empresário)

Eu acho que tem muita gente boa, que eu digo assim gente boa é profissional, sabe tem uma moçada muito boa chegando como eu cheguei e isso é muito bom pro setor [...] esses meninos novos com todo o gás com certeza uma fatia do meu mercado eles vão pegar como aconteceu comigo quando eu entrei e tomei a fatia de muita gente. (José – pequeno empresário)

A percepção do setor produtivo de sapato como periférico também traz uma entonação diferenciada na forma de entender e procurar meios de superação no ramo, ao mesmo tempo em que há uma desmistificação em relação ao poder e ao *status* proporcionados pelo êxito.

[...] na minha opinião a indústria do calçado não é uma empresa, porque ela é muito pobre, uma empresa, na minha opinião, eu sou leigo, não tenho estudo disso, mas na minha opinião uma empresa tem que comportar um executivo, ela tem que comportar um administrador de empresa formado lá na GV, eu sei lá, e uma indústria do calçado não comporta isso, então eu acho uma indústria muito pobre [...] (José – pequeno empresário, grifo nosso)

É difícil (união) às vezes você tá fazendo um sapato aqui e chega um ‘desgramado’ (risos) e quer fazer o que você faz, então assim é difícil, eu interpreto dessa forma, eu fico meio receioso é questão de mentalidade, igual muitos donos de fábrica hoje, era funcionário igual eu também, e assim muitos deles, eu tenho o terceiro grau, mas muitos deles não tem se quer o segundo grau completo, as vezes até meu irmão comenta como é importante estudar, as vezes eu penso que me formei (economia) e não uso nada mas só o fato de ter enfrentado esses anos de faculdade, estudando, por menos que você estuda na sua cabeça fica alguma coisa, e tem muitos empresários que tem as vezes quarta série ou as vezes o primeiro colegial e as vezes nem isso tem, as vezes dá sorte, ou as vezes o cara é esperto mesmo, inteligente, tudo isso faz parte de outra classe. (Manoel – micro empresário, grifo nosso)

O Jornal Comércio da Franca de 03 de Julho de 2007 chama a atenção, dizendo que embora pobre na sua maioria, a indústria calçadista tem uma importância social imensa, porque é intensiva em mão de obra e possibilita a contratação de pessoas das mais variadas habilidades ou sem nenhuma experiência nessa fabricação. E por esses motivos países emergentes têm na confecção de calçados um suporte fundamental para a geração de empregos a trabalhadores sem formação técnica. É um setor que cambaleia no Brasil pela concorrência desigual com os asiáticos e por tudo isso merece apoio do governo federal, pois não é sensato imaginar que pelas suas fragilidades o setor deveria ser pulverizado.

Em relação à dependência de iniciativas governamentais para superação de crises e problemas, os sujeitos colaboradores expõem o seguinte:

Olha eu não vejo nada que possa melhorar que não seja o governo, não no setor calçadista, porque na exportação o maior problema é o

dólar, o pessoal tá aí acreditando, teimando e ainda perdendo dinheiro, o dólar quando mexe, mexe para baixo, o couro, o que sustenta o preço do couro alto, é a exportação, que antes só exportava as classificações melhores, e hoje tá exportando tudo, a China vem aqui e carrega toda nossa matéria-prima então quer dizer o governo tinha que sobre-tachar, tinha que fazer alguma coisa, porque o que dá emprego não é o couro, o *blue*, isso não emprega ninguém, então ele sai e vai empregar lá na China, na Índia, não sei onde, e nós estamos só mandando a matéria-prima, então eu acho que tinha que sobre-tachar, tinha que fazer alguma coisa, já ajudaria muito você teria um couro que teria o preço muito melhor pra gente, e eles não conseguiriam isto que eles conseguem hoje, hoje lá no que eles ganham de nós só na mão de obra, bom, e nos encargos também porque a carga tributária deles perto da nossa é bem menor. (Maria – pequena empresária)

[...] a gente é pequeno, o governo não te oferece nada, não te dá o mínimo de ajuda no sentido de que vem cá, eu sei que você é uma pessoa idônea, eu sei que você está querendo crescer, você está precisando de dinheiro, tá o dinheiro tá aqui, eles não fazem isso, eles dão pra quem tem, que é o banco entendeu [...] e tem também a questão dos altos impostos, não se faz nada pra gente, é você e Deus e mais ninguém. (Manoel – micro empresário)

Olha falando de governo eu vou ser bem sincero com você, pra mim nunca me incentivou, nunca me ajudou com nada, nunca pra mim não, pelo contrário ele só me prejudicou, a gente não exportava, eu sou totalmente contra a exportação até hoje, mas numa ocasião pintou uns negocinhos numa feira aqui pra América do Sul os contratos, e eu dei um grande azar que o dólar caiu, então o governo só me prejudicou, impostos tá todo mundo sabe que onera pra caramba o custo, e hoje o brasileiro ele não tem poder aquisitivo pra absorver tudo isso aí, esse monte de impostos que tem, então fica difícil [...] então a indústria calçadista tá na minha opinião sofrendo demais, é por isso que eu fico nos meus 400 pares, faço meu trabalho, invisto na minha modelagem porque se for esperar algum incentivo do governo não vai vir, na minha opinião não. (José – pequeno empresário)

Estes relatos não trazem um efeito de um empresariado esperando tudo do governo, mas sim atitudes que não são possíveis se não, na esfera governamental. Outro ponto muito discutido da mentalidade do empresariado do setor produtivo do calçado é a dependência do governo para a superação de crises, muito presente em décadas na localidade.

[...] criou uma cultura política empresarial cujos contornos se definiam mais pelo que se devia esperar do poder, em concessões e benefícios, e não pelo que se deveria fazer de modo efetivo para exercer conjuntamente o poder. Não por acaso, o empresário calçadista viu-se compartilhando o mesmo destino melancólico de numerosas frações da burguesia industrial brasileira no dramático início dos anos 1990. (BARBOSA, 2006b, p. 263)

Interessante notar que através das falas dos sujeitos colaboradores, veio à tona opiniões pouco usuais no setor mas que trazem um sentido de independência, sendo este talvez um traço de mudança de mentalidade no setor em relação ao governo.

Já foi uma época em que o governo ditava uma regra pra subir o dólar, pra baixar o juro, então hoje tudo é em cima da globalização, quer dizer economia de mercado, o dólar tá baixo hoje no mundo inteiro não é só no Brasil. (Antônio – pequeno empresário)

A nossa carga tributária ela é muito alta, a carga tributária e o juro, eu acho que é o que mais prejudica o crescimento da empresa, não só no setor calçadista mas no Brasil como um todo, tanto é que o Brasil não consegue crescer por motivos tributários, e não tem nenhum projeto pra reduzir esta carga, **e eu por outro lado particularmente eu não me preocupo muito com o governo não, eu não espero muito dele, eu espero de mim, eu espero daquela pessoa que está mais próxima de mim, porque é dela que eu tenho condições de cobrar alguma coisa e esperar alguma coisa, eu trabalho sem esperar do governo**, apesar que ele nos atrapalha muito, você vê a carga tributária e a alta taxa de juro nos atrapalha muito nos investimentos e no desenvolvimento do país de um modo geral. Mas eu acho que é possível que o próprio setor faça algo para melhorar sua situação, é lógico que te o percentual do governo e são decisões que nós não temos como resolver, eu não tenho como resolver a taxa de juros, mas eu tenho como resolver a minha agilidade no meu produto, se o meu produto demora cinco dias para sair eu posso tentar tirar ele com três dias e eu já to ganhando dois dias de mercado, e eu estou dando o primeiro passo, eu penso assim. (Paulo – micro empresário, grifo nosso)

A paixão pelo sapato e a construção de uma vida melhor através dele são conceitos que formam a mentalidade deste ator social, está presente desde o início da confecção de sapato pelos primeiros artesãos e encontra coro ainda nos dias atuais.

Em várias falas é possível perceber a importância do fazer sapato para cada um dos sujeitos colaboradores, o sapato deu um contorno especial na vida de cada

um, ele representa uma fonte de renda que proporciona a sobrevivência, mas, mais muito além disso, em muitos casos sua vida se mistura com o sapato, o ofício de ser sapateiro se confundiu com a meta de ser um empresário, ele é por natureza um ser híbrido.

Sapato pra mim, eu amo sapato, eu amo tanto que quando eu viajo e vejo uma coisa muito interessante eu durmo com o sapato do lado, é muito engraçado, mas eu durmo, eu durmo com o sapato no meu criado, amo cheiro de sapato da mala, que quando eu abro vem aquele cheiro de sapato, porque pra mim, **sapato é uma arte**, eu acho que principalmente o povo brasileiro ele não dá valor no que é um sapato, porque um par de sapato, ele pra ser colocado numa caixa ele passou por no mínimo, vou chutar pela minha fábrica aqui, passou na mão de no mínimo 25 a 30 pessoas, no mínimo, então o sapato eu acho uma arte, minha mulher as vezes até pega no pé, **porque minha vida é isso, minha pesquisa, se você ver as minhas coisas é sapato, tudo, minha família em primeiro, entre aspas (risos) e o sapato porque eu amo mesmo**.[...] nunca passou pela minha cabeça, eu não consigo me ver sem o sapato, eu não consigo, sempre, meu primeiro emprego quando eu tinha 13 anos e nem carteira assinada eu tinha foi com o sapato, então eu nasci dentro do sapato, **quando pintou pra mim trabalhar com sapato a primeira vez eu me apaixonei**, até hoje, e falar que eu sabia, não, fui aprendendo e até hoje a gente tá aprendendo, sapato é uma coisa que ninguém nunca vai falar que sabe tudo, porque cada dia aparece uma coisa nova, como tudo na vida, eu penso. (José – pequeno empresário, grifo nosso)

O que o sapato significa pra mim assim, (pausa), nossa é difícil (pausa), eu não vivo sem, é coisa assim, que eu falo eu ando na rua, quando eu vejo, eu não to olhando na cara da pessoa, eu to olhando no pé, porque é uma das coisas que mais me chama atenção, aí eu entro num shopping, se eu vejo uma loja é de calçado, é a primeira, é ali que eu me dirijo, né, **então quer dizer parece que é uma coisa que tá aqui em mim, eu gosto demais de sapato**, eu adoro comprar sapato, acho sapato super barato porque eu sei o trabalho que dá pra fazer e como é complicado né, tudo que passa, então é uma coisa assim que aprendi a gostar, a admirar, quando eu vejo um sapato bem feito nossa eu tenho que carregar aquele sapato pra mim! **É uma coisa que eu gosto muito faz parte de mim, eu gosto**[...] eu não consigo me ver longe do sapato, é uma coisa, tem 19 anos que eu estou com a fábrica né, então é uma vida praticamente, eu não consigo me ver fazendo outra coisa, e gosto muito do que faço, tem problema, tem uma série de coisas, mas parece que aquilo já entranhou assim, é um vício, fábrica é um vício. (Maria – pequena empresária, grifo nosso)

O sapato significa tudo pra mim, eu gosto eu sinto prazer, é legal, é bonito de você trabalhar com ele, só que você assim, é muito espinhoso, assim tudo tem espinho, mas aqui dá um pepino no

governo atinge nós, dá um pepino não sei no que atinge nós, mas assim eu gosto, eu acho o máximo, **eu vivo isso aqui, eu sonho com isso aqui**, quando eu era funcionário mesmo eu já tinha esse sonho de ter uma fábrica de calçados, mas eu não sabia que era tão dificultoso. (Manoel – micro empresário, grifo nosso)

Olha ele significa tudo pra mim, entendeu, porque é uma decisão que eu tomei, eu não me vejo fora dele, não consigo me ver fora dele, as vezes na minha idade, que eu estou com cinquentão, tem hora que bate aquela solidão, eu falo pô eu poderia ter feito isso, poderia ter feito de outra forma diferente, mas eu não me vejo fora do sapato. (Paulo – micro empresário, grifo nosso)

Em relação às trajetórias vivenciadas por estes atores sociais, elas são marcadas por dificuldades, amor e determinação, a fim de sobreviverem.

[..] minha intenção era manter a minha família e sobrar alguma coisinha para mim sobreviver[.. **pra quem não tinha nada é tudo ganhado do sapato**, tá bom, eu comecei sem nada nem carro eu tinha, eu tinha o que, bicicleta para andar, mas foi com toda essa coragem, esse trabalho, essa persistência que a gente consegue.[...] as dificuldades maiores que eu tive mesmo, foi que na época (33 anos atrás) eu não tinha dinheiro de espécie alguma, então eu tinha que me virar para arrumar, não era fácil né, **as pessoas não acreditavam na gente porque não tinha nome, não tinha nada**, então.[...] **Eu não queria que meus filhos passassem tanta humilhação como a gente passou**, as vezes precisava da pessoa mas porque você não tinha condições, você é pequeno, parece que virava as costas pra gente, isso aí é uma coisa que machuca, dói, e isso aconteceu demais comigo quando eu comecei[...] isso acontece muito você tá com boa intenção vai comprar uma coisa da pessoa, se não tem dinheiro a pessoa não quer nem saber, vira as costas para você, e isso é muito ruim, é muito humilhante (**olhos lacrimejam**). (João – pequeno empresário, grifo nosso)

[...] tipo assim começar do jeito que eu comecei, fazendo sapato só preto e sair igual eu já entrei num ônibus aqui pra vender sapato na rodoviária de Ribeirão Preto, eu fui com um modelo só que eu tinha, pra vender em Ribeirão Preto na rodoviária e na verdade não vendi quase nada entendeu, então o meu orgulho são os clientes que eu tenho a confiança que eles depositam no nosso produto[...] o sapato é um vício mas é um vício prazeroso, porque não tem coisa melhor que ver as coisas, os bons frutos, **eu sou muito grato a fábrica**, eu sofro mas eu sofro com prazer, igual a mulher de malandro (risos) mas eu gosto demais, cansa é uma luta mais eu gosto, **quem gosta tá no sangue**. (José – pequeno empresário, grifo nosso)

eu comecei com a cara e com a coragem, comecei com muita dificuldade, o maquinário era todo emprestado e fui lutando até que com 2 anos, eu estava precisando muito de pedido, como todo mundo tava precisando e aí apareceu uma empresa, o *Wal Mart* da

Argentina [...] o pedido era a minha produção do mês aí eu, a gente é pequeno né, e não tem muita [...] aí na hora que completou o pedido recebi uma carta que o pedido estava cancelado, eu não sabia se eu ria se eu chorava, aquela dificuldade, [...] foi quebrando minhas pernas, meus braços, eu não sabia pra onde correr, então foi aquela dificuldade tudo, paguei o que dava pra pagar, o que não dava foi rastejando né, [...] refinancei meu carro duas ou três vezes[...] mas eu sempre tive fé, eu sempre tive perseverança, que é o mais importante que tem, eu falei não, eu vou dar conta, quantas e quantas noites que eu não dormia, naquela dificuldade tremenda, foi assim o meu primeiro 'baque', só que isso assim te podava muito, aí tive que fazer um trabalho de remanejar as contas, tentar pagar com o que tem, estritamente o necessário [...] Hoje graças a Deus eu dei a volta por cima com muita dificuldade, **assim em 8 anos só dificuldade mesmo, é de um ano, um ano e meio prá que eu comecei a querer andar, é que comecei a ver aquela luzinha no fim do túnel**, entendeu e tem as dificuldades dos altos impostos, não se faz nada pra gente, é você e Deus e mais ninguém. (Manoel – micro empresário, grifo nosso)

[...] foi assim eu tinha parado de trabalhar, tinha casado tive os filhos e optei por parar de trabalhar quando os meninos eram pequenos, quando eles cresceram eu falei nossa tá na hora de eu retomar [...] aí meu irmão me ligou e disse você tava pensando o que você acha de voltar para Franca, surgiu uma fábrica aqui, tão vendendo, é um preço acessível, acho que você tem toda condição de trabalhar, eu falei nossa é tudo que eu quero, e deu certo, foi aí que eu vim morrendo de medo, preocupada, tava insegura porque o meu marido tinha um emprego numa estatal lá em Brasília, tivemos que deixar tudo. Ele largou o emprego dele e eu na época não tava trabalhando, **eu sabia o que eu tava pondo em risco, tinha 4 filhos pequenos né, o caçula tinha 2 anos e o mais velho 6, preocupada mas com muita vontade de fazer alguma coisa**[...] e saber que meu marido assim não tem muito, ele não é muito pra comércio esse tipo de coisa, então eu sabia que tinha que ser mais comigo né, de administração ele não gosta, não gosta de mexer com papel essas coisas, ele era técnico em eletrônica lá em Brasília[...] então **me deu medo sim, quando eu cheguei aqui eu fiquei, mas eu tinha o medo mas tinha aquela vontade grande de fazer, de superar** [...] quando eu comecei fazia assim um sapatinho que você calçava daí uma semana você não podia tomar chuva senão ele dissolvia no pé, mas eu também tava aprendendo e tinha que ser isso, é o que eu gosto [...] cliente também é assim eu passei na mão de um monte, trabalhei com aquele pessoal assim que chega a quase me esfolar viva, né e tinha muita dificuldade nisso, depois passei pelos grandes magazines até que hoje eu cheguei, trabalho só com shopping produto diferenciado que é o que eu queria, o que demorou vários anos pra mim conseguir[...] (Maria –pequena empresária, grifo nosso)

Barbosa (2006a, p.7) afirma:

[...] a grande maioria dos empresários do setor enfrenta problemas e dificuldades financeiras muito semelhantes àquelas enfrentadas por setores do operariado e assalariado urbanos. Dessa forma, sua

'posição de classe' os coloca distante daquela fração empresarial que já se encontra consolidada no mercado e dirige os destinos do setor do ponto de vista político. Sua origem peculiar certamente influi no comportamento empreendedor e no estabelecimento de condutas pouco típicas para agentes em ação no jogo capitalista contemporâneo. (destaque do autor)

Em relação a sua posição de empresário(a) ou operário(a) foi possível apreender um estado híbrido, um operário que por força das circunstâncias tornou-se empresário mas que continua com traços de operário.

Segundo Mello (2004, p.89) "a decisão na constituição das empresas foi motivada por aspectos relacionados à sobrevivência, o que posiciona a pequena estrutura organizacional local, em sua maioria, em níveis ainda básicos na satisfação de suas necessidades".

Eu trabalhei dez anos em uma empresa e de um momento por outro a pessoa chegou perto de mim e falou: olha eu não preciso mais de você, e aí desabou a minha frente e eu nossa o que eu vou fazer, e aí o que eu sei fazer é sapato. (Manoel – micro empresário)

Eu me vejo assim como uma funcionária da fábrica, que tem as responsabilidades que eu tenho, mas que não é toda minha, porque eu tenho uma equipe e toda essa equipe tem suas responsabilidades, **sozinha aqui eu não faço nada, eu me sinto assim uma funcionária privilegiada** (risos) porque é um lugar que eu gosto de trabalhar, são pessoas que eu gosto, é uma coisa que eu gosto, e eu gosto de vamos dizer assim arrematar as coisas. É uma realização minha, e eu reconheço que tudo que é feito, não sou só eu, é toda essa equipe, porque se eu não tivesse uma equipe boa, eu já teria fechado, então eu acho assim, que eu tenho uma coisa muito valiosa aqui dentro que são esses funcionários [...] eu não sinto que eu sou nada de diferente deles, não me preocupa o cargo, assim não é a empresária, é dona, não sei o que, **então todo mundo me chama pelo nome me trata assim, então eu não me sinto diferente de nenhum deles não**. Agora me sinto agraciada sim de ter esta oportunidade, acho que é muito bom. (Maria – pequena empresária, grifo nosso)

Eu acredito que operário, operário, mesmo não, quer dizer é uma coisa que tem um relacionamento sim porque como se diz se entra na chuva tem que molhar, **o trabalho é até morrer, tem que trabalhar mesmo [...] você não para de trabalhar, nunca pára e você trabalha praticamente mais que o funcionário**, porque se for preciso ficar aqui até a meia noite você tem que ficar e o funcionário talvez não, isso acontece demais, quantas vezes eu trabalhei dia de sábado a noite, viajando cansado, essas coisas todas para manter a fábrica porque se você parar o bicho pega. (João – pequeno empresário, grifo nosso)

Nestas pequenas estruturas produtivas foi possível constatar que 75% das micro e pequenas empresas estudadas possuem parentes em seus quadros de funcionários desde a sua fundação., comprovando assim o caráter eminentemente familiar nestas empresas.

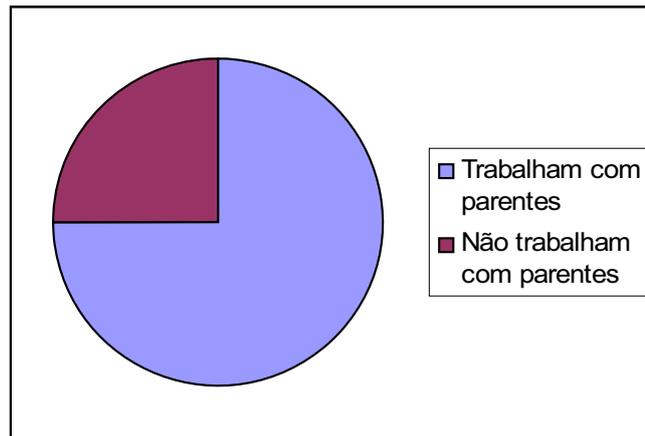


Gráfico 1 - Situação das empresas em relação ao trabalho de parentes.

Fonte: pesquisa empírica

Do universo pesquisado há uma diferenciação entre os micro e os pequenos empresários, evidentemente em relação ao porte da empresa, mas também pela estrutura que se apresenta, foi possível constatar que os pequenos empresários estão muito bem estruturados, com amplos barracões, uma produção determinada/estabilizada sem muita oscilação, estão no mercado há mais tempo, variando de 16 a 33 anos com suas empresas montadas, todos iniciaram a sua produção como micro empresários não contando com mais de 3 funcionários sendo em sua maioria parentes, a produção diária não ultrapassava a 20 pares.

Importante notar que todos são ex-funcionários de outras empresas de sapato, e após um certo conhecimento e com uma dose de necessidade e empreendedorismo decidiram trabalhar por conta própria, instalando assim suas empresas. Suas trajetórias são semelhantes no que diz respeito às dificuldades, sendo a principal delas a falta de dinheiro e crédito, além do próprio ambiente competitivo/nocivo vivenciado pelo setor produtivo de sapatos em Franca.

Atualmente todos oferecem benefícios aos seus funcionários, entre eles assistência médica e cesta básica, e procuram atender aos funcionários em suas necessidades na medida do possível, o relacionamento pessoal continua extremamente próximo, onde o pequeno empresário conhece a todos os funcionários pelo nome e tem conhecimento de suas vidas pessoais, havendo proximidade e liberdade suficiente para um este contato

Os micro empresários parecem estar ainda se estabelecendo, apesar de já estarem com suas empresas montadas há no mínimo 8 anos, apresentam estruturas mais frágeis, a produção ainda oscila muito, não há nenhum sinal de estabilidade, em certos momentos têm pedidos para sua produção e em outros não. Por essa dinâmica ainda irregular a insegurança é perceptível, o esforço para se manter no mercado, para sobreviver é enorme.

Todos são ex-funcionários de outras empresas de sapato, o número de funcionários não ultrapassa a 18, e possuem parentes trabalhando com eles desde o início de suas trajetórias, sendo estas marcadas por grandes dificuldades ainda não superadas e em especial pela falta de dinheiro, muito similar a situação vivenciada pela classe operária. Afirmam que quando necessário exercem trabalhos manuais no setor produtivo de suas empresas.

Pela estrutura apresentada não possuem condições financeiras de oferecer nenhum benefício a seus funcionários, porém quando necessário os auxiliam de acordo com as possibilidades da empresa e mesmo do empresário, de forma pessoal. Pelo fato da pequena estrutura e quase que inexistência de grau hierárquico dentro da empresa seu contato com todos os funcionários é muito próximo, chegando mesmo a serem colegas de trabalho.

Tais constatações reafirmam a existência de um ser híbrido no setor produtivo de sapato de Franca muito distante do empresário capitalista do senso comum e muito próximo do chão de fábrica.

3.2 A Mentalidade empreendedora: empreendedores, sobreviventes ou artistas.

Por tratar-se de uma realidade diferenciada, o setor produtivo de sapatos de Franca apresenta, de acordo com várias pesquisas realizadas um baixo nível de

empreendedorismo, pouco voltado à inovação e a superação de velhos padrões produtivos, gerenciais e comerciais.

[...]não em função da inércia vocacional do meio, mas pela criação de alternativa de sobrevivência, os indivíduos foram obrigados a tornarem empresários. Neste sentido, o comportamento gerencial assume características puramente funcionais, destituído de um sentimento empreendedor mais apurado e voltado quase que exclusivamente para aspectos quantitativos de produção. (MELLO, 2004,p.87)

A fim de se apresentar mais subsídios para a análise, propõe-se o levantamento de algumas questões teóricas sobre o empreendedorismo e suas possíveis aplicações ou mesmo adaptações no setor produtivo de sapato de Franca.

Schumpeter (1982) afirma que o desenvolvimento econômico ocorre quando há novas combinações e aponta os seguintes casos: 1) Introdução de um novo bem; 2) Introdução de um novo método de produção – um método que ainda não tenha sido testado no ramo próprio da indústria de transformação, podendo ser uma nova maneira de manejar comercialmente uma mercadoria; 3) abertura de um novo mercado; 4) Conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semi-manufaturados; 5) Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria.

Para o mesmo autor empreendimento é a realização de combinações novas, e empresários são os indivíduos cuja função é realizá-las, o empreendedor, é um privilegiado que tem uma função especial, “portanto um tipo especial e o seu comportamento um problema especial, a força motriz de um grande número de fenômenos significativos”. Importante notar que para ele empresário não é uma profissão, nem em geral uma condição duradoura, os empresários também não formam uma classe social em seu sentido técnico, o êxito na função empresarial pode fazê-lo alcançar certas posições de classe, esta posição de classe não advém do fato dele ser empresário mas sim da forma como ele usou o produto de seu empreendimento, a herança deste dinheiro e das qualidades pessoais podem manter essa posição por mais uma geração, como também facilitar que seus descendentes tenham um empreendimento adicional, mas a função do empresário em si mesma não pode ser herdada. Em uma economia de concorrência isto pode

ser notado pelo processo pelo qual indivíduos e famílias ascendem e decaem econômica e socialmente e que é própria a essa forma de organização.

Para este “tipo especial” o sucesso depende da intuição, da capacidade de ver as coisas de um modo que depois prove ser correto, é necessário vencer as forças do hábito pois essas são nocivas ao novo, às novas idéias, aos novos projetos, as novas posturas, sendo necessário uma força de vontade nova e de outra espécie para conseguir dentro do cotidiano oportunidade e tempo para conceber e elaborar essa nova combinação e olhá-la como uma possibilidade real e não somente como um sonho. Essa liberdade mental pressupõe um grande excedente de força sobre a demanda cotidiana e é algo peculiar e raro por natureza. Dentre as características dessa postura ainda é necessário conseguir vencer a reação do meio ambiente social que será um forte opositor a esta inovação.

Barbosa (2006b) afirma que do início da industrialização até 1964 o setor produtor de sapato foi conduzido por industriais de espírito empreendedor que efetivaram a modernização de suas fábricas atuando em um ambiente econômico completamente adverso, suas estratégias se baseavam mais na força de vontade do que no planejamento mas mostraram-se acertadas, a ponto de o empresariado local qualificar o parque industrial de Franca à concorrência internacional ainda na década de 1960. Esta primeira geração de empresários foi capaz de converter a produção ainda artesanal em uma indústria propriamente dita.

Carlos Pacheco de Macedo, foi sob muitos aspectos um empreendedor, começou em 1901 como cocheiro de carruagem, após dois anos entrou no comércio de couro, em 1905 já apresentada um relativo sucesso dos seus empreendimentos, fundando uma selaria e sapataria que no final da primeira década era a maior fabricante de calçados da cidade, em 1918 comprou o Curtume Progresso modernizando-o com máquinas importadas da Alemanha e colocando no mercado couros de qualidade superior ao que era produzido até então, em 1921 criou o Calçados Jaguar, a empresa foi responsável pela introdução da produção mecanizada até então inexistente na cidade, substituindo a confecção artesanal, sendo assim um marco inicial da moderna fabricação de sapatos em Franca.

Tanto no caso do ‘Curtume Progresso’, quanto no caso da ‘Calçados Jaguar’, fica evidente o empreendimento de ‘novas combinações’ que possibilitaram o desenvolvimento de um parque fabril especializado na produção de calçados em um espaço geográfico

onde a produção artesanal de artigos de couros estava disseminada desde princípios do século XIX. A introdução da maquinaria abriu a perspectiva de superação das condições arcaicas sobre as quais estava assentada em Franca a fabricação de sapatos e botinas, engendrando, com isso, o estabelecimento de uma indústria local com características minimamente modernas. Em outras palavras o exemplo da 'Jaguar' e do 'Curtume Progresso' contribui para alavancar mudanças que promoveram a conversão gradativa da tradicional produção coureira do município à era do capitalismo industrial. (BARBOSA, 2006b, p. 167, destaque do autor)

Em 1926 encerrou-se o ciclo empreendedor de Carlos Pacheco de Macedo, tendo a falência da "Calçados Jaguar" e logo em seguida o "Curtume Progresso" também entrou em colapso e faliu. Segundo Barbosa o papel de empreendedor de Carlos Pacheco foi muito importante pois a sua experiência inspirou outros homens e seus empreendimentos, mesmo que tenham sido empreendimentos bem mais modestos, esta questão torna-se ainda mais importante levando-se em consideração que algumas das principais fábricas de sapato de Franca foram criadas por ex-funcionários da "Calçados Jaguar".

Sujeitos de origem humilde os Lopes de Melo, participantes da experiência da "Calçados Jaguar" também evidenciaram o empreendedorismo em sua gestão empresarial, acreditavam que somente por meio da inovação através da mecanização e da mudança de paradigmas tecnológicos, poderiam concorrer com as empresas da capital e com o grande número de pequenas oficinas, e obtiveram êxito em sua postura, demoraram cerca de duas décadas para alcançar a posição de riqueza, mas conseguiram o privilégio de ter um sucesso duradouro em seus empreendimentos.

Sem exagero, o empreendedorismo schumpeteriano dos Sábios de Melo desencadeou transformações em toda a estrutura produtiva da indústria de calçados de Franca, assim como da indústria calçadista brasileira em seu conjunto, não se restringindo aos muros da Samello. Não apenas inovações levadas a efeito pela empresa dos Sábios de Melo foram rapidamente introduzidas por quase todas as outras fábricas, como a Samello foi um 'celeiro' de novos empreendedores que reproduziram em suas próprias empresas o conhecimento adquirido na empregadora de outrora. Empresas importantes do setor, como o *Agabê* e a *Jacometti*, são exemplos do que Wilson Sábio de Melo chamava de indústrias originadas a partir de 'homens-Samello'.(BARBOSA,2006b, p. 172, grifo do autor)

Os Sábios de Melo foram responsáveis pela introdução do sapato tipo *mocassim* no mercado brasileiro de sapato, revolucionando todo o processo de

produção existente, representando não apenas a produção de uma mercadoria com novas características mas a instauração de um novo mercado e uma nova organização da indústria do ramo.

No entanto com a ascensão do empresariado do sapato de Franca foi possível estabelecer articulações políticas, obtendo vários benefícios governamentais, conseguindo assim garantir por quase duas décadas a manutenção de condições privilegiadas de produção e comercialização, tal situação provocou uma perda do dinamismo empreendedor verificado até então.

[...] o estreitamento das relações com o universo político, fator responsável pelo desenvolvimento de uma nova dimensão da competência administrativa do empresariado, teve como virtual consequência a atrofia do potencial criativo desse grupo social. (BARBOSA,2006b, p.186)

Criando assim uma situação de dependência do auxílio estatal passando a existir muito mais oportunismo do que capacidade empreendedora. O auxílio estatal permaneceu até meados da década de 1980 com o fim do regime militar, deste período até os dias atuais os empresários do sapato enfrentaram e ainda enfrentam várias dificuldades, há assim uma maior exigência quanto a gestão competente, quem sobrevive, quem inova ou quem deixa o mercado. Em nossa pesquisa através das falas do sujeitos colaboradores tentamos evidenciar quais traços de empreendedorismo existe em suas atuações, considerando a realidade vivenciada por eles atualmente, qual a imagem que possuem de si próprios em relação à gestão e as competências necessárias para permanecerem no mercado.

A maioria dos sujeitos colaboradores vêm já na decisão de se montar uma fábrica de sapato um traço empreendedor, pois é um sujeito aberto à riscos, alguns com um grau de planejamento mais aguçado do que outros, mas o fato de se colocar em risco um capital que muitas vezes nem o possui, ou é o único recursos existente já é um diferencial. Diferente daquele que está sempre preso à segurança que um emprego convencional muitas vezes oferece, mesmo com falta de perspectivas de crescimento pessoal/profissional e um salário insatisfatório preferem isso a se arriscar. E acrescentam ainda que o fato de se ter uma formação intelectual superior não determina em nada o grau de empreendedorismo, ao contrário o inibe.

Eu acho que a partir do momento que eu tomei uma decisão eu sou um empreendedor, não interessa o nível de empreendedor que eu sou, porque eu acho que tomar uma iniciativa, se você for olhar pelo percentual das pessoas que tem a coragem de enfrentar muito que eu enfrentei, são menos, eu tenho amigos que têm uma formação boa intelectual e não têm coragem de tomar uma atitude, porque ele acha que o emprego dele, por ele ser funcionário ele tá livre, ele está com essa preocupação de estabilidade, mas eu não preoquepei com isso, com esta estabilidade, eu me preoquepei que eu teria que passar pela vida e tinha que aprender alguma coisa, mas para isso eu me preparei, eu busquei informação, eu acho que isso é importante também. (Paulo – micro empresário, grifo nosso)

[...] **acho que num ponto eu sou empreendedor, que você vê a gente arrisca,** não tem mais aquele medo, eu conheço bastante gente que tem estudo e tem aquele medo, é bem mais estudado que eu e não tem essa coragem de partir pra um negócio assim não, não tem coragem de jeito nenhum, a pessoa fica presa amarrada com medo de fazer um negócio e não dar certo [...] (Carlos – micro empresário, grifo nosso)

O empreendedor de maneira mais próxima de nossa realidade, de nosso cotidiano pode ser caracterizado como aquela pessoa capaz de identificar situações novas obtendo maior produção, ganho, desempenho e resultados, muitas vezes um visionário. Esse indivíduo em situações cotidianas obtém êxito especificamente em sua vida pessoal e profissional não é necessariamente um inventor que proporcionará grandes mudanças em um contexto maior, mais empreende, busca, muda, alcança.

Suas principais características são criatividade, inovação, capacidade de assumir riscos, independência, autoconfiança, raciocínio sistêmico, persistência, flexibilidade, entre outras.

[...] o empreendedorismo proporciona um elevado grau de realização pessoal. As pessoas são recompensadas pelo prazer que encontram no trabalho, onde o negócio é o resultado da exteriorização dos próprios valores internos. As atividades do empreendedor são construtivas.[...] Para o empreendedor não existem apenas problemas, existem problemas com soluções. Buscar soluções passa a ser o grande desafio à mente inquieta, que tem como maior recompensa o reconhecimento de seu esforço. Ser empreendedor é preparar-se emocionalmente para o cultivo de atitudes positivas no planejamento da vida. É buscar o equilíbrio nas realizações, considerando as possibilidades de erros como um processo de aprendizado e melhoramento. Ser empreendedor é criar ambientes mentais criativos transformando sonhos em riqueza. (DOLABELA, 1999, p. 48)

Levanta-se a questão do empresário que independentemente do seu “nível empreendedor”, aqui talvez trazendo um pouco daquele que inova, que traz novas combinações, a partir do momento em que monta sua fábrica de sapatos passa automaticamente a cumprir seu papel social proporcionando emprego, produzindo, gerando renda e impostos, cumprindo assim aquilo que dele é esperado.

As vezes eu escuto falar, isto é comum, parece um mito na cidade, de falar que em Franca não tem empresário, que em Franca tem sapateiros que montaram sua oficina e foi pra frente, mas eu não me vejo tanto assim, tô falando eu não vejo a Franca dessa forma, **a partir do momento que a pessoa já tomou a iniciativa, ele já faz parte do empresário, ele tá contribuindo com a parte social da empresa**, eu acho que não interessa a quantidade, mas ele tá colaborando, ele tá dando emprego, tá fazendo a parte dele, vai da oportunidade de cada um. (Paulo - micro empresário, grifo nosso)

Foi possível também detectar dentro de uma pequena amostra deste universo o empreendedor schumpeteriano, que traz inovações capazes de quebrar velhos paradigmas, ditando novos conceitos, este pequeno empresário mostrou todo o seu potencial criativo trazendo um novo tipo de sapato, com uma determinação rara, sendo capaz de se desfazer de seus bens materiais afim de tornar seu sonho realidade, com persistência, garra e confiança em seu potencial. Enfrentando inclusive as adversidades próprias das inovações, resistência do próprio setor fabricante de sapato em relação ao seu produto.

Olha eu sou muito assim, quando eu sonho com alguma coisa eu vou até o fim, até conseguir, eu as vezes faço duas, três vezes as matrizes para chegar no ponto que é certo né, **para desenvolver o primeiro sapato eu demorei dois anos e meio, vendi tudo que eu tinha, sem ganhar, sem trabalhar, sem nada, só gastando, tentando desenvolver esse sapato**, que o grande segredo dele é você conseguir fazer com que os furos da sola batam com os furos do couro porque isso aqui é costurado na mão, e é essa precisão que é difícil, [...] **eu vim com esta proposta inclusive na época eu fui tachado como louco em Franca porque onde já se viu fazer um sapato anti-stress esse cara tá ficando doido, mas eu não dei bola e continuei a minha trajetória** e continuei fabricando e tentando desenvolver, deu muito trabalho, demorei dois anos e meio pra desenvolver, conseguir fazer o primeiro par de sapato dentro da minha idéia [...] (Antônio – pequeno empresário, grifo nosso)

As inovações ou o fato de se ousar está presente de certa forma no cotidiano destes atores sociais, uns apresentam mais inclinação ao seu potencial criativo e outros menos, mas certamente todos o usam em suas vidas empreendedoras.

[...] **então você tem que ousar, tem que lançar mas ao mesmo tempo tem que ouvir o mercado também**, mas de vez em quando eu arrisco, arrisco muito em coisas diferentes da minha cabeça, já acertei na veia como também já errei pra caramba [...] (José – pequeno empresário, grifo nosso)

A alegação que o fato de enfrentar e vencer as inúmeras barreiras impostas no Brasil aos micro e pequenos empresários também mostra-se corrente, a falta de dinheiro e o excesso de carga tributária exige do empreendedor uma verdadeira postura de “artista”, usando seu potencial criativo como forma de vencer tais adversidades.

Eu me considero um empresário, porque você assim dominar a falta de dinheiro é muito difícil cê entendeu , tem que ser artista, um empresário mesmo, eu li uma pesquisa que os melhores empresários do mundo estão no Brasil [...] somos os melhores do mundo porque assim na China, no Estados Unidos eles te dão condição, te dão suporte, então assim não naquela metidez (risos) mas assim a dificuldade, o contorno, você vence a falta de dinheiro que é uma situação muito difícil, muito complicada entendeu, é muito pesado pra uma pessoa. (Manoel – micro empresário, grifo nosso)

[...] os bancos qualquer coisinha e eles querem garantia, querem isso, querem aquilo, então é difícil trabalhar em um país como o Brasil, tem que ser um artista[...] (Antônio – pequeno empresário)

O espírito empreendedor se apresenta também pelo fato do ramo de fabricação de sapatos se mostrar exigente em matéria de planejamento para conseguir fabricar o sapato ou colocá-lo na caixa como usualmente se diz, pois é um produto que exige mão-de-obra intensiva, com várias operações diferenciadas, e um variado leque de itens para sua produção, contando com vários fornecedores, tal especificidade do ramo talvez exija um maior poder criativo e inovador para superação das atividades cotidianas do que em outros ramos.

[...] **quem se compromete com o sapato, eu o considero um verdadeiro artista**, porque sapato aparentemente, quando você vê ele pronto, você acha que é um negócio simples, mas fazer o produto sapato envolve muita gente, muita gente que eu digo é que tem muitos itens no sapato, não simplesmente couro e sola, então tem sapato nosso aqui que envolve 40 fornecedores, são 40 itens, então cada um fornece um item , então se algum da cadeia furar, o seu produto não sai, se faltar um arrebite o seu produto tá incompleto, então você tem que ter um envolvimento bom e um

planejamento muito bem feito [...] (Paulo – micro empresário, grifo nosso)

A partir da análise realizada, constata-se que o empresariado do sapato de Franca vem sofrendo uma alteração em sua mentalidade, é possível perceber que traços extremamente fortes como a ostentação que por exemplos recentes tem-se mostrado fatal à sobrevivência das empresas inclusive as maiores e a acomodação dos empreendedores do setor estão gradativamente dando lugar a um novo empreendedor que por força das circunstâncias adversas tem que ser mais pró-ativo pois pelo simples fato de não ter muitas outras opções torna-se empresário enfrentando várias situações inusitadas mas muitas vezes superadas e tidas como exemplo por todo o setor. A falta de união outro traço de mentalidade relevante também vem apresentado uma determinada alteração, percebe-se que há frágeis níveis de cooperação mais ao mesmo tempo tem-se a consciência de que a reversão desse quadro beneficiará o coletivo, sendo assim há a possibilidade de uma mudança de postura, mudança esta que se bem trabalhada em políticas públicas específicas beneficiará de forma extremamente positiva todo o setor produtivo do sapato e conseqüentemente a cidade.

A consciência de que a indústria do sapato é tida como pobre e periférica proporciona um maior senso de realidade, provocando nos atores sociais a necessidade de fazer alterações na maneira de como administram suas empresas, evitando gastos desnecessários e dando importância ao planejamento de suas atividades.

Enfim, foi possível encontrar empreendedores que sobrevivem às adversidades e artistas que utilizam devidamente seu potencial criativo com as mais variadas características e qualidades que se bem trabalhadas e devidamente estimuladas terão um reflexo extraordinário na efetiva alteração da mentalidade dos “homens-do-sapato” fazendo desses atores sociais sujeitos de uma nova história da produção do sapato em Franca.

4 O DESAFIO DAS MENTALIDADES: SERVIÇO SOCIAL E SAPATO FRANCANO

Este capítulo pretende trazer à tona traços importantes na formação das mentalidades, a mentalidade tradicional e a mentalidade que se apresenta em constante evolução de nossos sujeitos colaboradores os micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapatos e em contra partida a formação da mentalidade do Serviço Social e a necessidade de mudanças em seus traços. A partir daí se vislumbrará um ponto de intersecção, um desafio travado e que se enfrentado trará perspectivas de desenvolvimento a todos.

4.1 Serviço Social e Sapato:a história dessa área de trabalho.

Para haver um melhor entendimento de como foi forjada a mentalidade do Serviço Social, faz-se necessário uma análise dos fatores mais relevantes para a instituição desta profissão. É importante ressaltar que não há o objetivo de uma análise profunda posto que não é intenção primeira deste estudo, mas sim dados que proporcionem um entendimento dos principais fatores que culminaram no Serviço Social da atualidade.

O sistema capitalista de produção desde o princípio mostrou-se como um modo de produção extremamente antagônico e pleno de contradições, desde o início de sua fase industrial representou um marco importante na história da sociedade e das relações humanas.

Na primeira metade do século XIX sob os impactos da Revolução Industrial a sociedade começa a sentir os efeitos da desigualdade penetrando no contexto social, a sociedade de classes. Na dinâmica desta evolução houveram várias formas de resistência da classe trabalhadora e várias investidas bem sucedidas do capital afim de criar formas coercitivas e inibidoras que proporcionassem uma “obediência” da mão-de-obra em relação ao que era imposto pela burguesia.

O esforço conjunto dos capitalistas e do próprio Estado liberal burguês centrava-se no objetivo de dar ao seu poder político uma estabilidade plena, tanto quanto possível, tornando-o intocável pelos trabalhadores e irreversível historicamente. Nesse sentido, além do movimento dos trabalhadores, preocupava a burguesia, pelo que trazia de risco à ordem social por ela produzida, a crescente onda de problemas sociais que acompanhara a expansão do capitalismo. A classe trabalhadora crescera visivelmente, introduzindo uma nova geografia nos centros urbanos: a da pobreza que se fazia acompanhar da geografia da fome e da generalização da miséria. (MARTINELLI, 1989, p.51)

Ainda segundo Martinelli (1989) diante desse quadro, Burguesia, Igreja e Estado uniram-se afim de coibir as manifestações impedindo assim atitudes políticas e sociais que prejudicassem os seus interesses, na Inglaterra foi criada a Sociedade de Organização da Caridade em Londres, em 1869, congregando os reformistas sociais que passavam agora a assumir formalmente, diante da sociedade burguesa constituída, a responsabilidade pela racionalização e pela normatização da prática da assistência, surgindo assim os primeiros assistentes sociais, como agentes executores da prática da assistência social, atividade que se profissionalizou sob a denominação de “Serviço Social”, acentuando seu caráter de prática de prestação de serviços.

As condições peculiares que determinaram o seu surgimento como fenômeno histórico, social e como atividade profissional, e em que se produziram seus primeiros modos de aparecer, marcaram o Serviço Social como uma criação típica do capitalismo, por ele engendrada, desenvolvida e colocada permanentemente a seu serviço, como uma importante estratégia de controle social, uma ilusão necessária para, juntamente com muitas outras ilusões por ele criadas, garantir-lhe a efetividade e a permanência histórica. O Serviço Social já surge, portanto, no cenário histórico com uma identidade atribuída, que expressava uma síntese das práticas sociais pré-capitalistas – repressoras e controlista – e dos mecanismos e estratégias produzidos pela classe dominante para garantir a marcha expansionista e a definitiva consolidação do sistema capitalista.(MARTINELLI, 1989, p.57)

O Serviço Social no Brasil teve seu estado embrionário na década de 1920, mas necessariamente em 1922, quando Dom Sebastião Leme fundou a Confederação Católica em que mais tarde transformou-se na Ação Católica Brasileira. Tal organização surgiu com o intuito de organizar um movimento leigo com a finalidade de atrair intelectuais para participarem de movimentos de bases religiosas e indiretamente políticas.

Martinelli (1989) afirma que o Serviço Social foi fruto da iniciativa particular de vários setores da burguesia, fortemente respaldados pela Igreja Católica, e tendo como referencial o Serviço Social europeu. Efetivou-se em um momento em que o país passava por uma forte transição deixando de ser eminentemente agrário para a expansão da industrialização.

Neste mesmo período o país contava com um vasto contingente de imigrantes europeus que trabalhavam tanto no campo como nos pólos industriais que estavam se instalando, operários estes que se mostravam extremamente politizados e multiplicavam suas ações revolucionárias comunistas nas indústrias, causando preocupação e incômodo à Burguesia, ao Estado e à Igreja.

Logo após a criação da Ação Católica Brasileira, Cardeal Leme preocupou-se com a ala feminina que nele militava. Decorrente desta preocupação, criou-se cursos intensivos da Doutrina Social da Igreja, convidando para ministrá-los professoras vindas da Europa, especialmente da França e Bélgica. Desses cursos surgiram as semanas sociais. Em 1932, em São Paulo, foi promovido um curso pelas cônegas de Santo Agostinho, onde Adèle de Loneaux, da Escola Católica de Serviço Social de Bruxelas, foi convidada para ministrar a parte que dizia respeito ao Serviço Social e que teve como objetivo a ação social operária. (ENGLER, 1995, p.77)

Historicamente, esse foi o evento que marcou o início da atividade do Serviço Social no Brasil, embora dirigido a um pequeno e selecionado grupo, dele se esperava um efeito multiplicador configurando mecanismos de preservação de poder da burguesia e controle das lutas sociais.

[...] a identidade atribuída ao Serviço Social pela classe dominante era uma síntese de funções econômicas e ideológicas, o que levava à produção de uma prática que expressava fundamentalmente como um mecanismo de reprodução das relações sociais de produção capitalista, como uma estratégia para garantir a expansão do capital. Tal identidade era, portanto especialmente útil para a burguesia, pois além de lhe abrir os canais necessários para a realização de sua ação de controle sobre a classe trabalhadora, fornecia-lhe o indispensável suporte para que se criasse a ilusão necessária de que a hegemonia do capital era um ideal a ser buscado por toda a sociedade. (MARTINELLI, 1989, p. 110)

A formação do assistente social era fortemente influenciada pela doutrina social da Igreja e que tinha como traço essencial da sua mentalidade a formação moral e doutrinária.

Conceito de Serviço Social segundo a revista Serviço Social em 1939 (apud MARQUES, 1994, p. 44)

[...] a UCISS definiu para ela e seus membros, o que é Serviço Social. Esforçou-se, sempre, para defender uma concepção de Serviço Social, segundo a doutrina social católica. Desde sua fundação, as pessoas presentes ao Congresso de Milão em 1925 recordarão: temos considerado o Serviço Social, as atividades que tendem à reconstrução cristã da sociedade, que contribuem para o restabelecimento da ordem cristã, seguindo sempre as diretrizes das encíclicas sociais de nossos grandes Pontífices [...] Idéia de ordem e de pessoa humana, eis as duas idéias que devem servir de base ao Serviço Social.

É, ao movimento social, liderado pelas posições de vários pontífices, conhecido por catolicismo social que se deve a gestação do Serviço Social.

Se explica porque um novo agente profissional no marco da reflexão sobre a sociedade ou da intervenção sobre os processos sociais, não se cria a partir do nada. A constituição de um tal agente começa por refuncionalizar referências e práticas preexistentes, assim como as formas institucionais e organizacionais às quais elas se vinculam.[...] O caminho da profissionalização do Serviço Social é, na verdade, o processo pelo qual seus agentes – ainda que desenvolvendo uma auto-representação e um discurso centrados na autonomia de seus valores e da sua vontade – se inserem em atividades interventivas cuja dinâmica, organização, recursos e objetivos são determinados para além de seu controle; [...] ao longo de toda evolução do Serviço Social profissional, como esta tensão entre os valores da profissão e os papéis que objetivamente lhe foram alocados resultou uma hipertrofia dos primeiros na auto-representação profissional – resultou num voluntarismo que sob formas distintas, é sempre flagrante no discurso profissional. (NETTO, 1992, p. 67-68 apud MARQUES, 1994, p.47)

Seguindo suas origens o Serviço Social preconizava para seus profissionais, em sua gênese, sobretudo “uma formação de consciência”, além de outros atributos recorrentes. Era na verdade um julgamento moral, com a atenção voltada para o ideal de fraternidade coletiva, sendo que os problemas concretos colocados pelos problemas estruturais do sistema ficavam em segundo plano.

Para a atividade que deve desempenhar um trabalhador social – exige-se uma formação de consciência. Mais: elevação interior, dedicação excepcional com quem abafará o egoísmo que cada um traz dentro de si. Ainda: uma decidida vontade de servir desinteressada (no sentido da vaidade, de publicidade) e, anonimamente (com modéstia) a sociedade. Em suma, o Serviço

Social reclama uma verdadeira vocação de seus agentes. [...] O Serviço de Apóstolo – sim, por isso mesmo que não prescinde de formação moral e técnica dos que dele se ocupam [...] (FERREIRA, jan.1939 apud MARQUES, 1994, p. 53)

O bom trabalhador social deveria ser católico, ordeiro, generoso e de boa vontade, tendo como base para sua conduta profissional os preceitos religiosos cristãos.

Na década de 1930 no governo de Getúlio Vargas(1930-1945), o “pai dos pobres” desenvolveu-se no país um governo extremamente populista e paternalista, os profissionais de Serviço Social foram chamados a prestar serviços de controle social e funções ideológicas, no atendimento às carências mais urgentes do grande número de pobres e às necessidades mais imediatas do trabalhador e de sua família, produzindo um efeito social muito importante, reduzindo as manifestações aparentes dos problemas e fortalecendo a idéia de que o Estado nutria um paternal interesse pelo cidadão.

Martinelli (1989, p. 114) afirma:

Sempre prontos para oferecer respostas urgentes às questões prementes, desde cedo os assistentes sociais foram imprimindo à profissão a marca do agir imediato, da ação espontânea, alienada e alienante. Acabaram por produzir práticas que expressavam e reproduziam os interesses da classe dominante, tendo por objetivo maior o ajustamento político e ideológico da classe trabalhadora aos limites estabelecidos pela burguesia. Os benefícios, concessões e serviços oferecidos procuravam recobrir a dominação e a exploração burguesa, situando-se como formas ideológicas de preservar o domínio de classe.

Nesta ocasião o Serviço Social expandiu em seu processo de institucionalização, pois prestava serviços importantes e respondia a interesses da classe burguesa, a política legalista e corporativista do Estado Novo, não tardou em favorecer sua inserção na divisão social do trabalho, como conjunto de atividades legalmente reconhecidas, assim tratou de normatizar o ensino de Serviço Social.

Até a década de 1940 esse foi o quadro que determinava o Serviço Social, a partir daí o Serviço Social passa por alterações em função do contexto econômico e político do país – desenvolvimentismo – há uma mudança no eixo, tanto em termos de linha prática como teórica devido a sucessiva aproximação do Brasil com os

Estados Unidos. Neste período houve um forte intercâmbio entre os dois países, vários profissionais de Serviço Social receberam bolsas de estudo em universidades norte-americanas, com o objetivo de buscar conhecimentos e técnicas que possibilitassem uma nova leitura da realidade social e novas formas de intervenção, estas novas formas não eram incorporadas na íntegra pelos profissionais passando pela “filtragem” doutrinária, pois estes ignoravam a neutralidade científica que norteava a proposta norte-americana., permanecendo ainda com o conceito de mudança social a partir de melhoria, acréscimo, compreensão mútua e cooperação.

E é decorrente desta política desenvolvimentista instalada, não só no Brasil mas em toda a América Latina – e que tinha como meta a pura e simples exploração desses países – que desencadeou na década de 1960 em todo o continente Latino-Americano um movimento de repensar a profissão, denominado 'Movimento de Reconceituação' que teve como traço referencial o desenvolvimento da consciência crítica dos profissionais de Serviço Social. Esse processo precisa ser entendido dentro do próprio processo dialético, visto que a ruptura da alienação era uma tarefa inadiável, e que somente conseguiu assumi-la e concretizá-la em sua prática profissional, quem havia realizado o salto qualitativo da consciência, apoiado em um pensamento crítico-reflexivo, superando assim a consciência ingênua e a conseqüente leitura unilateral, imediata e espontânea da realidade. (ENGLER, 1995, p. 79-80)

Faleiros (1989, p. 82, destaque do autor), completa ainda:

[...] o processo de reconceituação do Serviço Social representa um corte, uma ruptura com o Serviço Social paternalista ou meramente desenvolvimentista. O Serviço Social reconceituado buscava implementar inovações e contribuir para a introdução de novas tecnologias nos meios populares, para melhorar a produção ou a produtividade de setores considerados tradicionais. Essa transição não foi linear nem automática, mas desigualmente articulada com os processos globais de transformação capitalista. Com o movimento de reconceituação, o Serviço Social foi-se definindo então pela busca da contemporaneidade da profissão e da transformação social no interesse das classes subalternas, criando vínculos como os movimentos sociais e os interesses de uma clientela fundamentalmente proletária (operária, camponeses e setores marginalizados) sem voz e sem vez no contexto elitista e autoritário do poder.

Martinelli (1989) afirma que este momento de ruptura foi influenciado também pela ampliação do contingente profissional e na diversificação de seus integrantes que trouxeram novas visões de mundo e posicionamentos diversos, outro fator foi o fato do Serviço Social começar atuar nas empresas convivendo com a classe trabalhadora assistindo a suas lutas e enfrentamentos, além da retração do movimento católico que determinou uma fratura na monolítica concepção religiosa de mundo que dava sustentação as ações profissionais.

[...] no Movimento de Reconceituação esses agentes assumiram, como causa revolucionária, a intensa e profunda análise da 'situação' do Serviço Social no continente latino-americano, tanto do exercício profissional, como de seus fundamentos teóricos. Abrindo espaços para o debate, para a reflexão e para crítica, tal movimento procurou aglutinar em torno de seus objetivos a maior parte de seus agentes profissionais. Não obteve porém uma resposta unívoca, pois a cisão do único, sobre a qual o capitalismo se constrói, havia penetrado na categoria profissional, transformando-a em uma categoria, fragmentada, fragilizada e desunida. Não encontrando a base necessária, até mesmo o que veio para unir levou a uma nova ruptura dentro da categoria profissional, que passou a dividir os seus agentes em reconceituados e não reconceituados, em tradicionais e revolucionários. (MARTINELLI, 1989, p. 130)

Tal postura passou a ser assumida pela classe após esse período, configurando-se em uma fase determinante dos novos rumos que a profissão iria tomar, tais traços de mentalidade ainda se mostram extremamente fortes na formação do profissional de Serviço Social atualmente. É importante ressaltar que este estudo tem como critério de reflexão o tempo histórico, a regionalidade e a especificidade dos atores sociais – micro e pequenos empresários do setor calçadista - sendo assim pretende-se caracterizar no decorrer do estudo como o Serviço Social tem agido e quais possibilidades de atuação poderiam ser propostas localmente, na indústria de fabricação de sapato.

O Serviço Social de empresa torna-se uma realidade em 1914 na França e em 1917 nos Estados Unidos, de acordo com Engler (1995) ocorre o surgimento do papel de “superintendente”, ou seja da pessoa ligada ao dono da empresa e que se responsabilizava pelo atendimento social e assistencial dos trabalhadores. O principal trabalho era a questão do controle social dentro da empresa, principalmente quanto à saúde e à moral. Com a expansão das indústrias após a II Guerra Mundial o aumento significativo da mão-de-obra requer outra função que

faça a mediação entre a superintendente e os operários, cria-se, então o papel das visitadoras sociais, que tinham a finalidade de acompanhar a vida dos operários através de observações obtidas pelas visitas domiciliares. Sendo este o princípio do Serviço Social de empresa que passa a trabalhar numa perspectiva de intervenção investigativa.

Até o momento da criação das grandes instituições assistenciais o Serviço Social permanece ligado à sua origem católica e desenvolve suas ações em obras sociais implementadas por segmentos femininos da burguesia que se expressam através da Igreja Católica com o objetivo de solidificar sua penetração entre os setores operários, a partir de um projeto de recristianização da sociedade.

Com a ação institucional o Serviço Social deixa de ser um mecanismo de distribuição de caridade privada para tornar-se uma engrenagem da execução das políticas sociais do Estado e dos setores empresariais, que se tornam os seus maiores empregadores.

Segundo Engler, no Brasil, o relato da primeira experiência em Serviço Social de empresa trata-se da Companhia Nacional de Estamparias, com três fábricas dedicadas à fiação, tecelagem e estamparia, na cidade de Sorocaba (SP), empregando naquele momento 4.200 operários.

O Serviço Social de empresa inicia sua atuação na área empresarial na década de 1950 e tem sua real efetivação nas décadas de 1960 e 1970. Neste contexto o assistente social é preparado como mão-de-obra capaz de executar programas sociais viabilizadores de soluções modernizantes necessárias à efetivação do modelo desenvolvimentista assumido no Brasil, tendo duas tarefas centrais: 1) Viabilizar a participação do povo no projeto do governo e 2) Neutralizar as tensões resultantes das contradições desenvolvimentistas.

De acordo com o Grupo Gessot (Grupo de Estudos do Serviço Social do Trabalho) e grupo Meta (Grupo de estudos constituído por assistentes sociais de empresa), a empresa é uma unidade econômica que reúne diversos fatores de produção, buscando ou incentivando o atendimento das necessidades dos consumidores através da produção e distribuição de bens ou serviços, com o objetivo de adquirir uma renda monetária (lucro) resultante da diferença de preço entre os fatores de produção e mercadoria.

A empresa reproduz o sistema, enquanto unidade básica de produção. Todavia, as relações capitalistas se reproduzem na superestrutura jurídica, ideológica e política da sociedade mais ampla. Para que se possa compreender o Serviço Social de empresa, é preciso situar o contexto onde ele está inserido, o tipo de empresa, o tipo de sociedade. (RICO, 1985, p.53)

A empresa possui duas funções, a função econômica, voltada para o mercado, para o lucro e a função social que é o atendimento das necessidades humanas dos cidadãos.

A empresa através de sua função social procurará:

- Estabelecer um entrosamento entre seus aspectos econômicos, financeiro, técnicos e sociais;
- Oferecer campo de realização profissional e relacionamento pessoal aos que nela trabalham;
- Integrar-se na comunidade;
- Contribuir para o desenvolvimento dessa comunidade;
- Garantir a satisfação das necessidades básicas de seus trabalhadores.

O trabalho social na empresa propõe exatamente melhorar esses aspectos, considerando que ela (empresa) não subsiste sem a mão-de-obra (empregado) e que o homem também não se realiza sem o trabalho. (GRUPO META, 1980, p.17)

O trabalhador não vive isolado, ele carrega consigo reflexos de uma sociedade urbano-industrial, suas origens sociais, suas características físicas e psicológicas, culturais e históricas, traços de mentalidade fortemente constituídos. Por outro lado a empresa possui suas normas, regras, sua cultura, seu sistema próprio de trabalho e de funcionamento, traços de mentalidade também já constituídos. Diante desta relação empresa/funcionário surgem diversos fenômenos que são considerados objeto de intervenção do Serviço Social de empresa.

Segundo o Grupo Meta (1980, p.30), os objetivos do Serviço Social na empresa são:

- Contribuir para a humanização no sentido mais amplo do termo das consolidações de trabalho;

- Proporcionar condições e/ou elaborar para a maximização do grau de satisfação pessoal dos trabalhadores, sejam este de qualquer nível hierárquico;
- Intervir nos fenômenos sociais decorrentes da relação homem trabalho;
- Procurar, juntamente com as demais áreas da empresa voltadas aos recursos humanos, estabelecer um clima harmônico e propício ao desenvolvimento individual, grupal e organizacional.

O Serviço Social de empresa desde o início teve como área específica de atuação os benefícios sociais, considerando-se benefícios, vantagens, facilidades e serviços que a empresa proporciona aos seus funcionários, visando mantê-los com um determinado nível de satisfação, assegurando assim a produtividade desejada. Tais benefícios podem ser caracterizados como legais ou espontâneos, monetários ou não monetários, podem também ser assistenciais, recreativos e supletivos.

É de responsabilidade do assistente social programas como estes:

- * Prestação de assistência médica, mediante seguros e convênios;
- * Serviços de alimentação, através de restaurantes, refeitórios;
- * Creches;
- * Empréstimos;
- * Bibliotecas técnicas e recreativas;
- * Transporte (condução);
- * Apoio financeiro e técnico para a criação de cooperativas de créditos e consumo;
- * Seguros de vida;
- * Programas habitacionais;
- * Clube ou formação de grupos esportivos e de lazer;
- * Descontos sobre os produtos que a empresa elabora ou vende.

Quanto a sua atuação a nível de Serviço Social e benefícios tem-se o atendimento individualizado e em grupo aos funcionários que mostra-se inerente à profissão, realizados em maior ou menor escala pelo profissional de acordo com a área de atuação na empresa.

A realização de pesquisas, levantamentos de necessidades e diagnóstico organizacional também faz parte da metodologia básica do Serviço Social, uma vez que o seu primeiro momento é o de reconhecimento da realidade que deve ser

registrado e periodicamente atualizado, em função das mudanças geradas pela própria ação profissional ou advindos de outros fatores.

A própria administração de benefícios também assume características peculiares à profissão, uma vez que o profissional utiliza métodos e técnicas específicas do Serviço Social, como a pesquisa de necessidades humanas, articulação com todos os sistemas representativos dos funcionários, planejamento e execução de política de bem-estar social da empresa, entre outras.

O assistente social de empresa, deve ser um agente de valorização do funcionário, tendo como objetivo planejar uma política humana na organização, assim como trabalhar preventivamente visando a educação e desenvolvimento do empregado, para que os trabalhadores possam participar dos benefícios e não apenas utilizá-los.

Pelo fato de não haver uma preocupação mais específica voltada à formação do assistente social de empresa por parte de cursos de graduação e pós-graduação e, pela complexidade da prática nesse campo, o profissional busca seu desenvolvimento participando de intercâmbios com colegas que atuam na mesma área, leituras técnicas, treinamentos e em cursos de extensão em áreas afins com administração de Recursos Humanos, Administração de benefícios, Segurança do Trabalho.

Segundo Cosac (1998, p. 195), os assistentes sociais:

Procuram formação na área e não encontram, partem para cursos diversificados e deparam-se com subsídios particulares em outros campos do conhecimento que alimentam suas ações cotidianas. Isto é um problema à medida que o próprio Serviço Social, através de suas agências formadoras e legítimas, as Faculdades, não têm produzido cursos qualitativos voltados ao campo da empresa, da administração, da gestão de serviços sociais.

É indiscutível que, para uma ação eficaz, a prática deverá ser baseada em conhecimentos profundos da realidade a ser trabalhada.

Evidencia-se, no entanto, que o assistente social atua entre esses dois pólos, que lutam por interesses opostos, tendo como desafio maior, de um lado, contribuir para o aumento da produtividade de organização empresarial, e de outro, conseguir criar sucessivas oportunidades promocionais à classe trabalhadora. Dento desse quadro, cabe salientar que a atuação do profissional de Serviço Social em uma organização empresarial tem como especificidade o

caráter de mediação, onde sua prática acha-se voltada para as contradições inerentes à relação capital-trabalho. (ENGLER, 1995, p. 84)

O Serviço Social de empresa no setor produtivo de sapatos em Franca segundo Engler (1995) começa a existir já na década de 1970 havendo uma considerável acentuação na década seguinte, quando as empresas apresentam estruturas maiores impulsionando o empregador a buscar novos recursos para melhor lidar com os seus funcionários. Neste período o profissional de Serviço Social passa a ter uma certa credibilidade havendo uma expansão do número de empresas que abriram campo de atuação para o assistente social. Concomitantemente houve a criação de um Grupo de Assistentes Sociais – Grupo de Estudo de Serviço Social do Trabalho (GESSOT), coordenado pelo Prof. Dr. José Walter Canoas da UNESP – Franca, onde o objetivo era a contribuição para a expansão do Serviço Social de empresa na cidade, bem como para uma reflexão e análise da prática profissional, tendo sua duração de Agosto/1981 à Agosto/1986.

[...] pode-se compreender que a implantação do Serviço Social nessa época poderia ser justificada como dependente do perfil empresarial existente; porém havendo necessidade – com o próprio desenvolvimento industrial, com as mudanças sócio-econômicas, com as políticas de assistência-social como uma política pública de direito, com a questão da participação dos empregados, com as próprias mudanças constitucionais que aí estão – da ocorrência de uma evolução no campo de atuação profissional do assistente social. (ENGLER, 1995, p. 89)

Na década de 1980 o número de assistentes sociais atuando nas indústrias do setor produtivo de sapato de Franca chegou a 21, que tiveram participação importante na Universidade e na própria comunidade. No âmbito da empresa os assistentes sociais das empresas de Franca eram levados a canalizar ações de intervenção na realidade, assim o Serviço Social tinha como questão motivadora a criação de condições para um desempenho satisfatório dos funcionários dentro da empresa.

Sua atuação segundo Pizzo (1999) era limitada a dois pontos: atendimento de plantão para abordagem de problemas individuais e familiares e coordenação de benefícios. Já no início da década de 1990 o campo de Serviço Social nas indústrias

calçadistas foi sendo fechado, no final desta década apenas 2 empresas contavam com este profissional. Atualmente existem 3 assistentes sociais no setor em Franca.

Pizzo (1999) em seus estudos sobre a mentalidade do empresariado francano chama a atenção para os fatores que desencadearam o fechamento dos campos de trabalho na indústria francacana, sendo um deles a redução de custo com pessoal principalmente na área de Recursos Humanos, juntamente com os assistentes sociais foram demitidos psicólogos, engenheiros, coordenadores de treinamento entre outros, foi uma forma de adequação da empresa com a realidade vivenciada. Um segundo fator foi o fato de que os assistentes sociais não fizeram seu trabalho adequadamente de acordo com as expectativas do empresariado, ou seja os funcionários não valorizavam a empresa como deveriam. Outra questão é que o assistente social não se mostrou necessário ao processo de trabalho na empresa, muitas vezes sequer entendendo as expectativas tanto do empresário quanto do funcionário.

Muitas vezes o assistente social não auxiliava na redução de problemas, ao contrário trazia problemas que eram de responsabilidade estatal, do governo para dentro da empresa, não agindo como agente facilitador mais sim como um agente “dificultador”. Por fim afirma-se que o perfil do assistente social não era adequado à filosofia da empresa, não havendo envolvimento e entusiasmo pelos programas e pelo trabalho em si.

Quanto às expectativas levantadas pela autora, ressalta que o empresariado esperava um maior envolvimento do assistente social com trabalho na linha comportamental, sendo um agente facilitador neste sentido, e que desenvolvesse sua habilidade de comunicar, trabalhando com grupos, visando o desenvolvimento holístico das pessoas.

[...] podemos concluir que a maioria das empresas fechou o campo do Serviço Social mesmo antes da abertura de mercados e da globalização da economia. Sentimos assim que as dificuldades econômicas foram um dos motivos, **mas que na verdade, as principais causas referem-se ao fato do Serviço Social não ter apresentado propostas mais modernas e condizentes com a expectativa do empresariado, e não ter dado respostas satisfatórias e com conhecimento adequado ao enfrentamento dos problemas causados pela reestruturação produtiva.** (PIZZO, 1999, p. 102-103, grifo nosso)

Para Engler (1995) houve uma cristalização na atuação do profissional e sinaliza que tal fato ocorreu pela incapacidade do assistente social em acompanhar e entender o processo, não tendo portanto habilidade em visualizar as sucessivas aberturas e oportunidades que foram surgindo no decorrer do processo histórico. Ressalta ainda, que foram identificados dois tipos de Serviço Social nas empresas de Franca, o primeiro onde o Serviço Social possui um canal de comunicação aberto e conseqüentemente um maior respaldo por parte da diretoria da empresa, e outro que não conseguiu sequer resguardar o espaço de comunicação com a diretoria da empresa.

Pode-se inferir que a atuação profissional dos assistentes sociais que atuam no setor calçadista em Franca, limita-se em desenvolver atividades cognoscitivas referindo-se apenas à realidade presente, não chegando a ser uma atividade teleológica, ou seja, uma atividade que subjacente a ela tenha uma intencionalidade de transformação da realidade existente. Portanto, não é desenvolvida uma prática profissional que traz em seu bojo a possibilidade de se criar o inexistente. Deste modo, o Serviço Social desenvolvido nas organizações empresariais de produção do setor calçadista de Franca não realiza a práxis social, sendo esta entendida não como uma mera atividade da consciência humana ou supra-humana, mas sim como atividade material do homem social. Ela não deve ser entendida apenas como interpretação do mundo, mas também como guia de transformação do mundo. (ENGLER, 1995, p. 96)

Tentou-se trazer aspectos relevantes quanto à formação do Serviço Social e sua atuação, em específico no setor produtor de sapatos de Franca, a fim de se levantar traços que interfiram na realidade atual, colaborando para uma análise mais completa.

4.2 Serviço Social e mentalidade: o ponto de intersecção para o desbravamento do novo.

Objetivou-se percorrer as trajetórias do setor produtivo de sapato de Franca e do Serviço Social em especial o atuante nas empresas do setor produtivo de sapato para enfim juntamente com a análise dos relatos de nossos sujeitos colaboradores traçarmos um ponto de intersecção para o desbravamento do novo. De um novo campo em que um “novo” Serviço Social possa atuar dentro da nova realidade que se apresenta.

Este novo Serviço Social, agora mais aberto a novos desafios e a novas posturas tem que encontrar possibilidades de atuação neste campo delimitado. Tarefa nada fácil para profissionais com uma formação generalista e humanista mas que ao mesmo tempo apresenta fortes traços ideológicos com uma postura muitas vezes ortodoxa. Tais traços de mentalidade apresentam-se como obstáculos à percepção de outras realidades, de outras e novas possibilidades de atuação.

[...] para garantir uma sintonia do Serviço Social com os tempos atuais, é necessário romper com uma visão endógena, focalista, uma visão 'de dentro' do Serviço Social, prisioneira em seus muros internos. Alargar os horizontes, olhar para mais longe, para o movimento das classes sociais e do Estado em suas relações com a sociedade; não para perder ou diluir as particularidades profissionais, mas ao contrário, para iluminá-las com maior nitidez. Extrapolar o Serviço Social para melhor apreendê-lo na história da sociedade da qual ele é parte e expressão. É importante sair da redoma de vidro que aprisiona os assistentes sociais numa visão de dentro e para dentro do Serviço Social, como precondição para que se possa captar as novas mediações e requalificar o fazer profissional, identificando suas particularidades e descobrir alternativas de ação. (IAMAMOTO, 2003, p. 20, grifo nosso)

No presente estudo, propõe-se o novo, a abertura necessária para a apreensão do sujeito, como uma semente que germinará e dará bons frutos, um novo traço de mentalidade a contribuir com uma nova postura profissional, sendo assim a metodologia utilizada, a História Oral já se mostra nova, ao menos no Serviço Social, espera-se assim estar contribuindo para dias melhores, posturas melhores, uma nova mentalidade a se formar.

Ao colocar-se na perspectiva do sujeito – um sujeito corpóreo, histórico, político e singular – porque único e diverso – porque cultural, a História Oral encontra-se com a subjetividade. Ela se preocupa e dialoga com tudo o que é densa e intensamente humano. Diferentemente de outras matrizes de pesquisa, que vêem a subjetividade como um fator nocivo à pesquisa, a ser não somente controlado, mas banido da investigação social, a História Oral considera a subjetividade um elemento precioso, que compõe a vida, uma dimensão do humano a ser interrogada, a ser compreendida. (TEIXEIRA, 2004, p.156)

Neste campo minado onde a formação do assistente social coloca, de um lado capital e de outro trabalhador, exigindo-se uma postura, uma vez a favor de um

estará contra o outro, a tendência real é a extinção do campo de atuação como vem ocorrendo.

[...] um obstáculo a ser vencido é a forte presença de um ideologismo radicalizado por parte do Serviço Social, que na verdade foi fruto do próprio movimento de reconceituação, que teve como característica fundamental a ênfase dada à ideologia e método em detrimento da ênfase na relação teoria e prática. (PIZZO, 1999, p. 98)

Propõe-se uma postura aberta, verdadeiramente humana, capaz de ver na realidade estudada traços específicos da formação de uma classe de micro e pequenos empresários, ex-operários que lutam pela sobrevivência da mesma forma que o faziam na condição anterior. Não se trata de capitalistas, passa-se longe desta característica, trata-se de trabalhadores que oferecem vagas de trabalho para conjuntamente sobreviver.

É importante pois, que o Serviço Social nas organizações repense as suas propostas e fundamente muito bem a relação teoria e prática dentro de um enfoque propositivo, não enfatizando a perspectiva **ideopolítica metodológica**. (PIZZO, 1999, p.100, grifo nosso)

Pizzo (1999) afirma ainda que não há mais espaço para a visão dicotômica, antiga e paternalista adotada pelo Serviço Social em relação ao trato com a questão capital x trabalho, resquícios de uma radicalização do Serviço Social apenas limitam a atuação profissional, é chegada a hora em que o Serviço Social esta sendo chamado a ampliar o espaço social na empresa, através de um enfoque holístico onde a missão principal é ser agente de mudanças, buscando através de uma prática ética e inovadora, levar a empresa a resgatar sua responsabilidade e ser um instrumento de desenvolvimento e justiça social.

Um dos maiores desafios que o assistente social vive no presente é desenvolver sua capacidade de **decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos**, a partir de demandas emergentes no cotidiano. Enfim, ser um profissional **propositivo e não só executivo**. (IAMAMOTO, 2003, p.20, grifo nosso)

A autora afirma ainda que as possibilidades estão dadas na realidade, mas não são automaticamente transformadas em alternativas profissionais, cabe aos

profissionais apropriarem-se dessas possibilidades e como sujeitos transformá-las em campo de ação, trabalho.

Dentro desta análise a autora chama a atenção para um equilíbrio, evitando uma atitude fatalista, onde se acredita que a realidade está dada em sua forma definitiva e não é possível modificá-la e ao mesmo tempo evitar também uma outra perspectiva a qual ela chama de “messianismo profissional” uma visão heróica do Serviço Social onde não se leva em consideração as possibilidades e os limites do Serviço Social.

Interessante notar que o Serviço Social de empresa no setor produtivo de sapatos de Franca apresentou pouca importância ou notoriedade, atingindo ou atendendo um número muito pequeno de funcionários que conhecem sua atuação.

Não contrariando nossa perspectiva de trazer o novo através da História Oral, mas com aspecto de complementariedade, utiliza-se também recursos quantitativos através de formulários.

[...] os trabalhos com História Oral rompem antinomias de tradição do pensamento nas Ciências Sociais, entre elas as antinomias: indivíduo/sociedade; objetividade/subjetividade; parte/todo; macro/micro; ação/estrutura. Rompe-se a dualidade quantitativo e qualitativo, uma vez que em pesquisas com História Oral devemos combinar, se necessário, não somente o que colhemos nas entrevistas, nas observações de campo, nas fontes documentais, como também o que se obtém por questionários, procedimento usual nos Estudos Quantitativos, ao lado de outros encaminhamentos investigativos pelo quais podemos levar à consideração e análise aspectos quantitativos e qualitativos dos objetos de estudos. (TEIXEIRA, 2004, p. 157)

Questionando nossos sujeitos colaboradores foi possível traçar o seguinte quadro: 50% da amostra nunca teve nenhum tipo de contato com o Serviço Social de empresa, 25% conhecem de maneira superficial a ação do profissional de Serviço Social e os 25% restantes conhecem de forma mais efetiva o trabalho de um assistente social na empresa.

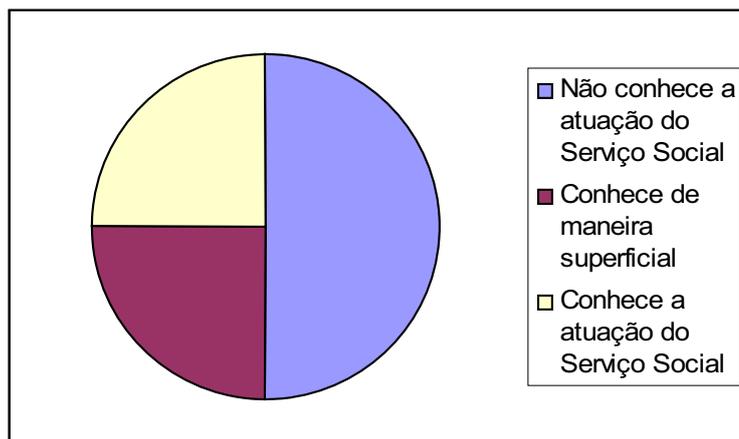


Gráfico 2-Conhecimento em relação ao Serviço Social de empresa em Franca

Fonte:Pesquisa empírica

Não tive porque eu nunca trabalhei em fábrica grande. (Carlos – micro empresário)

Esta colocação expõe a realidade do Serviço Social de empresa especificamente em Franca, onde sua atuação restringe-se há poucas empresas e somente àquelas de grande porte, que possuem estrutura para manter o profissional, não sendo acessível aos funcionários de empresas menores.

Nunca, nunca tive. **A gente sabe o que é, eu mesmo ajudo algumas famílias**, mas nunca vi o lado social dentro de uma empresa. (Manoel – micro empresário)

Nesta fala pode-se perceber claramente a idéia comum do Serviço Social com caráter eminentemente filantrópico e de ajuda.

Eu acho essencial dentro de uma empresa, só que voltando a falar naquela velha história o nível dos empresários francanos já não é assim, eles não olham dessa forma, **eles acham que o Social vem mais para atrapalhar ou para mimar, não sei se estou usando as palavras corretas mas ele vem para apaziguar a situação pra passar a mão na cabeça** e o objetivo dele não é esse[...] (Paulo – pequeno empresário)

A assistência social é saber das dificuldades dos funcionários, eu penso assim para poder ajudar de uma forma ou de outra. (João – pequeno empresário)

Outra colocação bastante usual em relação a atuação do assistente social, é o fato de tomar partido do funcionário, “passar a mão na cabeça”, ter uma atitude paternalista e não profissional, esta característica mostra-se bastante difundida no senso comum. É importante ressaltar que tal impressão não é infundada, tem uma origem, muito provavelmente nas bases da formação do Serviço Social, mas que ainda atualmente mostra-se como um traço de mentalidade da profissão.

A realidade em questão apresenta suas especificidades, diferente daquela mais difundida, da atuação do Serviço Social em grandes empresas, o universo de pesquisa é formado por micro e pequenas empresas, não ultrapassando a 99 funcionários, estruturas pequenas onde a proximidade entre empresário e operário é evidente. Quando questionados sobre a implantação do Serviço Social em suas empresas, foram claros em demonstrar que a estrutura apresentada não comporta este profissional por questões financeiras e operacionais, também demonstraram que possuem consciência social, fazem o que está ao seu alcance para proporcionar uma melhor qualidade de vida àqueles com quem trabalham, cada um a sua maneira e de acordo com as suas possibilidades.

É, varia muito de empresa para empresa, porque eu aqui por exemplo tenho muito contato com os funcionários, então para mim é mais fácil, **eles vêm direto entendeu**, então muitas coisa você fala ah eu vou ajudar coitado a situação ta ruim. (João –pequeno empresário, grifo nosso)

[...] **é o que eu te falei no princípio eu percebo a situação do funcionário**, se tem filho de 5 ou de 3 anos, eu percebo quem é ele, quando ele está entrando na empresa, se ele é casado, se é solteiro, mas eu sei que na segunda-feira ele poderá estar com algum problema com o filho, mais lento ou mais voado, ele pode ter tido um problema com o filho dele, e eu até pergunto o que aconteceu e tal, ele diz essa noite eu não dormi, meu filho estava com febre, **e as vezes pelo fato de eu perguntar pra ele que eu percebi que ele não estava bem ele já melhora, eu sou assim eu percebo logo, eu tenho essa proximidade, nós respeitamos muito o ser humano, nós respeitamos as diferenças**, eu procuro respeitar ele e nunca tive nenhum problema por exemplo de alguma pessoa que me afrontasse, porque eu respeito ele, ele me respeita, é mútuo eu acho que isso é como uma engrenagem, é uma sintonia, eu procuro fazer o melhor por você, e você fazer o melhor por mim e nós procuramos fazer o melhor por todos, eu penso dessa forma [...] (Paulo – micro empresário, grifo nosso)

Os pequenos empresários que apresentam uma estrutura melhor, em relação aos micro empresários, sendo assim oferecem aos seus funcionários benefícios como convênio médico, cesta básica, até mesmo orientação ou apoio financeiro àqueles que apresentarem situações mais graves. Cumprem muitas vezes o papel do assistente social e de forma eficiente, sem burocracia ou análises ideológicas, apenas fazem o que podem fazer.

A questão da necessidade de rever a profissão como uma atividade burocrática foi um dos objetivos de Yamamoto, onde afirma:

[...] exige uma ruptura com a atividade burocrática e rotineira, que reduz o trabalho do assistente social a mero emprego, como se esse se limitasse ao cumprimento burocrático de horário, à realização de um leque de tarefas as mais diversas, ao cumprimento de atividades preestabelecidas. (IAMAMOTO, 2003, p. 21)

Interessante notar que durante os relatos obtidos, teve-se a impressão que a ação relatada pelos sujeitos colaboradores, era a ação esperada de um assistente social, mas realizadas de forma mais simples, sem nenhuma metodologia específica mas com eficiência e dentro das possibilidades.

O que eu faço aqui dentro é isso, e dou 50% do plano, dou uma cesta básica porque acho isso importante porque pega daquele que ganha pouquinho até o que ganha mais, e é uma coisa que o pessoal valoriza muito. E hoje é muito difícil você colocar por exemplo a participação de lucros ou um 14º salário porque tem aquele negócio da lei que se você faz e depois a empresa não tá bem ela é obrigada a continuar com aquilo, **é difícil esse negócio de assistência social, coisa assim de benefício pra empregado.**”(Maria – pequena empresária, grifo nosso)

Nesta fala a pequena empresária levanta uma questão séria quando diz “é difícil esse negócio de assistência social, coisa assim de benefício para empregado,” pois no Brasil a legislação trabalhista apresenta traços que devem ser revistos, o fato da empresa oferecer benefícios que não são obrigatórios legalmente pode fazer com que se tornem automaticamente, então aquilo que se configura em benefício naquele momento, mas que não é obrigado por lei mas proveniente de uma iniciativa da própria empresa pelo fato de estar passando por um bom momento, torna-se uma obrigação, sendo assim as empresas procuram uma alternativa de

proporcionar os benefícios de forma alternativa, pois se atravessarem momentos ruins não são obrigadas a manter aquilo que não podem.

Costuma, sempre atendo, principalmente coisa séria, assim quer comprar um terreno, vai construir uma casa, porque assim coisa de doença normalmente eles tem plano, é coisa de remédio que é coisa menor, mas assim quando procuram para valores maiores é geralmente pra comprar um terreno ou construir uma casa, então as vezes dependendo do funcionário **você adianta não sei quantas férias, 13º, né umas coisas assim e eles conseguem comprar, então é mais nisso, mas eu não escapo daquele que chega com duas continhas de água, de luz, a gente conversa com ele pra que ele viva de acordo com a sua realidade.** Agora quando é para adquirir um bem, eu acho que se a firma pode, porque é daqui que ele tem de tirar, é aqui que ele trabalha, tem comprar a casa dele com o dinheiro daqui e a maioria dos funcionários já tem a sua casa própria é uma coisa boa isso. (Maria – pequena empresária, grifo nosso)

Afirma-se que é constantemente procurada pelos funcionários quando estes estão passando por dificuldades, e que tenta levantar recursos necessários para sanar o problema em questão, seja aquisição de um terreno ou casa, e também trabalha com a questão educativa, no quesito orçamento, uma vez que não nos resta a todos nós, outra opção além de vivermos de acordo com nossas possibilidades, garantindo-nos assim uma melhor qualidade de vida.

[...] se falar que eu tenho um setor de Serviço Social eu não tenho mas eu não tenho um pedido de demissão, o salário dos meus funcionários aqui eu tenho até orgulho de falar eu pago super bem é um dos melhores salários de Franca, isso já tá mais que comprovado e eu não tenho nenhuma demissão, pra você ter uma idéia e descer comigo eu chamo os quarenta e quatro pelo nome, brinco na hora de brincar, xingo na hora de xingar, ferro, mas nós pagávamos 100% do convênio médico, hoje a gente não pode pagar 100 mas paga 70% e funcionário paga trinta entendeu funcionário sai eu não desconto ele me deve horas você entendeu, então essa parte social aí dentro do nosso alcance aí nós fazemos um trabalho legal, ajudo na hora que precisa, mas na maioria das vezes não tem um reconhecimento mas você não precisa esperar nada não porque é difícil, então vamos fazer pelas pessoas e se tiver algum reconhecimento vai ser do Homem lá de cima, mas tudo bem, vamos fazer porque os funcionários também tem uma vida muito difícil o cara chega aqui você não como que foi a noite dele, como é que ele largou um filho em casa, é difícil, mas muita coisa a gente releva. (José – pequeno empresário, grifo nosso)

Novamente percebe-se a existência de uma preocupação com o social, cada sujeito colaborador apresenta uma forma de fazer aquilo que está ao seu alcance, há o atendimento nas horas de maior necessidade, e também aquela visão de que pagando uma remuneração melhor proporciona-se uma melhor qualidade de vida, a baixa rotatividade de pessoal também mostra-se uma característica relevante, pois no setor produtor de calçados há uma intensa rotatividade de mão-de-obra, o que não aparece com tal relevância nas empresas estudadas. O sujeito colaborador reconhece que todos têm problemas e que mesmo quando há o auxílio nem sempre há o reconhecimento, mas credita tal atitude ao fator humano, presente em todos nós.

[...] eu já tive que fazer cursos, de dar alguma coisa pra motivar o pessoal, mas coisas pequenas, eu acho que de vez em quando é bom, uma palestra é bom, **trazer coisas boas assim que possa estar orientando o pessoal**, eu acho muito bom quando tem alguém que dê palestra sobre drogas, sobre educação dos filhos, essas coisas que todo mundo sabe, mas é bom ouvir de vez em quando, porque eu mesma gosto de ouvir de vez em quando. (Maria – pequena empresária, grifo nosso)

Constata-se que a questão aqui apresentada como “trazer coisas boas que possa estar orientando o pessoal” tem enfoque educativo, de orientação, esclarecimento, como se fosse um projeto social que objetivasse trazer informações aos funcionários, informações estas não só referentes ao trabalho mas em especial à vida privada de cada um.

[...]o que o Lula ta fazendo agora nós já fazemos há 16 anos, fome zero já existia aqui, por que, quando nós sentimos que alguns funcionários estão tendo alguma dificuldade, por exemplo meu genro que é gerente da produção da fábrica, ele enquanto as marmitas vão pra esquentar ele tem a liberdade de ir lá e dar uma olhada nas marmitas pra ver como é que ta, então quando você nota que tem uma conchinha de arroz, uma conchinha de feijão não tem mistura nenhuma, hoje, amanhã, então ta faltando alguma coisa então nós damos uma cesta básica de presente mas sem dizer que somos nós que estamos dando, por que, porque se não você cria um direito pra todo mundo então nós ajudamos assim, e mesmo os nossos funcionários entre eles quando vêem que tem alguém com alguma dificuldade fala pra mim olha fulano ta assim e nós estamos fazendo uma vaquinha, eles mesmos fazem entendeu? Então aqui na fábrica são meus amigos, eu considero, ajudo todos, eu entro dentro da fábrica eles vêm falar comigo ninguém precisa ter medo de mim, nada. (Antônio – pequeno empresário)

Neste relato o pequeno empresário compara a ação dentro da empresa com uma política social do governo, onde o enfoque é o mesmo, auxilia no que há de primordial para a sobrevivência humana, a alimentação, evidentemente com proporções bem diferentes, mas com um mesmo objetivo. Levanta também a questão dos benefícios não legais como direito, e a estratégia que utiliza para evitá-los. O que deve ser realmente levado em consideração é que de uma maneira ou de outra, auxilia-se os funcionários em suas necessidades assim como o Serviço Social o faz.

[...] eu acho o Serviço Social super interessante, nós inclusive na nossa época que nós tínhamos muitos funcionários, nós tínhamos uma psicóloga que ela trabalhava prestava serviço fora, e depois ela veio meio período e depois passou pra período integral, tanto é que eu me sinto orgulhoso que hoje eu encontro na rua muitas psicólogas, **muito serviço social** que passaram pela empresa fazendo seu estágio [...] (Paulo – micro-empresário, grifo nosso)

Esta fala nos traz uma importante reflexão, a maneira de como os profissionais da área de Recursos Humanos dentro de uma empresa, sejam eles assistentes sociais ou psicólogos, trazem em si uma conotação de auxílio, tanto que é comum o erro de confundir as funções destes profissionais “eu acho o Serviço Social super interessante, nós inclusive na época que nós tínhamos muitos funcionários, nós tínhamos uma psicóloga”, outra reflexão pertinente é o fato da psicóloga ter conseguido um maior êxito neste campo do que os assistentes sociais.

Pizzo (1999, p. 103) em seu estudo traz um questionamento que exige uma reflexão para os assistentes sociais que queiram empreender neste campo:

Por que será que os psicólogos estão sendo mais requisitados que o assistente social? Eles estão mais preparados para as funções polivalentes como o mercado vem exigindo? Um empresário entrevistado afirmou que preferia contratar o psicólogo ao invés do assistente social.

Diante do exposto até aqui é prudente e necessário trazer novas formas de atuação profissional para o universo em questão. O assistente social conhecido até então não conseguiu um espaço de atuação nesta realidade, trabalhando ou prestando serviços aos micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapato de Franca.

Não há estrutura financeira e técnica para o micro e pequeno empresário contratar um profissional de Serviço Social na sua empresa. Sendo assim, a situação pede um prestador de serviços e não um funcionário formalmente contratado com carga horária integral e tudo mais que se conhece de um pleno emprego, mas sim um consultor capaz de atender as necessidades desta demanda em específico.

Pizzo (1999, p. 105) já chamava a atenção para tal fato: Assim através de pequenos negócios, o assistente social poderá ser consultor de muitos pequenos empresários, ganhar espaços e ajudar na construção de uma nova ordem social.

Mas a autora alega que para isso ocorrer é necessário mudar, desenvolver, aprender a aprender:

Para tanto é preciso que ele desenvolva um novo perfil que preconize a sua evolução espiritual, o saber trabalhar em equipe, abrir-se para o novo (aprender a aprender): entender a sua missão e dar sentido a sua vida, desenvolver a percepção e intuição, fazer acontecer unindo criatividade e operacionalidade, pensar estrategicamente e sistematicamente, entender de gente e energizar pessoas, saber comunicar-se (ouvir, entender empaticamente, se expressar) ser pro-ativo e não reativo ou seja, enquanto consultor ou prestador de serviços, o Serviço Social precisa acima de tudo ser competente.(PIZZO, 1999, p. 105)

Iamamoto (2003) afirma que o profissional de Serviço Social dispõe de um Código de Ética e é regulamentado como um profissional liberal, mas não possui esta tradição na sociedade brasileira. Talvez seja o momento de efetivar esta condição, ser um profissional liberal, um profissional capaz de prestar serviços de forma competente que atinja as expectativas tanto de quem o contrata como daquele que se beneficia da sua ação – o usuário.

É tempo de repensar, de galgar novos caminhos profissionais, de adquirir novas posturas, de apresentar novos traços de mentalidade, pois iniciando um processo de mudança de mentalidade dentro do Serviço Social e entendendo as alterações já ocorridas e as ainda em curso na mentalidade de nossos sujeitos colaboradores é possível uma prática mais completa e real.

Há a necessidade de entender e agir de acordo com o presente, o tempo presente, a realidade presente, para isso é preciso superar o velho, entender o movimento, nada é estático assim a ação também não deve ser.

Alimentado por uma atitude investigativa, o exercício profissional cotidiano tem ampliadas as possibilidades de vislumbrar novas alternativas de trabalho nesse momento de profundas alterações na vida em sociedade. O novo perfil que se busca construir é de um profissional afinado com a análise dos processos sociais, tanto em sua dimensões macroscópicas quanto em sua manifestações quotidianas; um profissional criativo e inventivo, capaz de entender o 'tempo presente, os homens presentes, a vida presente' e nela atuar, contribuindo, também, para moldar os rumos da história. (IAMAMOTO, 2003, p. 48)

Ainda de acordo com Iamamoto (2003) tem crescido a atuação do profissional de Serviço Social na área de Recursos Humanos, esses profissionais têm sido chamados a atuar em programas de qualidade de vida, saúde do trabalhador, gestão de Recursos Humanos, prevenção de riscos sociais, círculos de qualidade, gerenciamento participativo, clima social, sindicalismo de empresa, reengenharia, administração de benefícios estruturados segundo padrões meritocráticos, elaboração e acompanhamento de orçamentos sociais, entre outros programas. Para se trabalhar com essas novas demandas há necessidade de se desenvolver novas habilidades e qualidades pessoais, como criatividade, desembaraço, versatilidade, iniciativa e liderança, capacidade de negociação e apresentação em público, fluência verbal, habilidade de relacionamento entre outras. Tais elementos são indispensáveis para que o assistente social possa responder à novas demandas e antigas atribuições que abrangem funções de coordenação e gerenciamento, planejamento, socialização de informações, etc.

A questão de desenvolver novas habilidades para conseguir expandir os campos e as formas de atuação está ligada diretamente a atualização profissional, uma atualização permanente, capaz de sintonizar-se com os ritmos de mudanças que presidem o cenário social.

A possibilidade de se prestar consultoria a este universo em específico deve ser estudada com muita responsabilidade e empenho, há várias formas de fazê-lo, seja individualmente às empresas, seja com a formação de consórcios ou grupos que tenham um objetivo em comum e a partir daí estabelecer metas e planos para serem efetivados, seja com prestação de serviços a órgãos representativos da classe onde a atuação do profissional possa atender a todos os associados ou ainda como sugeri Barbosa (2007, p. 2) através da atuação em agências de fomento a serem instaladas nesse setor:

É urgente a necessidade de uma agência local de fomento ao desenvolvimento capaz de gerar a internacionalização das atividades produtivas visando ampliação da base exportadora.[...] Tornar Franca sinônimo de pólo produtivo de referência internacional e trabalhar para que ele se consolide no exterior, não apenas na nossa retórica provinciana. Com estrutura enxuta e custos reduzidos, somado parcerias com universidades, essa agência seria responsável pela oferta de serviços de outra forma inalcançável para o padrão empresarial aqui predominante: prospecção de mercado, assessoria à exportação, organização de feiras e eventos para micro e pequenos, relações públicas com embaixadas, consulados e câmaras de comércio, condições para pensar um projeto próprio de desenvolvimento.

É através de propostas que se evolui, se desenvolve, deslumbra-se uma nova realidade, assim também deve ser o Serviço Social, propor para crescer, avançar. Este é o desafio das mentalidades, percebê-las em evolução, alteração, um constante refazer-se. A mentalidade tradicional dos homens-do-sapato não comporta um profissional de Serviço Social com traços de mentalidade extremamente arraigados em ideologias e ortodoxias, tendo como agravante que tal situação mostra-se com alto grau de reciprocidade. Mas há de se compreender através do estudo aqui proposto que ambas mentalidades mostram-se em movimento aportando traços contundentes de alteração, é necessário entender isto, a partir daí novas possibilidades se abrirão.

A realidade está dada e carente de ações, as possibilidades dependem de quem nelas acreditam, sendo assim o campo de atuação está aberto para a construção de novos traços de mentalidades e de novas ações.

5 CONCLUSÃO

Considerações Finais (...) construir, desconstruir e reconstruir (...)

Durante a elaboração deste trabalho, nosso objetivo, além de trazer à tona as especificidades de uma realidade ainda pouco estudada, em especial pelo Serviço Social, foi o de provocar no leitor novos pontos de vista, novas reflexões e indagações sobre a problemática em evidência.

Apresentamos atores sociais, ainda pouco conhecidos, pois muitas vezes de forma generalizada são enquadrados como capitalistas, no sentido de grandes detentores de capital, poder e *status quo*, e de acordo com as falas dos sujeitos pesquisados e nossa análise, é possível encontrarmos pessoas extremamente comuns e simples que lutam pela sua sobrevivência com muita coragem e perseverança, e que através destas características conseguem manter-se e aos inúmeros núcleos familiares que com eles trabalham, lutam, tentam, perseveram. Muitas vezes são operários que oferecem trabalho a outros operários, um ser naturalmente “híbrido”.

Desta forma redirecionamos o *fazer ciência* por considerar que a história oficial sempre esteve voltada aos grandes feitos dos grandes homens, nós aqui nos detemos em mostrar os grandes feitos de homens simples, homens-do-sapato. Dando voz e vez àqueles que pouco aparecem, mas que muito fazem.

A dinâmica da reestruturação produtiva, contribuiu nesta realidade em específico em disseminar o *know-how* de fabricação do sapato por amplas camadas da classe trabalhadora, ao facilitar o acesso à concepção de modelos, design e materiais num ambiente propício ao estabelecimento por conta própria, o “turbilhão da reestruturação” também gerou uma multidão de novos empreendedores, não sendo por acaso que quase dois terços dos empresários surgidos a partir de 1990 tem origem operária.

Entre as singularidades do setor, a reestruturação produtiva não causou sobremaneira a expansão do trabalho intelectual e a redução e desvalorização do trabalho manual, pois este último ainda é fator fundamental não apenas na dinâmica da produção, mas também como elemento de ligação para a formação de inúmeras trajetórias empresariais.

As micro e pequenas empresas do setor produtivo de sapato de Franca, apresentam uma acentuada relevância no que concerne a geração de empregos,

sendo as microempresas responsáveis por 78,5%¹⁵ dos empregos, é improvável que tal situação provoque saudades de um retorno à linha de produção, sendo assim prima-se por políticas públicas de amparo ao micro e pequeno industrial, fornecendo-lhe informação e capacitação para que se mantenham no mercado. Havendo a necessidade de uma solução de caráter público e não privado. Evidentemente que os pequenos empreendedores não pretendem retornar aos seus antigos empregos mas sim continuar seus negócios em condições adequadas. É possível constatar que o perfil deste empresariado nada tem haver com o perfil predominante do empresário no cenário do capitalismo atual.

O estudo aqui proposto visa à compreensão de um ator social híbrido, cujas características e hábitos da condição operária permanecem, coexistindo com a nova condição de empresário, a compreensão desta realidade torna-se um importante instrumento para a elaboração de políticas públicas que venham ao seu auxílio, procurando assim colaborar com o desenvolvimento de todo o parque industrial, em especial dos micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapatos de Franca, refletindo diretamente na questão social de toda cidade de Franca.

A decisão de se montar uma fábrica de sapato já se caracteriza como um traço empreendedor, segundo o entendimento de nossos sujeitos colaboradores, pois apresenta uma postura aberta à riscos, alguns possuem um grau de planejamento mais aguçado do que outros, mas o fato de se colocar em risco o único recurso existente já é um diferencial. Diferente daquele que se mostra extremamente dependente da segurança que um emprego convencional muitas vezes oferece, mesmo com falta de perspectivas de crescimento pessoal/profissional e um salário insatisfatório preferem isso a se arriscar, e o fato de se ter uma formação intelectual superior não determina em nada o grau de empreendedorismo, ao contrário o inibe.

É possível verificarmos que o empresariado do sapato de Franca vem sofrendo uma alteração em sua mentalidade, traços extremamente fortes como a ostentação que por exemplos recentes tem-se mostrado fatal à sobrevivência das empresas inclusive as maiores e a acomodação dos empreendedores do setor estão gradativamente dando lugar a um novo personagem que assume um caráter pró-ativo, enfrentando várias situações inusitadas que quando superadas são tidas como exemplo para todo o setor. Outro traço de mentalidade relevante, a falta de união e

¹⁵ Dados Sindifranca/2007

confiança também vêm apresentando uma determinada alteração, percebe-se que há frágeis níveis de cooperação mais ao mesmo tempo tem-se a consciência de que a reversão desse quadro beneficiará o coletivo, sendo assim há a possibilidade de uma mudança de postura, mudança esta que se bem trabalhada em políticas públicas específicas beneficiará de forma extremamente positiva todo o setor e a cidade.

A consciência da real situação do setor produtivo de sapato, que é uma indústria tida como pobre e periférica proporciona um maior senso de realidade, provocando nos atores sociais a necessidade de fazer alterações na maneira de como administram suas empresas, em suas posturas enquanto empreendedores, evitando gastos desnecessários e dando maior importância ao planejamento de suas atividades.

Sendo assim propomos um ponto de vista, um pensar diferente, sobre a realidade destes atores sociais, os micro e pequenos empresários do setor produtivo de sapatos de Franca –SP, maior pólo produtor de sapatos masculinos do Brasil, tendo esta atividade como principal meio econômico da cidade. Ao mesmo tempo houve a necessidade de analisarmos o Serviço Social aqui existente, uma vez que há na cidade uma das melhores Faculdades de Serviço Social do Brasil, no entanto tais fatores não se relacionam, ou se auto-interferem.

Constatamos através da pesquisa empírica que os atores sociais, nossos sujeitos colaboradores apresentam características pouco comuns, realmente como um ser híbrido, um ser em construção. São todos ex-operários de fábricas de sapato, que por força das circunstâncias e com uma dose de empreendedorismo montaram suas fábricas, em sua grande maioria sem o devido respaldo financeiro e mesmo capacidade administrativa, mas possuíam o “saber-fazer” sabiam fazer sapato.

Ao analisarmos alguns traços da mentalidade por eles apresentada, identificamos que existem várias características em mutação, estão sofrendo os efeitos de toda uma construção de mentalidade que se forma há décadas, e sentindo as ressonâncias do momento presente, da realidade atual. Sendo assim pode-se afirmar que estão se reconstruindo, apresentam-se mais equilibrados em relação à gestão de suas empresas e entendem que necessitam de melhorar, percebem que o setor produtivo de sapato é periférico e suscetível a vários problemas; apresentam um grau de união extremamente baixo mas identificam a

necessidade de mudar tal quadro, a necessidade do associativismo é premente para a sobrevivência do setor; identificam fatores que lhes compete e àqueles que dependem da esfera governamental; consideram-se empreendedores, pois entendem que o fato de apresentarem determinação o suficiente para estarem com suas empresas há tempos no mercado, produzindo, gerando emprego e renda é um diferencial.

Apresentam uma consciência social simples, não vêem há necessidade de muitos métodos ou técnicas para atender seu funcionário naquilo que necessitam. A proximidade entre empresário e operário é grande, havendo total liberdade de em caso de necessidade fazer a solicitação diretamente, o que facilita no atendimento. O empresário presta a assistência de acordo com suas possibilidades e convicções.

Nas falas de nossos sujeitos colaboradores é possível apreender uma simplicidade inerente a todos, e a consciência social apresentada vem desta origem mais simples, posto que também já foram funcionários e entendem as dificuldades as quais todos estão sujeitos.

Enfim, foi possível encontrar empreendedores que sobrevivem às adversidades e artistas que utilizam devidamente seu potencial criativo com as mais variadas características e qualidades que se bem trabalhadas e devidamente estimuladas terão um reflexo extraordinário na efetiva alteração da mentalidade dos “homens-do-sapato” fazendo desses atores sociais sujeitos de uma nova história da produção do sapato em Franca.

Em relação ao Serviço Social estes atores sociais, pouco o conhecem, e o que sabem é de maneira extremamente superficial, desta forma não cogitam a idéia de terem este profissional trabalhando em sua empresa. Isto se dá também pelo fato de geralmente não empregarem profissionais com maior graduação acadêmica em suas empresas considerando que são detentores de um salário maior o qual a empresa não teria condições de pagá-lo.

A realidade em questão apresenta suas especificidades, diferente daquela mais difundida, da atuação do Serviço Social em grandes empresas, o universo de pesquisa é formado por micro e pequenas empresas, não ultrapassando a 99 funcionários, estruturas pequenas onde a proximidade entre empresário e operário é evidente. Quando questionados sobre a implantação do Serviço Social em suas empresas, foram claros em demonstrar que a estrutura apresentada não comporta este profissional por questões financeiras e operacionais, também demonstraram

que possuem consciência social, fazem o que está ao seu alcance para proporcionar uma melhor qualidade de vida àqueles com quem trabalham, cada um a sua maneira e de acordo com as suas possibilidades.

Ao analisarmos o Serviço Social e sua atuação no setor produtivo de sapato, constatamos que houve um *boom* na década de 1980 em relação ao número de empresas que empregavam assistentes sociais neste período, chegando a 21 profissionais, já no início da década de 1990 houve uma drástica redução nesse quadro e atualmente apenas 3 assistentes sociais trabalham no setor. Chamamos a atenção ao fato de que estes números são referentes a empresas de médio e grande porte, não havendo atuação deste profissional nas micro e pequenas empresas.

Inúmeros foram os fatores que determinaram tal redução entre eles aspectos econômicos com redução do quadro funcional em especial na área de Recursos Humanos, incompatibilidade de metas entre assistentes sociais e empregadores; rígida postura ideológica do assistente social chegando muitas vezes ao radicalismo; mentalidade tradicional do empresariado entre outros.

Quanto à postura do assistente social neste âmbito, Yamamoto (2003) afirma que o profissional de Serviço Social dispõe de um Código de Ética e é regulamentado como um profissional liberal, mas não possui esta tradição na sociedade brasileira. Talvez seja o momento de efetivar esta condição, ser um profissional liberal, um profissional capaz de prestar serviços de forma competente que atinja as expectativas tanto de quem o contrata como àquele que se beneficia da sua ação – o usuário.

É tempo de repensar, de galgar novos caminhos profissionais, de adquirir novas posturas, de apresentar novos traços de mentalidade, pois iniciando um processo de mudança de mentalidade dentro do Serviço Social e entendendo as alterações já ocorridas e as ainda em curso na mentalidade de nossos sujeitos colaboradores é possível uma prática mais completa e real.

Há a necessidade de entender e agir de acordo com o presente, o tempo presente, a realidade presente, para isso é preciso superação, entender o movimento, nada é estático assim a ação também não deve ser.

A questão de desenvolver novas habilidades para conseguir expandir os campos e as formas de atuação está ligada diretamente a capacitação profissional,

uma atualização permanente, capaz de sintonizar-se com os ritmos de mudanças que presidem o cenário social.

É notório que não há estrutura financeira e técnica para o micro e pequeno empresário contratar em período integral e de forma convencional um profissional de Serviço Social na sua empresa. Sendo assim a situação pede um prestador de serviços e não um funcionário formalmente contratado com carga horária integral e tudo mais que se conhece de um pleno emprego.

A possibilidade de se prestar consultoria a este universo em específico deve ser estudada com muita responsabilidade e empenho, há várias formas de fazê-lo, seja individualmente às empresas, seja com a formação de consórcios ou grupos que tenham um objetivo em comum e a partir daí estabelecer metas e planos a serem efetivados, seja com prestação de serviços à órgãos representativos da classe onde a atuação do profissional possa atender a todos os associados.

Objetivamos apresentar uma postura reflexiva e aberta, buscando metodologias que nos apresentem o humano enquanto humano, com seus risos, lágrimas, angústias, conquistas, defeitos e qualidades, enfim com toda gama de emoções que o homem, ser social apresenta. E o fazemos de forma natural, sem considerá-los “deuses” mas homens comuns que lutam pela vida, uma vida melhor a cada dia, como todos os homens.

Além disso, nosso objetivo foi o de nos apropriarmos do provisório e não do perpétuo, do definitivo, visto que o conhecimento é um processo em constante evolução e assim toma várias formas, configurações, dimensões e cores. Tal conhecimento é sempre limitado porém dotado de possibilidades.

De acordo com Campanhol (2000, p.287) “o trabalho é limitado pelo meu presente, outros olhares e o distanciamento histórico, certamente farão surgir outras faces da realidade. Construir e reconstruir é mister do homem e, a história só termina com a morte do último homem”.

Este conhecimento, este fazer constante, também se apresenta no global e no local, com suas generalidades e singularidades, de maneiras diversas, em diferentes proporções, com diferentes impactos, devendo ser levados em consideração.

É importante ressaltar que tais considerações não se encerram aqui, visto que o respectivo estudo enfatiza uma realidade local que se interage com uma dinâmica globalizada, contextualizada em um determinado momento histórico. Mas

cumpra seu propósito de contribuição para o entendimento e reflexão sobre fatores preponderantes da realidade estudada.

É através de propostas que se evolui, se desenvolve, deslumbra-se uma nova realidade, assim também deve ser o Serviço Social, propor para crescer, avançar. Este é o desafio das mentalidades, percebê-las em evolução, alteração, um constante refazer-se. A mentalidade tradicional dos homens-do-sapato não comporta um profissional de Serviço Social com traços de mentalidade extremamente arraigados em ideologias e ortodoxias, tendo como agravante que tal situação mostra-se com alto grau de reciprocidade. Há de se compreender através do estudo aqui proposto que ambas mentalidades mostram-se em movimento aportando traços contundentes de alteração, é necessário entender isto, e a partir daí novas possibilidades se abrirão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006

ARIÉS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques (Org.) **A história nova: sob nova direção**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARBOSA, Agnaldo Sousa ; MENDES, Alexandre; BRAGA FILHO, Hélio. Verso e reverso da reestruturação produtiva: expressões da precarização do ambiente fabril na indústria do calçado de Franca-SP. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CÁTEDRA, 2., 2005, São Leopoldo. **Anais...** . São Leopoldo: UNESCO; UNISINOS, 2005. p.1-5.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado**. São Paulo: Hucitec : FAPESP, 2006.b.

_____. Levantados do chão: trajetórias profissionais e experiências de classe do empresariado do calçado no contexto da reestruturação econômica das últimas décadas. In: WORKSHOP EMPRESA, EMPRESÁRIOS E SOCIEDADE, 5., 2006, Porto Alegre. **Anais...** . Porto Alegre: PUC/RS, 2006a.

_____. Reflexos da reestruturação produtiva no tecido empresarial da indústria calçadista. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES DO UNI-FACEF, 8., 2007, Franca. **Anais ...** . Franca: Uni-Facef, 2007.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. Por uma agência municipal de desenvolvimento. **Comércio da Franca**, Franca, 4 out. 2007.

BATISTA, Paulo Nogueira. **O consenso de Washington**: a visão neoliberal dos problemas latino americanos. 3. ed. São Paulo: Cartilha Popular, 2001.

BATISTA, Samuel Ramos. **Viabilidade econômico-financeira de se montar uma indústria de calçados**. São Paulo: FAAP, 1996. (Versão preliminar da Monografia de Conclusão de curso).

BRAGA FILHO, Hélio. **Globalização em Franca**: a reorganização industrial e economia informal. 2000. 267f. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Franca, Franca, 2000.

CAMPANHOL, Edna Maria. **As reações socioeconômicas em Franca em face do processo de globalização**. 2000. 308f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2000.

CANÔAS, José Walter (Org). **Serviço Social do trabalho**. São Paulo. Ed. Unesp. 1971.

CARVALHO, Valéria Landim de. O Serviço Social e o setor informal. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 10, n.32, p. 5-17, maio 1990.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Atlas, 1995.

CHIACHIRI FILHO, José. **Vila Franca do Imperador**: subsídios para a história de uma cidade. **Franca**: O aviso da Franca, 1967.

_____. **Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. 1973. 244f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 1973.

Comércio da Franca. Franca. Disponível em: <<http://www.comerciodafranca.com.br>>
Acesso em: nov/2006 – jul/2007.

COSAC, Cláudia Maria Daher. **As práticas profissionais do Serviço Social:** dimensões interventivas na agroindústria canavieira da região de Ribeirão Preto. 1998. 245 f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1998.

COSTA, Achyles Barcelos da. **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil:** impactos das zonas de livre comércio. Cadeia: couro calçados/Nota técnica final. Campinas: Unicamp-IP-Neit/MDIC/MCT/Finep, 2002. Mimeo.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem:** a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.

DUPAS, Gilberto. A lógica econômica global e a revisão do Welfare State: a urgência de um novo pacto. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.12,n.33, p.171-183, 1998.

_____. **Economia global e exclusão social:** pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ENGLER, Helen Barbosa Raiz. **Serviço Social de empresa:** um instrumento à serviço da filosofia empresarial? 1995. 105 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1995.

_____. Pesquisa Quantitativa: um aporte a apreensão da extensão da realidade investigada. In: BERTANI, Íris Fenner. **Relatório da saúde.** relatório QUAVISS. Franca. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2006, v.1, p 23-36.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Metodologia e ideologia do trabalho social.** São Paulo: Cortez, 1989.

FERNANDES, Reynaldo (Org.). **O Trabalho no Brasil limiar do século XXI.** São Paulo: LTR, 1995.

GÉNÉREUX, Jacques. **O horror político**: o horror não é econômico. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico (Org.) **Educar na esperança em tempos de desencanto**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GIDDENS, Anthony. **A terceira via**. Brasília DF: Instituto Teotônio, 1999. (Pensamento Social-democrata).

GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro:Forense-Universitária, 1987.

GRUPO META. **Serviço Social na empresa**: utopia ou realidade. São Paulo: Cortez, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

IANNI, Octávio. **A cidade global**. Rio de Janeiro: Cultura Vozes. 1994

_____. **Teorias da globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **A era do globalismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KARSCH, Úrsula M. Simon. **O Serviço Social na era dos serviços**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos objetivos. Tradução Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976

LE GOFF, Jacques(Org.). **A história nova**: sob nova direção; Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEITE, Márcia de Paula. **O futuro do trabalho**: novas tecnologias e subjetividade operária. São Paulo: Página Aberta, 1994.

MARQUES, Alice. **Helena Junqueira**: a construção de uma mentalidade em Serviço Social. 1994. 264 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica São Paulo, 1994.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social**: identidade e alienação. São Paulo: Cortez, 1989.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. L.1. v. 1.

MATTOSO, Jorge. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLO, Paulo César Rodrigues de. **Cultura e comportamento do pequeno empresariado da indústria calçadista de Franca**. 2004. 180f. Dissertação (Mestrado em Administração), Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Franca, Franca, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORROW, Raymond; TORRES, Carlos Alberto. Estado, Globalização e Políticas Educacionais. In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e educação**: perspectivas críticas. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004. p. 27-44.

NAVARRO, Vera Lúcia. **Trabalho e trabalhadores do calçado**: A indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais a reestruturação produtiva. São Paulo: Expressão Popular, 2006b.

_____. A indústria de calçados no turbilhão da reestruturação. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006a. p. 387-424.

OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**: transformações contemporâneas do trabalho e da política. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIZZO, Ana Luisa Vilhena. **A mentalidade do empresário calçadista francano**: existe espaço para o Serviço Social? 1999. 162f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 1999.

POCHMANN, Márcio. Desemprego do Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 59-76.

REIS, Carlos Nelson dos. **A indústria brasileira de calçados**: inserção internacional e dinâmica interna no anos 80. 1994. 257f. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

RICO, Elizabeth de Melo. Palestra: alternativas da prática profissional para o atendimento das principais necessidades dos empregados. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, ano 6, n.18, p. 51-60, ago.1985.

_____. O empresariado, a filantropia e a questão social. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, ano 19, n. 58, p.24-40, nov. 1998.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico; tradução Maria Sílvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. A instabilidade do capitalismo. In: CARNERIO, Ricardo (Org.). **Os clássicos da economia**. São Paulo: Ática, 1997.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria Brasileira**: origem e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. História Oral e Educação: virtualidades, impregnações, ressonâncias. In: ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; Junqueira, Sérgio R. A. (Org.). **Conhecimento local e conhecimento universal**: pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat, 2004.

TOMAZINI, Maria Lúcia Vanucchi. **A mulher de sapatos**: trabalho e gênero na indústria calçadista de Franca-SP. 2003. 313 f. Teses (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2003.

TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior**: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945). 1998. 276 f. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

VIEIRA, Balbina Ottoni. **História do Serviço Social**: contribuição para a construção de sua teoria. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

_____. **Serviço Social**: precursores e pioneiros. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

VOVELLI, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Tradução Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.

APÊNDICES

Apêndice A

Roteiro base para Relatos de Vida.

- 1- Como se deu o início do trabalho com o calçado?
- 2- Houve um planejamento antecipado para se tornar empresário?
- 3- Acreditava que seria possível chegar aonde chegou?
- 4- A família trabalha na empresa?
- 5- Você acha isso importante? Porque?
- 6- Quais as dificuldades enfrentadas na sua formação enquanto empresário?
- 7- Quais os êxitos?
- 8- Quais as suas perspectivas quanto ao futuro, no que diz respeito ao sapato?
- 9- O que você passou e não gostaria que seus filhos passassem?
- 10- Quais as maiores dificuldades enfrentadas hoje?
- 11- Você se considera um empreendedor?
- 12- Como você se vê – empresário/operário?
- 13- Como vê o empresariado francano em especial os micro e pequenos? O que poderia ser feito para melhorar a sua situação. Algo que realmente possa ser feito através de suas iniciativas, sem esperar auxílio do governo?
- 14- É possível o associativismo?
- 15- Como vê a atuação do Serviço Social dentro da empresa?
- 16- Há a possibilidade de atuação do Serviço Social nesta realidade?
- 17- Como se daria essa atuação?

Apêndice B**Formulário - Informações da empresa:**

Data da fundação:

No início :

Nº de funcionários:

Parentes:

Produção:

Exportação: Sim () Não ()

Calçados: Masculinos () Femininos () Infantis ()

Administração familiar: Sim () Não()

Benefícios: Sim () Não() Quais:

Atual:

Nº de funcionários:

Parentes:

Produção:

Exportação: Sim () Não ()

Calçados: Masculinos () Femininos () Infantis ()

Administração familiar: Sim () Não()

Benefícios: Sim () Não() Quais: